



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO – CAMPUS OLINDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA – PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

MARIA APARECIDA CRUZ

**MULHERES INTEGRANTES DE NÚCLEOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: narrativas sobre Empoderamento
Feminino**

Olinda/PE

2024

MARIA APARECIDA CRUZ

**MULHERES INTEGRANTES DE NÚCLEOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: narrativas sobre Empoderamento
Feminino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, *Campus* Olinda, como requisito para o título de mestre em Educação Profissional e Tecnológica

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bernardina Santos Araújo de Sousa

Linha de Pesquisa: Macroprojeto 6 – Organização de espaços pedagógicos da EPT

Olinda/PE

2024

C957m Cruz, Maria Aparecida.

Mulheres integrantes de Núcleos de Gênero e Diversidade na Educação Profissional e Tecnológica: narrativas sobre empoderamento feminino. / Maria Aparecida Cruz. – Olinda, PE: O autor, 2024.

170 f.: il., color. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bernardina Santos Araújo de Sousa.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, Campus Olinda, Coordenação Local ProfEPT/IFPE - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, 2024.

Inclui Referências, Apêndices e Anexos.

1. Educação – Igualdade. 2. Educação - Gênero e diversidade. 3. Inclusão. 4. Políticas afirmativas. 5. Empoderamento feminino. I. Sousa, Bernardina Santos Araújo de (Orientadora). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE. III. Título.

370.115

CDD (22 Ed.)

MARIA APARECIDA CRUZ

**MULHERES INTEGRANTES DE NÚCLEOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: narrativas sobre Empoderamento
Feminino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco *Campus* Olinda, como requisito para o título de mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 04 de novembro de 2024.

Comissão Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Bernardina Santos Araújo de Sousa
Instituto Federal de Pernambuco, *Campus* Olinda (Orientadora)

Prof. Dr. Kléber Fernando Rodrigues
Instituto Federal de Pernambuco, *Campus* Olinda (Examinador Interno)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Furtado Soares Pontes (Examinadora Externa)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Vieira de Melo (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, *Campus* Caicó

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

MARIA APARECIDA CRUZ

PODCAST: O Empoderamento Feminino em discussão

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco *Campus* Olinda, como requisito para o título de mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 04 de novembro de 2024.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Bernardina Santos Araújo de Sousa
Instituto Federal de Pernambuco, *Campus* Olinda (Orientadora)

Prof. Dr. Kléber Fernando Rodrigues
Instituto Federal de Pernambuco, *Campus* Olinda (Examinador Interno)

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Furtado Soares Pontes (Examinadora Externa)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Vieira de Melo (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, *Campus* Caicó

Dedico este trabalho a Deus, pelas bênçãos recebidas em mais esta conquista, a qual merecidamente também dedico às pessoas amadas e queridas da minha vida – meu filho Vitor José, minha filha Maria Vitória – que me completam, estimulam, dão-me forças e desafiam-me a cada dia a ser uma pessoa melhor.

Dedico às mulheres fortes, determinadas, que foram além do seu tempo (*in memoriam*), Minha mãe “Dona Lia”, que me ensinou a lutar e também a me amostrar como dizem: “das filhas, sou a mais parecida com ela, em tudo”.

A minha amiga Professora Rosário Sá Barreto (*in memoriam*), que com sua presença marcante em minha vida me ensinou a ser mais humana. Quando me chamava: “Cidolina, Cidolina!”, queria me ensinar, ou me chamar a atenção de alguma coisa. Minha Rô, querida!

A minha linda dona Terezinha (*in memoriam*), que me ensinou que a generosidade é algo para a vida inteira. E a minha Dona Lia (*in memoriam*), vizinha querida, que me abençoava todos os dias. A essas mulheres lindas, poderosas, todo o meu afeto, toda a minha saudade.

Dedico carinhosamente a minha Orientadora: Prof^{ca}. Dr^a. Bernardina Araújo, que nunca soltou a minha mão para chegarmos juntas nesse momento de defesa, que, além de orientadora, é uma amiga, uma irmã, uma parceira na e para a vida, um grande e afetuoso obrigado.

Às mulheres que fizeram parte da minha pesquisa, cada uma com uma história, por “serem mulheres,” que não cansam de lutar em seus espaços por dias melhores para todas as mulheres.

As mulheres não precisam apenas das políticas públicas, mas de pessoas comprometidas com suas histórias de lutas na vida e pela vida, nessa sociedade ainda tão patriarcal.

A minha gratidão!

AGRADECIMENTO

Deus, por me dar forças para continuar resistindo, lutando e acreditando, enviando pessoas do bem para segurarem a minha mão.

Ao meu pai **Otávio Severino Cruz** (*in memoriam*), que mesmo semianalfabeto garantiu o meu estudo. Segundo ele, o segundo grau era o suficiente para pessoas humildes como os nossos.

A minha mãe **Maria do Carmo Cruz** (*in memoriam*), que nos acompanhou em todo o processo de educar, ter fé e acreditar que tudo na vida vale a pena. A essa mulher nota mil, que nunca mediu esforços para nos ajudar, nos encorajar a não desistirmos de buscar o melhor para as nossas vidas.

À **Profa. Rosário Sá Barreto** (*in memoriam*), que acompanhou vários momentos da minha vida, na criação de Vitor, na chegada de Vitória, na minha construção de vida pessoal e profissional. Valeu, Rosário!

A minha orientadora, **Prof^a. Dr^a. Bernardina Santos Araújo de Sousa**, amiga e irmã que a vida me presenteou com a sua presença marcante, desde a sua chegada pela primeira vez em Pesqueira. Nossa querida Berna, uma inspiração, uma mulher, mãe, professora, servidora nota mil, comprometida com o que faz e com o que ainda vai fazer. Obrigada por me ensinar tanto e por me mostrar que tudo é possível. Grata pela confiança, pela pegada de mão, pelos momentos de aprendizagem acadêmica e de vida.

A minha banca de defesa do mestrado: Professor **Dr. Kleber Fernando, Ana Paula Furtado Pontes e Maria Aparecida Viera de Melo**, que se completam para abrilhantar esse momento, com rigor e afeto. Sinto-me feliz com esse reencontro nesse momento esperado. Estou imensamente agradecida por vocês estarem aqui comigo! Confiança, admiração, respeito e afeto estão totalmente sincronizados no meu coração.

Às Professoras Sandra Gomes, Nathalia da Mata e à estudante Mariá Holanda Lima, que gentilmente aceitaram o convite e participaram com muito esmero do nosso *Podcast: Empoderamento Feminino em Discussão*. Gratidão pela cuidado e atenção ao nosso trabalho.

A minha amiga **Jove**, um presente que a vida me deu, que no meio de uma aflição, surgiu como uma amiga potente. Grata também pelas contribuições e correções em meu trabalho.

Ao meu amigo e parceiro **Ricardo Santos de Almeida** e a minha amiga **Sara Ingrid Borba**, que me acalentavam nos momentos de dificuldades e me ajudaram nas construções deste trabalho. Essa parceria é para a vida.

Aos amigos e amigas da **DAE** (Reitoria IFPE), Sívia Bacalhau, Lucas Dantas, Nathalia da Mata, Cintia Batista, Bárbara Mierella, Daise França, Rossana Rameh, Nildo Caú, Felipe, os meus agradecimentos afetuosos.

As minhas amigas: Josineide Braz, Wilma Ribeiro, Aliny Karla, Nivânia Ferreira, Maêlda Lacerda, Vera Braga, Avany Arruda, Aline Alves, Sandra Perazzo, Márcia Girlene, Isailma Barros, Rosely Conrado, Ruth Malafaia, Elisama, nossa doce Maurinha, Rúbia Rêgo Barros, Rejane Tolêdo, Maria Alves, Juliana das Oliveiras, Rafaela Albuquerque e Gláuria Simões. A Janilson Alves e Ricardo Tenório, por sempre estar me acompanhando, me incentivando e contribuindo em momentos difíceis.

Às pessoas queridas, Márcia Girlene, Cintia Batista, Renata e Luana, Sérgio Severo, Marcos Juliano e Jackson, pelas contribuições acertivas ao meu trabalho.

Gratidão a **todas as mulheres** que participaram dessa pesquisa, dos *campi* Pesqueira e Recife, que nos confiaram as suas histórias de vidas e de lutas enquanto mulheres, numa sociedade ainda tão patriarcal e misógina.

Ao **Projeto Malungo Lab** do *campus* Recife, na coordenação do Prof. Dimas Brasileiro Veras e suas alunas e alunos, que deram toda a cobertura às entrevistas e ao Produto Educacional – O *Podcast*: O Empoderamento Feminino em Discussão. Em especial, aos alunos: Nielson, Yuri e Júlio; e às alunas: Tamyres, Sofia e Maycha, gratidão pela dedicação sempre.

A **Claudeildo e Rejane**, presentes da psicologia, que me ajudaram a buscar o equilíbrio emocional nos momentos mais difíceis, me mostraram caminhos.

As minhas irmãs Zera, Daniela e Vera, que contribuíram na organização final, me deixando mais segura nesse momento ímpar da minha vida.

Aos professores e professoras do **ProfEPT Mestrado**, que na convivência nos mostraram o que é ser de excelência, um grupo que se destaca além da sua competência técnica, com o compromisso com o programa e com cada estudante, que, afetuosamente, cuidaram e cuidam de cada um de nós. Em nome da coordenadora **Prof^a. Rosângela Maria de Melo**, agradeço esse cuidado, essa atenção.

A toda a nossa turma querida, acolhedora, amorosa e afetuosos: Renata, Viviane, Luana, Rafaela, Valéria Fagundes, Valéria Guerra, Clarice, Cynthia, Virgínia, Nathalia, Diva, Jackson, Marcos, Sérgio, Guilherme, Carlos André, Luiz Alexandre, Luiz Henrique, José Lenilson, Stênio, Gideão e Otávio.

A todas essas pessoas, toda a minha gratidão, admiração e agradecimentos.

RESUMO

Esta dissertação advem de uma pesquisa oriunda do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFPE, *campus* Olinda. Tomou como eixo estruturante a dimensão humana integral, resultante da visão omnilateral da formação para o trabalho, por entender que todos os espaços que compõem a formação profissional de homens e mulheres deverão apontar na direção desse ponto de vista. Diante disto, o presente trabalho foi guiado pela curiosidade epistemológica, que buscou responder acerca do que revelavam os documentos e as narrativas de mulheres cisgênero e transgênero, vinculadas ao Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidades (Neged), além de outros sujeitos não participantes do referido núcleo que estavam envolvidos no debate institucional sobre as possibilidades de consolidação de uma consciência crítica, dada na perspectiva do Empoderamento Feminino. Assim sendo, elegeu-se como objetivo geral: compreender as contribuições do Neged para a superação das desigualdades de gênero, dada, sobretudo, na direção do Empoderamento Feminino, a partir das percepções de mulheres integrantes desses núcleos. Para alcançar tais finalidades, foram adotadas as pesquisas bibliográficas, documental e empírica. O processo investigativo, na fase exploratória, envolveu a aplicação de questionários semiestruturados, contemplando as coordenações de 12 dos 16 núcleos existentes no IFPE. A fase seguinte foi iniciada pela seleção de dois *campi* que integraram a fase empírica da pesquisa, sendo aplicados questionários e realizadas as Entrevistas Narrativas (ER), envolvendo os segmentos/categorias: docentes, técnicas administrativas, estudantes com vínculo com o Neged (regular e egressa), estudante regular, sem vínculo com o Neged, mas envolvida institucionalmente com essa pauta de discussão. O Produto Educacional resultante da pesquisa se apresenta como áudio-documentário, compondo uma série de *podcasts*, trazendo miniconferências e narrativas contemplativas de breves discussões acerca da categoria Empoderamento Feminino, envolvendo experiências vividas por mulheres estudosas das relações de gênero e que, noutros contextos, integraram ou coordenaram esses núcleos e que ainda acrescentam à exposição uma percepção de si, no panorama do contexto exposto, contribuindo para aprofundar entendimentos sobre o Empoderamento Feminino. Como resultados alcançados, o trabalho oferece destaque aos entendimentos: a) o *corpus* documental analisado aponta significativos avanços nas políticas afirmativas de gênero no IFPE; b) o Neged tem favorecido e fomentado políticas e ações na direção da superação da desigualdade de gênero e na construção de uma compreensão crítica do Empoderamento Feminino; c) o Neged tem se configurado como o lócus de acolhimento das demandas institucionais acerca dos elementos que marcam a história das estudantes e servidoras na sua cotidianidade; d) os projetos de extensão têm contemplado, de forma significativa, discussões e ações contemplativas da perspectiva de empoderamento; e) os corpos de mulheres transgênero, vinculadas ao Neged, têm forçado seus lugares no espaço da institucionalidade do IFPE; f) os marcos temporais sinalizando o passado e o presente na vida de mulheres de uma mesma família têm funcionado como regulador à construção de novos sentidos do ser mulher/tornar-se mulher. Estima-se que esta pesquisa corrobore com os estudos e práticas que impulsionam as políticas afirmativas de gênero, sobretudo na direção do Empoderamento Feminino, que se inscreva no ponto de vista crítico-reflexivo.

Palavras-chave: Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade (Neged); Empoderamento Feminino; formação omnilateral; pesquisa narrativa.

ABSTRACT

This dissertation stems from research conducted within the Professional Master's Program in Professional and Technological Education at IFPE, Olinda campus. It was structured around the concept of integral human development, derived from the omnilateral vision of education for work, under the premise that all spaces contributing to professional training for men and women should align with this perspective. Thus, this work was guided by epistemological curiosity, aiming to answer what was revealed through documents and narratives of cisgender and transgender women linked to the Gender and Diversity Studies Center (Neged), as well as other individuals outside the center involved in the institutional debate on the possibilities of consolidating critical consciousness from the perspective of Women's Empowerment. Thus, the general objective was defined as understanding the contributions of Neged to overcoming gender inequalities, particularly in the direction of Women's Empowerment, based on the perceptions of women participating in these centers. To achieve these aims, bibliographic, documentary, and empirical research methods were adopted. The investigative process, during the exploratory phase, involved the application of semi-structured questionnaires, addressing the coordinators of 12 out of the 16 centers existing at IFPE. The subsequent phase began with the selection of two campuses that participated in the empirical phase of the research, during which questionnaires were applied and Narrative Interviews (NI) were conducted, involving the following segments/categories: teachers, administrative staff, students linked to Neged (current and former), current students not linked to Neged but institutionally involved in this discussion. The Educational Product resulting from the research is presented as an audio documentary, forming a series of podcasts featuring mini-conferences and narrative reflections on brief discussions about the category of women's empowerment. These podcasts involve experiences shared by women scholars of gender relations who, in other contexts, were part of or coordinated these centers, further contributing personal insights into the presented context, enriching the understanding of Women's Empowerment. As achieved results, the work highlights the following understandings: a) the analyzed documentary corpus indicates significant advances in affirmative gender policies at IFPE; b) Neged has fostered and promoted policies and actions aimed at overcoming gender inequality and building a critical understanding of women's empowerment; c) Neged has established itself as a locus for addressing institutional demands concerning elements that shape the everyday lives of students and staff; d) extension projects have significantly incorporated discussions and actions aligned with the perspective of empowerment; e) the bodies of transgender women linked to Neged have asserted their presence within the institutional space of IFPE; f) temporal milestones marking the past and present in the lives of women from the same family have functioned as regulators in the construction of new meanings of being a woman/becoming a woman. It is estimated that this research contributes to studies and practices that advance affirmative gender policies, particularly in the direction of Women's Empowerment, framed within a critical and reflective perspective.

Keywords: Center for Gender and Diversity Studies – Neged; female empowerment; omnilateral training; narrative research.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Perfil dos participantes quanto à idade.....	79
Figura 2 - Perfil dos participantes quanto à área de atuação.....	79
Figura 3 - Resultado da pesquisa relativo à quantidade assistida dos episódios.....	80
Figura 4 - Resultado da pesquisa quanto à clareza das informações apresentadas o <i>podcast</i> ...	80
Figura 5 - Resultados da pesquisa quanto à relevância dos temas abordados no <i>podcast</i>	81
Figura 6 - Resultados da pesquisa quanto à utilidade do <i>podcast</i> para a aprendizagem/desenvolvimento profissional	81
Figura 7 - Resultados da pesquisa quanto à qualidade do áudio do <i>podcast</i>	82
Figura 8 - Resultado da pesquisa quanto à estruturação dos episódios do <i>podcast</i>	82
Figura 9 - Resultados da pesquisa quanto à edição do <i>podcast</i>	83
Figura 10 -Resultados da pesquisa quanto à clareza e adequação dos episódios para a introdução e conclusão	83
Figura 11 - Resultados da pesquisa quanto à adequação na duração dos episódios do <i>podcast</i>	84
Figura 12 - Resultados da pesquisa quanto às metodologias pedagógicas utilizadas	84
Figura 13 - Resultado da pesquisa quanto ao interesse em aplicar o conhecimento adquirido nos episódios do <i>podcast</i>	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções científicas sobre empoderamento: tese e dissertações	22
Quadro 2 - Produções científicas sobre empoderamento: artigos	23
Quadro 3 - Alguns destaques sobre letramento em gênero e sexualidade.....	24
Quadro 4 - Produções científicas sobre Negeds: dissertações.....	25
Quadro 5 - Produções científicas sobre Negeds: artigos	27
Quadro 6 - <i>Corpus</i> documental deste trabalho (Leis, Decretos, Portarias, Resoluções, PCNs, PPPI)	29
Quadro 7 - <i>Corpus</i> documental deste trabalho (Guia Lilás, Ipea, Atlas).....	31
Quadro 8 - Atuação dos Negeds nos <i>campi</i>	40
Quadro 9 - Relação entre objetivos específicos e procedimento metodológico	58
Quadro 10 - Fases da entrevista narrativa	60
Quadro 11 - Produções científicas sobre narrativas	63
Quadro 12 - Identificação dos grupos/categorias participantes	72
Quadro 13 - Participantes do <i>podcast</i>	78
Quadro 14 - Resultados apresentados no <i>podcast</i>	85
Quadro 15 - Unidades de contexto por categoria: concepção e inserção no Neged.....	101
Quadro 16 - Unidades de contexto por categoria: dinâmica e relevância do Neged.....	102
Quadro 17 - Recortes sobre Empoderamento Feminino	103
Quadro 18 - Unidades semânticas das respostas advindas do questionário	105
Quadro 19 - Atividades curriculares envolvendo Empoderamento Feminino	108
Quadro 20 – Destaque analítico das entrevistas	115

LISTA DE SIGLAS

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cefet	Centro Federal de Educação Tecnológica
CDIS	Coordenação Discente
Codir	Colégio de Dirigentes do IFPE
Coges	Corpo, Gênero e Sexualidade
Consup	Conselho Superior do IFPE
DEAD	Diretoria de Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IFPE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LGBTQUIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais
MPE	Mestrado Profissional em Educação
NAC	Controle de Acesso à Rede
Napne	Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas
Neabi	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
Neged	Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidades
NID	Núcleos de Inclusão e Diversidade
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDI	Projeto de Desenvolvimento Institucional
PNPM	Plano Nacional de Políticas para as Mulheres
Proext	Pró-Reitoria de Extensão
ProfEPT	Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica
Secmulher/PE	Secretaria da Mulher de Pernambuco
SIASS	Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor
SindsIFPE	Sindicato dos Servidores do Instituto Federal de Pernambuco
Taes	Técnicos Administrativos em Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	JUSTIFICATIVA	19
1.1.1	Relação participante-objeto: uma fala de si	19
1.1.2	Relevância acadêmica e social da pesquisa	20
2	ESTADO DO CONHECIMENTO	22
3	FUNDAMENTAÇÃO LEGAL E TEÓRICA	29
3.1	O TERRITÓRIO FORMATIVO: Núcleo de Gênero e Diversidade do IFPE	34
3.2	EMPODERAMENTO FEMININO: conquistas e avanços	43
3.2.1	A mulher e sua presença na história	46
3.2.2	O movimento feminino: a presença da mulher na história	48
3.3	A RELAÇÃO GÊNERO E A EDUCAÇÃO	51
4	TRILHA METODOLÓGICA: o caminho da pesquisa	57
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	57
4.2	RELAÇÃO OBJETIVOS ESPECÍFICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
4.3	CONTRIBUIÇÕES DO CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO SOBRE A NARRATIVIDADE NA PESQUISA QUALITATIVA	59
4.4	A NARRATIVA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA	62
4.5	APRESENTAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA EMPÍRICA: narrativas historiográficas	64
4.5.1	IFPE - <i>Campus</i> Pesqueira, contextualizando o Neged	65
4.5.2	IFPE - <i>Campus</i> Recife, contextualizando o Neged	66
4.6	PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA	69
4.7	AS PARTICIPANTES DA PESQUISA	70
4.8	OS INSTRUMENTOS DA INVESTIGAÇÃO: questionários e entrevista	74
5	O PRODUTO EDUCACIONAL	76
5.1	A TECITURA DO PRODUTO EDUCACIONAL/ <i>PODCAST</i>	77
5.2	TESTAGEM DO PRODUTO EDUCACIONAL	79
5.2.1	Comentários gerais acerca do <i>podcast</i>	87
5.3	TRANSCRIÇÃO DA SÉRIE DE <i>PODCASTS</i>	88
5.3.1	<i>Podcast</i> – Episódio 01, com a Professora Sandra Gomes: IFPE <i>Campus</i> Belo Jardim	88
5.3.2	<i>Podcast</i> – Episódio 02, com a Professora Nathalia da Mata: IFPE, <i>Campus</i> Recife/DAE Reitoria	91
5.3.3	<i>Podcast</i> – Episódio 03, com a estudante Mariá Holanda Lima: IFPE, <i>Campus</i> Recife	94

5.3.4	Conclusão e agradecimentos.....	96
5.4	GLOSSÁRIO DOS TERMOS APRESENTADOS NO <i>PODCAST</i>	96
6	DIÁLOGOS COM AS NARRATIVIDADES	101
6.1	O PROCESSO, O CONTEXTO E AS PARTICIPANTES.....	101
6.2	O MANEJO COM A ENTREVISTA NARRATIVA (EN).....	110
6.3	A ANÁLISE DE NARRATIVA.....	112
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS	126
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DESTINADOS ÀS COORDENAÇÕES DOS NEGEDS	133
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DESTINADOS ÀS MULHERES PARTICIPANTES DO NEGED	134
	APÊNDICE C – ENTREVISTA PARA MULHERES, PARTICIPANTES DO NEGED	135
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	136
	APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO	139
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA	140
	ANEXO B – PRODUTO EDUCACIONAL	145

1 INTRODUÇÃO

Notadamente, o Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional Tecnológica tem contribuído significativamente com reflexões e intervenções críticas acerca da formação intelectual dos trabalhadores e trabalhadoras, na dimensão formal e não formal, dando robustez às produções no campo da educação profissional, científica e tecnológica, materializada sob forma de artigos científicos, dissertações de mestrado e produtos educacionais. No espaço de cinco anos, elevou-se o número de turmas e, conseqüentemente, de produções pautadas na Formação Humana Integral, tomando a direção da omnilateralidade, com vistas a propor expressivas rupturas com a formação unilateral, na visão do currículo escrito ou das práticas pedagógicas e docentes diversas.

Nesse contexto, oferece-se destaque a estudos e discussões contemporâneos, que envolvem a Educação Profissional e Tecnológica, sobretudo a partir da institucionalização do Ensino Médio Integrado, corroborando com a superação de uma formação meramente tecnicista, e apontando os princípios da ciência, do trabalho, da cultura e da tecnologia como princípios e horizonte. Nesse campo de disputa, as duras tensões estabelecidas na seara político-partidária, orientadas pelo recrudescimento do neoliberalismo e do fascismo, sinalizaram outros parâmetros para a formação dos trabalhadores e trabalhadoras.

Essa reconfiguração de cenário coadunava com as reformas trabalhistas e previdenciárias orquestradas no contexto de um golpe político que destituía uma presidenta eleita pelo voto popular e se estabelecia outra (des)ordem. Nessa direção, as relações que envolvem o trabalho e a formação para o trabalho foram, notadamente, alteradas, as tensões políticas, epistêmicas, pedagógicas e teóricas são visíveis, apresentando grossas fronteiras que separam: o Ensino Médio integrado do Novo Ensino Médio, e mais adiante, em fronteiras mais tênues, o que é apenas reformado, mas não transformado, de fato. Não se trata apenas de contextos políticos e sociais diferentes, mas, sim, reformas e mudanças políticas que provocaram uma reconfiguração no cenário social e educacional, criando divisões e tensões.

Nesse movimento, o ProfEPT tem assumido relevante papel na defesa da formação humana integral, que não separa o pensar do agir. Nessa direção os marcos teóricos e legais, frutos de profícuas discussões ocorridas, antes de 2016, também foram duramente atacados. A luta da discursividade naquilo que não era confluyente também marcou esse território de graves disputas e, obviamente, marca o momento presente, objetivado na relatoria da pesquisa pautada nesta dissertação de mestrado.

O atual contexto é marcado, também, pela pauperização material da Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica no Brasil, que no campo orçamentário perde autonomia e soberania diante do orçamento secreto¹, que deixa a educação pública federal, em certa medida, à mercê das emendas de partido.

Nesse sentido, torna-se mister afirmar que este trabalho reforça seu compromisso com a formação humana integral, com a soberania das mulheres, dado, sobretudo, por meio da formação para o trabalho, apontando a relevante e urgente necessidade em se discutir o Empoderamento Feminino, como um ramo da frondosa árvore que alimenta a politecnia. Para Saviani, 2003 p.140 “[...] A noção de politecnia contrapõe-se a essa ideia, postulando que o processo de trabalho desenvolva, em uma unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais. Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício mental, intelectual”.

Partindo-se de uma breve análise do contexto macropolítico educacional brasileiro para um estudo do micropolítico, tecido no espaço da formação de trabalhadoras, torna-se relevante destacar que, em alinhamento no ângulo de formação humana integralizada, busca-se o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas óticas e dimensões, conforme preconiza Ramos (2014b). Neste sentido, compreende-se que o Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade, a partir dos seus esforços em se inserir no desenho da formação de trabalhadores e trabalhadoras, a partir de sua proposta educativa voltada à diversidade de gênero, está sintonizado com a superação das desigualdades sociais e de gênero, buscando consolidar uma sociedade mais justa, fraterna e equânime,

Assim sendo, entende-se que as ações que geram reflexões e intervenções sobre e nas práticas sexistas e excludentes são assumidas institucionalmente a partir da organização desses espaços. Vê-se como indispensável que estudantes pertencentes à população LGBTQUIA+² e as mulheres e meninas possam, nos seus processos formativos, construir e reconstruir conhecimentos sobre seus direitos, enfim, que, possam compreender a si mesmos e mesmas como pessoas de direito.

Nessa direção, compreendemos que os estudos e pesquisas oriundos do Núcleo têm garantido às mulheres, para além da aquisição do conhecimento, o lugar de fala. Isso mesmo, devido ao acolhimento que se tem no Núcleo, não é apenas o escopo teórico que importa, mas,

¹ O chamado "orçamento secreto" surgiu com a criação de uma nova modalidade de emendas parlamentares. Emendas são recursos do Orçamento direcionados por deputados a suas bases políticas ou estados de origem. As verbas devem ser usadas para investimentos em saúde e educação. Surgiu no governo de Bolsonaro. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/08/29/> Acesso em 02 jan. 2024.

² LGTBQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers1, intersex, agêneros, assexuados e mais).

sobretudo, as histórias de vida das próprias mulheres que consubstanciam por vezes as teorias que permeiam as reflexões críticas apreendidas sobre Gênero e Diversidade, duas temáticas muito caras no campo da educação, tendo em vista que ainda existe muito preconceito, discriminação e racismo presentes nas ações do/no cotidiano e que precisam ser combatidas, refletidas e, sobretudo, mitigadas no que tange à diversidade e ao gênero.

Na dinâmica institucional do IFPE, já é possível visibilizar a relevância político-pedagógica e social do trabalho que vem sendo realizado pelos Negeds, sobretudo no que se refere à construção de práticas inclusivas, entendendo que esse espaço favorece uma densa discussão sobre a diversidade oriunda das questões de gênero e a ocupação do espaço escolar e do mundo do trabalho como sendo um direito inviolável e irrestrito.

No contexto dos Negeds, é premente dialogar com questões relacionadas: gênero, diversidade e Empoderamento Feminino, a fim de superarmos diferentes formas de opressão determinadas por conjunturas patriarcais e fascistas, consolidando um entendimento de formação que estabeleça a valorização e a emancipação feminina, como princípios, nas ações consubstanciadas pelos Negeds que integram de inclusão de gênero do IFPE.

Posto isso, este trabalho investigativo se debruçou sobre experiências construídas por mulheres integrantes desses núcleos, acerca do empoderamento, como categoria de libertação na construção da Formação Humana Integral, ciente de que o Núcleo de Estudos de Gênero está no horizonte da formação humana integral, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, por isso, capaz de incluir, na sua proposta educativa, a diversidade de gênero.

Compete a este trabalho apontar ao entendimento de que já é possível visibilizar na dinâmica institucional do IFPE a relevância político-pedagógica e social do trabalho que vem sendo realizado pelos Negeds, espalhados nos diversos *campi* dessa instituição. Sobretudo, no tocante à construção de práticas inclusivas, acerca dos processos de ocupação de espaços políticos, científicos, culturais e sociais e sociais transformadores, nas suas diversas atuações, públicas e privadas, entendendo-se esse processo de transformação como resultante do Empoderamento Feminino, no panorama crítico assumido por este trabalho.

Sendo assim, o nosso entendimento consistiu de que o Empoderamento Feminino, dá-se na ótica da construção de uma consciência de si e sobre si, fortalecendo as mulheres ao enfrentamento da desigualdade e ao enfrentamento constante às diversas formas de violência, adquirindo uma consciência de si que as impulse à participação democrática, nos espaços das suas casas e das ruas (Perrot, 1998).

Nesse sentido, partiu-se da curiosidade epistemológica que consubstancia a realização

dessa investigação, caminhando na direção do seguinte problema de pesquisa: o que revelam os documentos e as experiências narradas por mulheres, integrantes de um Núcleo de Estudos de Gênero, acerca da consolidação de uma consciência feminina, dada sob a ótica do Empoderamento Feminino? Nesta direção estruturou-se como objetivo geral: 1- compreender, as contribuições dos Negeds para a superação das desigualdades de gênero, dada, sobretudo, na direção do Empoderamento Feminino, a partir das percepções de mulheres integrantes desses núcleos.

Como objetivos específicos, a pesquisa buscou: 1.1) analisar os diversos entendimentos e orientações que envolvem e regulam a dinâmica dos Negeds na estrutura do IFPE, a partir de um *corpus* documental; 1.2) analisar experiências narradas por mulheres, a fim de identificar possíveis impactos em suas trajetórias devidas como integrantes de um Neged; 1.3) construir entendimentos sobre a percepção de si, narradas pelas mulheres entrevistadas na direção de se conceberem empoderadas; 1.4) organizar uma série de *podcasts*, envolvendo recortes de entendimentos teóricos e experiências narradas, no formato de miniconferências, a fim de aprofundar entendimentos sobre e a consciência de e sobre si e o Empoderamento Feminino

Metodologicamente, a pesquisa exploratória foi composta pelos estudos literários e documentais, em quanto que a pesquisa de campo contemplou a aplicação de um questionário misto com 14 integrantes dos Negeds do IFPE. Em seguida, foram selecionadas sete mulheres para participar da entrevista narrativa. Compuseram esse grupo: professoras, técnicas administrativas e estudantes, atendendo às identificações de estudantes regulares, estudantes egressas e estudantes regulares, envolvidas com discussões sobre gênero, mas que não participam do Neged. Essas últimas participantes foram envolvidas na entrevista narrativa da pesquisa em razão de encontrarmos, no campo empírico, relatos sobre outras vivências na ótica do gênero, consolidada fora do Neged, mas inferimos como relevante aos entendimentos que precisávamos discutir neste trabalho.

Para atender ao proposto, foi adotado como procedimento analítico-descritivo, a análise de conteúdo (Bardin, 2002), contemplando as informações dos questionários e a teoria da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015; Jovchelovitch e Bauer, 2008), abrangendo as Entrevistas Narrativas (EN).

No que se refere a sua arquitetura, esta pesquisa está organizada em sete capítulos. O primeiro trata da introdução, apresentando o objeto de investigação, o problema, os objetivos, a metodologia e as categorias constituintes da dissertação: Historicidade do Núcleo de Diversidade de Gênero do IFPE – mapeamento do território da pesquisa; Empoderamento

Feminino; História das mulheres, do movimento feminino e da educação no que diz respeito a gênero e diversidade; Narrativa – o que é, como é e qual é a finalidade. No segundo capítulo, apresenta-se o Estado da Arte, mapeando as produções científicas, teses, dissertações e artigos sobre o Empoderamento Feminino, alguns destaques sobre o Letramento de Gênero em Sexualidade e sobre os Negeds.

No terceiro capítulo, pontua-se sobre o escopo teórico e legal da pesquisa, tratando nos subscapítulos sobre a historicidade e a resolução sobre os Núcleos, além dos seus trabalhos, bem como os conceitos sobre Empoderamento Feminino, história das mulheres, movimento feminista e a educação no que consiste sobre gênero e diversidade. Acerca das questões de gênero é, sobremaneira, relevante para identificarmos como e quais são as violações por causa do gênero, ou seja, quais são as violências e violações que as mulheres estão submetidas, tão somente por serem mulheres, como também aprofundar os estudos sobre o Empoderamento Feminino por meio da contribuição do Núcleo de Gênero do IFPE.

O quarto capítulo apresenta “A Trilha Metodológica: o caminho da pesquisa”, com a caracterização do procedimento metodológico e sua relação com os objetivos específicos. Trata-se ainda das contribuições do Campo Teórico-metodológico Sobre a Narratividade na Pesquisa Qualitativa; a Narrativa como Ferramenta Metodológica; Apresentação do Campo da Pesquisa Empírica: narrativas historiográficas; *Campus* Pesqueira: contextualizando o Neged; *Campus* Recife: contextualizando o Neged; Procedimentos Éticos da Pesquisa; As Participantes da Pesquisa; Os Instrumentos da Investigação: questionário e entrevista.

O capítulo cinco refere-se ao Produto Educacional “A Tecitura do Produto Educacional/*Podcast*; Testagem do Produto Educacional; Comentários Gerais acerca do *Podcast*; Transcrições da Série de *Podcast* com os Episódios um, dois e três; Conclusão e agradecimento – *Podcast*. Já no sexto capítulo apresenta-se o Diálogo com as Narrativas, pontuando sobre O Processo, o Contexto e as Participantes; O Manejo com a Entrevista Narrativa (EN); a Análise de Narrativa. No sétimo e último capítulo, tratamos sobre as considerações finais.

Desse modo, entende-se que os conhecimentos produzidos por meio dos núcleos podem corroborar para que muitas mulheres possam se reafirmar na sociedade enquanto mulheres donas de si, livres, autônomas, capazes e potentes de estarem onde quiserem e onde possam, paulatinamente, quebrar grilhões arraigados pelo modelo patriarcal e, com isso, desconstruir tabus e preconceitos, assumindo uma consciência feminina.

A seção a seguir, intitulada justificativa, contemplará uma breve apresentação e descrição acerca do envolvimento da mestrandia com a temática de pesquisa, mapeando seu

contexto de fala e de interação profissional e acadêmica com o tema, oferecendo destaque à relevância e impactos gerados pela pesquisa em pauta.

1.1 JUSTIFICATIVA

No tocante à temática geral que gestou e embalou este trabalho de pesquisa, tecemos um movimento literário, teórico, documental e empírico acerca de entendimentos e experiências envolvendo o núcleo de gênero e a discussão sobre Empoderamento Feminino no IFPE, e reafirmando seu compromisso na direção de uma formação humana integral ou omnilateral, no esforço de entender como se articulam os estudos de gênero e diversidade e a formação para o trabalho. Nesse contexto, justifica-se a adesão à Formação Humana Integral, por ser esta apontada como o primeiro princípio da Política de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. Os outros princípios ou concepções são: a) Trabalho, Ciência, Tecnologia e Cultura, como categorias indissociáveis da formação humana; b) O Trabalho como Princípio Educativo; c) A Pesquisa como Princípio Educativo: o trabalho de produção do conhecimento; d) A Relação Parte-totalidade na Proposta Curricular. (MEC/Setec, 2007).

1.1.1 Relação participante-objeto: uma fala de si

Minha relação com esta temática de estudo se iniciou com a minha inserção na Secretaria de Educação de Pernambuco, na Gerência dos Direitos Humanos, ocasião em que participei da implantação de Direitos Humanos enquanto disciplina no currículo escolar de 2010 a 2014, sob o comando da Professora Aída Monteiro, sendo formadora para os professores e professoras da Rede. Também cursei como aluna especial a disciplina de Direitos Humanos, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no ano de 2017, e como atividade avaliativa tínhamos que escolher uma fotografia e analisar a situação de violação de direito. Naquele contexto, a situação analisada foi o uso do banheiro. O projeto visava à intervenção na situação, e assim foi vivenciado em nossas instituições. O projeto foi construído e referendado em alguns *campus* do IFPE e, a partir dele, foi gerado um artigo: Gênero e Orientação Sexual no Respeito à Diversidade: uma experiência no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), tendo sido aprovado e apresentado no VII Colóquio Latinoamericano y Caribeño de Educación En Derechos Humano, na cidade de Montevideo/Uruguai, 2018.

Em 2017 já estava participando também do Grupo de pesquisa: “Interloquções entre

educação em direitos humanos, currículo e formação de professores”, da UFPE *Campus Recife*, o que contribuiu para a melhor percepção e importância da temática de Direitos Humanos, permitindo conhecê-la a partir das discussões nos grupos e estudos, bem como com as análises realizadas dos trabalhos voltados para essa área.

Vale salientar que, atualmente, participo do Grupo: Estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire - GEPEPF/CNPQ/UFRN *Campus Caicó*, um grupo que fomenta a formação em Direitos Humanos, considerando que é uma área transversal que precisa perpassar todos os espaços de formação, seja inicial ou continuada, dos educadores e das educadoras. Uma das finalidades desse projeto é promover a formação em Direitos Humanos mediante as discussões que contribuam para a construção do conhecimento nessa área tão importante.

Resultando da caminhada no ProfEPT IFPE, *Campus Olinda*, foram publicados por meio da parceria acadêmica orientanda-orientadora, vinculada a esta temática de estudo, os seguintes trabalhos 1) Núcleo de gênero e o Empoderamento Feminino no IFPE: contribuições dos documentos e da literatura³; 2) O Núcleo de Gênero e a Discussão sobre Empoderamento Feminino no IFPE com apresentação e defesa do artigo no referido evento, apresentado no Pré-Colóquio Paulo Freire Garanhuns/PE: Esperanças para a Reconstrução do Brasil, eixo temático 6: relações étnico-raciais, diversidade e justiça social.

Nessa direção, é mister afirmar que este estudo contribuiu significativamente para a própria pesquisadora a reafirmação individual e coletiva, enquanto mulher, mãe, filha, trabalhadora, que busca e defende a inclusão socialmente justa para todas as pessoas.

1.1.2 Relevância acadêmica e social da pesquisa

A pesquisa se justifica por meio da relação que se estabelece entre a dimensão pessoal, social e acadêmica, constituindo-se, assim, em uma tríade, isto é, essas três dimensões favorecem para motivações inquietantes que me levaram a realizar esta investigação. Assim, a dimensão pessoal tem a ver com todas as atividades que já realizei, tanto de natureza prática, quanto teórica sobre as questões de gênero, sexualidade e diversidade.

No que consiste à dimensão social, torna-se relevante evidenciar a partir das narrativas de mulheres do IFPE, participantes dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade (Negeds), a necessidade de problematizarmos questões relacionadas a gênero, diversidade, Empoderamento Feminino, para superarmos diferentes formas de opressão determinada por

³ **Diversitas Journal**, v. 9, nº 2, abr./jun. 2024, p. 0838–0854. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal.

conjunturas machistas, trilhando rumo à valorização feminina, emancipação humana, e, sobretudo, valorização da mulher, além de visibilizar a atuação e contribuição dos Núcleos pesquisados.

No que tange à dimensão acadêmica, ainda são poucas as investigações em torno do Empoderamento Feminino nos Negeds, bem como são poucas as pesquisas disponibilizadas nos repositórios das Universidades e do Banco da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por isso necessita-se de maiores aprofundamentos em torno do tema em pauta, sobretudo, no que se refere à Educação Profissional Tecnológica.

Além disso, participei no momento da parceria entre o IFPE junto à Secretaria da Mulher de Pernambuco (Secmulher/PE) para a criação dos núcleos de gênero e foi realmente um momento importante para que um dia eles se tornassem uma política institucional. Portanto, assinala-se a necessidade de adentrarmos ao Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade (Negeds) do IFPE para explicitarmos e analisarmos as narrativas das participantes, e, por fim, é necessário reafirmarmos a importância de práticas didático-pedagógicas centradas na busca pelo Empoderamento Feminino no IFPE, bem como valorizar os estudos e pesquisas dos Negeds evidenciados nas narrativas das mulheres participantes deles, que corroboram com a equidade de gênero, o empoderamento e a autonomia do ser mulher. Ademais, acredita-se que o Núcleo pode fortalecer e promover entendimentos acerca do Empoderamento Feminino como horizonte necessário e possível.

Portanto, consideramos que este trabalho é relevante por considerar os saberes e práticas experienciadas e narradas por mulheres participantes dos Negeds, o que favorece para que a categoria Empoderamento Feminino seja ponto de pauta a ser vivenciado nos núcleos não somente em datas comemorativas, como o dia Internacional da Mulher, o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, Dia das Mães, entre outras datas, mas uma bandeira erguida para que, inclusive, se combatam os assédios sexuais e morais dos quais as mulheres, nos ambientes acadêmicos, são vítimas.

O Empoderamento Feminino tende a reafirmar o lugar de presença da mulher na sociedade como protagonista e não como ser invisível que pode facilmente ser manipulada, abusada e assediada em seus diversos espaços de convivência.

Dando continuidade, o capítulo seguinte contemplará o estado da arte referente à pesquisa em pauta.

2 ESTADO DO CONHECIMENTO

No que concerne à seleção de material para a justificativa e para o aprofundamento teórico e literário desta pesquisa, foram consultados o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e os repositórios de teses e dissertações de universidades brasileiras, bem como no repositório do IFPE e no Observatório do ProfEPT, no que diz respeito ao descritor “Empoderamento Feminino”. Nesse movimento, foram encontrados 544 entre teses, dissertações e artigos.

No entanto, percebeu-se um número reduzido de trabalhos acadêmicos evidenciando essa categoria de estudo nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, sobretudo no que se refere à vivência dessa temática nos espaços dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade. Na direção de apresentar o estado do conhecimento sobre empoderamento, a partir da busca deflagrada, foram encontradas apenas duas dissertações, uma tese e três artigos, conforme evidenciados nos quadros a seguir.

Quadro 1 – Produções científicas sobre empoderamento: tese e dissertações

Autor (a)/Instituição	Título	Palavras-chave	Tipo
Gonzales, Carolina Gonçalves UnB	Identidade de gênero no espaço escolar: o Empoderamento Feminino através do discurso.	Identities de gênero; representação discursiva; escola; masculina; dominação letramento; empoderamento.	Dissertação
Mageste, Gizelle de Souza UFMG	#EMPODERAD@S: um estudo sobre construções identitárias de mulheres que discutem Empoderamento Feminino na internet.	Internet e mulheres; mulheres identidade; administração; empreendedorismo; empoderamento.	Tese
Trigueiro, Nathalya Cristina Ribeiro IFPB	"Não tem como a gente entrar numa graduação e sair uma mesma pessoa, não": a construção da identidade profissional das discentes do curso de agroecologia (IFPB/Campus Picuí).	Identidade profissional; discente de agroecologia; educação superior profissional.	Dissertação

Fonte: Elaboração da autora (2024)

A dissertação de Gonzales (2013) aborda a “Identidade de gênero no espaço escolar: o Empoderamento Feminino através do discurso”, viabiliza a discussão com profundidade nas categorias Identidades de gênero, representação discursiva, escola, dominação masculina, letramento, empoderamento. Considera-se, portanto, que o discurso sobre o Empoderamento Feminino viabiliza a insurgência de ações das mulheres na sociedade na qual estão inseridas, quebrando as fronteiras epistêmicas.

Quando analisamos a tese de Mageste (2018), intitulada “#EMPODERAD@S: um estudo sobre construções identitárias de mulheres que discutem Empoderamento Feminino na

internet”, evidenciamos o aprofundamento dos conceitos do empoderamento, identidade e internet. Isto é, como as mulheres empoderadas ocupam as redes sociais. Por conseguinte, destacam-se as temáticas: internet e mulheres, mulheres identidade, administração, empreendedorismo. A pesquisa constata o Empoderamento Feminino por meio do empreendedorismo na internet.

A pesquisa de Trigueiro (2018) consiste em refletir sobre a temática ou título. “‘Não tem como a gente entrar numa graduação e sair uma mesma pessoa, não’: a construção da identidade profissional das discentes do curso de agroecologia (IFPB/Campus Picuí)”. As temáticas apreendidas e analisadas sobre identidade profissional, discente de agroecologia, educação superior, *professional identity*, *agroecology*, IFPB abordam sobre a formação técnica, as mudanças comportamentais e perceptivas da natureza por meio da ciência da agroecologia.

Evidenciamos as produções em artigos achados no banco de dados, conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Produções científicas sobre empoderamento: artigos

Autor(a)	Título	Palavras-chave	Tipo
Maria Carolina do Amaral e Saiani; César Santejo.	Dimensões do Empoderamento Feminino no Brasil: índices e caracterização por atributos locacionais e individuais e participação no Programa Bolsa Família.	Empoderamento Feminino; índices; Programa Bolsa Família.	Artigo
Thamiris Stephane Zangeski Novais Paiva, Juliana Saragiotto Silva	A Participação Feminina nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio da Educação Profissional e Tecnológica.	Estudo de gênero; meninas; ciência e tecnologia; empoderamento.	Artigo
Cristina Soares Fernandes; Rogério Pereira de Sousa; Ramásio de Sousa Melo	Meninas na ciência: a representatividade feminina nas áreas de Ciência e Tecnologia em prol da equidade dos gêneros.	Ciência e tecnologia; empoderamento; menina; mulher.	Artigo

Fonte: Elaboração da autora (2024)

Quanto ao artigo dos autores Saiani e Santejo, aborda sobre as “Dimensões do Empoderamento Feminino no Brasil: índices e caracterização por atributos locacionais e individuais e participação no Programa Bolsa Família”, que se ocupa das temáticas Empoderamento Feminino; Índices; Programa Bolsa Família, cujos autores consideram que o referido Programa corrobora com o Empoderamento Feminino.

A produção de Paiva e Silva, intitulada “A Participação Feminina nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio da Educação Profissional e Tecnológica”, aborda o aprofundamento nas questões de estudo de gênero; Meninas; Ciência e Tecnologia. Isto é, a presença feminina na ciência.

O trabalho de Fernandes, Sousa e Melo tem como título “Meninas na Ciência: a

representatividade feminina nas áreas de Ciência e Tecnologia em prol da equidade dos gêneros”, tendo por finalidade visibilizar a presença das meninas na ciência e sua representação social no que consiste ao campo da ciência e tecnologia, campo este bastante restrito às mulheres, por isso, meninas na Ciência são meninas empoderadas.

Neste trabalho, fez-se a opção à perspectiva do Empoderamento Feminino, pelo viés crítico-reflexivo, encaminhado na visão da totalidade humana, vislumbrando a emancipação das mulheres, bem como, o pleno exercício da sua cidadania, a sua ocupação nos espaços de poder e saberes sociais, econômicos, epistêmicos, pedagógicos, político-partidários e culturais. Na contramão do que defendem a concepção crítica e os movimentos feministas, têm emergido práticas sociais e assistencialistas que se revestem do termo Empoderamento Feminino. Em razão disso, algumas estudiosas e feministas têm encontrado na categoria letramento de gênero uma possibilidade de fugir dessa vulgarização do mercado, não perdendo de vista a dimensão político-epistêmica da participação cidadã das mulheres na consolidação de uma sociedade democrática e justa. Nesse espaço, resolveu-se apontar alguns trabalhos que têm trazido à tona o Letramento de Gênero, como forma de preservar a discussão original e crítica acerca do Empoderamento Feminino. O Quadro 3 a seguir apontará alguns trabalhos que se localizam nessa nova ótica.

Quadro 3 – Alguns destaques sobre letramento em gênero e sexualidade

Autor(a)	Título	Ênfases	Tipo de produção
Andréa Poletto Sonza	Letramento de gênero aqui não é um tabu e aí?	Destaca o letramento em gênero e sexualidade na compreensão de estabelecer rupturas acerca de ideias pré-concebidas e naturalizadas acerca destes conceitos e abrir frentes de construção de outras formas de entendimento sobre si e sobre outrem.	Livro eletrônico. Agência Digital.Porto Alegre,2023. Pdf
Valeska Zanello	A Prateleira do Amor	Na concepção das hierarquias de gênero moldam as experiências amorosas de homens e mulheres através da metáfora da “prateleira do amor”	Livro. 1ª ed. Apris Editora,Curitiba, 2022

Fonte: Elaboração da autora (2024)

Os trabalhos de Sonza e Zanello tratam sobre o termo Letramento em Gênero e Sexualidade, questionando o Empoderamento Feminino, dado numa abordagem não crítica, quando utilizado a partir da generalização de ações e atividades, muitas vezes assistencialistas, pautadas por uma perspectiva machista e patriarcal, mesclada de atitudes não condizentes com o real sentido do que seja o empoderamento da mulher numa perspectiva libertadora e autônoma.

Quadro 4 – Produções científicas sobre Negeds: dissertações

Autor(a)/ Instituição	Título	Palavras-chave	Tipo
Raquel Costa Antas UPE	Perspectiva de gênero na escola: vivências a partir de uma política pública do Estado de Pernambuco.	Gênero; políticas públicas de educação; Pernambuco.	Dissertação
Ivanildo Alves de Lima Júnior ProfEPT/IFPE	Núcleo de Gênero e Diversidade e a população LGBTQIA+: rupturas, avanços e tensões no cotidiano de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.	Educação profissional e tecnológica e formação humana integral; identidade de gênero e diversidade sexual; populações LGBTQIA+; Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade.	Dissertação
Carolina Scalco Pinheiro. IFFar	O Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (Nugedis) do Instituto Federal Farroupilha – campus São Borja (IFFar-SB): ações e contributos para a formação de adultos.	Educação; gênero; Nugedis; diversidade sexual; identidade; Projeja.	Dissertação
Gislaine Gabriele Saueressig IFSUL	Relações de gênero na educação profissional tecnológica: mapeamento das violências sofridas por mulheres no Campus Sapucaia do Sul do IFSUL.	Educação profissional e tecnológica; Instituto Federal; gênero; violência de gênero; mulheres.	Dissertação
Leandro Paulo dos Santos. IFPE	Avaliação do processo de implementação de políticas inclusivas com recorte étnico-racial e de gênero e sexualidade no Instituto Federal de Pernambuco – IFPE.	Política pública; políticas inclusivas; programas de ação afirmativa; direitos humanos; educação; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.	Dissertação
Joanna de Angelis Cavalcanti de Morais. IFPE	Gênero e Diversidade Sexual: as experiências de estudantes LGBTI+ na Educação Profissional e os desafios no mundo do trabalho.	Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Olinda do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.	Dissertação

Fonte: Elaboração da autora (2024)

O trabalho de Antas discorre sobre a “Perspectiva de gênero na escola: vivências a partir de uma política pública do Estado de Pernambuco”, permeando a discussão sobre as políticas públicas para mulheres oriundas do Núcleo de Gênero e Diversidade, apresentando a importância da presença da Secretaria da Mulher de Pernambuco nesta implementação nos espaços formais de ensino.

Lima Júnior (2021) se ocupa em analisar o “Núcleo de Gênero e Diversidade e a população LGBTQIA+: rupturas, avanços e tensões no cotidiano de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia”, o qual adentra as temáticas: Educação Profissional e Tecnológica e Formação Humana Integral; Identidade de Gênero e Diversidade Sexual; Populações LGBTQIA+; Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade. Logo, é uma obra interessante que viabiliza a importância do Núcleo para o fortalecimento das populações

LGBTQIA+.

A pesquisa de Pinheiro (2019), intitulada “O Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (Nugeds) do Instituto Federal Farroupilha – *campus* São Borja (IFFar-SB): ações e contributos para a formação de adultos”, viabiliza a exposição das ações do Núcleo do IFFar-SB com foco nos elementos constituintes da investigação, quais sejam: Educação; Gênero; Nugeds; Diversidade sexual; identidade; Projeção. Temáticas importantes que destacam o Projeção como protagonista da discussão, ou seja, os sujeitos do Projeção participam do núcleo.

A produção de Saueressig (2020), sobre “Relações de gênero na educação profissional tecnológica: mapeamento das violências sofridas por mulheres no Campus Sapucaia do Sul do IFSUL”, se ocupa do Núcleo do IFSul. As temáticas que constituem a sua pesquisa são: Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal, Gênero, Violência de Gênero, Mulheres. Portanto, dentro do Núcleo são várias as temáticas a serem trabalhadas, por isso, a relevância de práticas pedagógicas interdisciplinares que consubstanciem as situações-limites de cada território educativo.

No que diz respeito à produção de Santos (2013), sobre a “Avaliação do processo de implementação de políticas inclusivas com recorte étnico-racial e de gênero e sexualidade no Instituto Federal de Pernambuco – IFPE”, trata especificamente da avaliação das políticas de inclusão com recorte étnico-racial e de gênero e sexualidade no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), implementadas em consonância com os preceitos dos direitos humanos e da inclusão da diversidade presentes nas normativas institucionais sobre educação inclusiva.

A produção de Moraes (2020), contemplando sua dissertação e um produto educacional, buscou compreender “As experiências de estudantes LGBTI+ na educação profissional e os desafios enfrentados no mundo do trabalho”. Seu contexto espacial de estudo foi o Instituto Federal de Pernambuco – *Campus* Olinda. O trabalho propôs uma interlocução entre questões como gênero, sexualidade, identidade, Teoria Queer, educação, multiculturalismo e mundo do trabalho. Seu Produto Educacional foi uma Cartilha de Atividades LGBTI+, destinada ao uso do Neged e/ou em espaços onde haja a necessidade de promover a reflexão sobre os direitos da população LGBTI+ e o respeito às diferenças.

Por fim, destacam-se, também, as produções de artigos sobre o Núcleo de gênero e diversidade, ainda em números pouco expressivos, citados no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 – Produções científicas sobre Negeds: artigos

Autor(a)	Título	Palavras-chave	Tipo
Natasha M. Nogueira; Natália Conceição S. B. Cavalcanti; Ilane F. Cavalcante	Mapeamento dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual na Educação Profissional e Tecnológica.	Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual; gênero; educação profissional e tecnológica.	Artigo
Ana Paula Q. Rocha; Maria Aparecida C. Mendes	A institucionalização do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade no IFNMG.	Gênero; sexualidade; educação para a diversidade.	Artigo
Tábata dos Santos Fioravanti; Vantoir Roberto Brancher	O núcleo de estudos sobre gênero de um Instituto Federal do Rio Grande do Sul: um espaço de resistência na Educação Profissional e Tecnológica.	Educação; educação profissional e tecnológica; gênero; violência de gênero.	Artigo
Luciane Senna Ferreira	NEPGS – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do IFRS: espaço de diversidade, de coletividade e de resistência.	Educação; ações afirmativas; gênero e sexualidade; resistência.	Artigo

Fonte: Elaboração da autora (2024)

Portanto, apenas duas dissertações se ocupam em discorrer sobre o Neged em Pernambuco: Antas e Lima (2021) abordam, respectivamente, violência contra mulher e LGBTQIA+. Santos se ocupa das políticas de inclusão com recorte étnico-racial e de gênero e sexualidade no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE). Além dessas, foi-nos possível identificar a de Saueressig (2020), que se ocupa do Núcleo do IfSul.

Já no que consiste às produções de artigos, temos o trabalho de Nogueira; Cavalcanti; Cavalcante (2021), que dialoga sobre o “Mapeamento dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual na Educação Profissional e Tecnológica: as políticas de diálogos inclusão nos Institutos Federais”, que culmina em dar visibilidade às ações do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual; gênero; educação profissional e tecnológica.

Ana Paula Quintino Rocha e Maria Aparecida Colares Mendes (2021) abordam a pesquisa intitulada “A institucionalização do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade no IFNMG: relatos de experiência”, na qual elas fazem uma imersão no Núcleo do IFNMG dando ênfase às temáticas de gênero, sexualidade e educação para a diversidade.

Fioravanti e Brancher (2023) pesquisaram sobre “O núcleo de estudos sobre gênero de um Instituto Federal do Rio Grande do Sul: um espaço de resistência na Educação Profissional e Tecnológica”, abordando as temáticas sobre a educação, a educação profissional e tecnológica, a questão de gênero e violência de gênero. Portanto, uma pesquisa que traz uma diversidade de temas que vêm sendo recorrentes no respectivo Núcleo.

E no que consiste a pesquisa de Ferreira (2021), intitulada: “NEPGS – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do IFRS: espaço de diversidade, de coletividade,

resistência e educação”, vincula as reflexões epistemológicas sobre as ações afirmativas, gênero, sexualidade e resistência. Compreendemos, também que o núcleo se ocupa de temáticas a serem abordadas interdisciplinarmente.

Por conseguinte, esse conjunto de coisas ditas e escritas sobre empoderamento, núcleo de gênero e diversidade apresenta a necessidade que temos em fazer um aprofundamento epistemológico nas categorias que consubstanciam esta investigação: educação, mulher e gênero, como veremos na fundamentação teórica, partindo do nosso território investigativo: os Negeds do IFPE.

A seguir, será apresentada a fundamentação documental e teórica que alicerçou este trabalho.

3 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL E TEÓRICA

A fim de ampliar entendimentos sobre as Políticas e atos normativos que tratam sobre direitos humanos, violência de gênero, educação como direito público, abuso e violência sexual, igualdade de gênero e afins, organizamos um *corpus* documental, exposto nos Quadros 6 e 7, definido como fundamentação legal deste trabalho investigativo, apresentado a seguir.

Quadro 6 – *Corpus* documental deste trabalho (Leis, Decretos, Portarias, Resoluções, PCNs, PPPI)
(continua)

IDENTIFICAÇÃO	OBJETIVO	ORIGEM/ FONTE
Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024	Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País.	Diário oficial da União/Órgão Atos do Poder Legislativo.
Lei nº 14.540, de 3 de abril de 2023	Institui o Programa de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio Sexual e demais Crimes contra a Dignidade Sexual e à Violência Sexual no âmbito da administração pública, direta e indireta, federal, estadual, distrital e municipal.	Brasil, 2023
Lei nº 14.192, de 4 de agosto de 2021	Estabelece normas para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher; e altera a Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965(Código Eleitoral), a Lei 9.096, de 19 de setembro de 1995 (Lei dos Partidos Políticos), e a Lei 9.504, de 30 de setembro de 1997 (Lei das Eleições) para dispor sobre os crimes de divulgação de fato ou vídeo com conteúdo inverídico no período de campanha eleitoral, para criminalizar a violência política contra a mulher e para assegurar a participação de mulheres no debate proporcionalmente ao número de candidatas às eleições proporcionais.	Brasil, 2021
Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015	Garante para todas as mulheres e meninas, pois será utilizada quando for praticado crime contra a mulher por razões da condição de sexo feminino. O feminicídio é um tipo de “homicídio qualificado” e é, portanto, considerado crime hediondo. Estamos falando aqui de misoginia, de repulsa e de ódio ao gênero feminino. Tais sentimentos fazem parte da educação pautada no patriarcado que influencia os homens a acharem que são donos do corpo e da vida das mulheres.	Brasil, 2015 Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra Mulher.

Quadro 6 – *Corpus* documental deste trabalho (Leis, Decretos, Portarias, Resoluções, PCNs, PPPI)
(continua)

IDENTIFICAÇÃO	OBJETIVO	ORIGEM/ FONTE
Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014.	Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE 2014/2024). Propor metas voltadas para a promoção das questões de gênero enquanto processos formativos.	Brasil, MEC, 2014
Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006.	Conhecida como a Lei Maria da Penha - Defini que a violência doméstica contra a mulher é crime e aponta as formas de evitar, enfrentar e punir a agressão. Também indica a responsabilidade que cada órgão público tem para ajudar a mulher que está sofrendo a violência.	Brasil, 2006
Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.	Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB - Defende um currículo integrado em prol da formação humana, condições de acesso e permanência, e sobretudo, a educação enquanto direito público e subjetivo.	Brasil, MEC, 1996
Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.	Defende o pleno desenvolvimento humano, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.	Brasil, MEC, 1998
Decreto nº 1.973, de 2 de agosto de 1996	Promulga a “Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, Convenção de Belém do Pará” (BRASIL, 1996)	Brasil, 1996
Portaria MEC nº. 1.612, de 18 de novembro de 2011	Assegura às pessoas transexuais e travestis, nos termos desta portaria, o direito à escolha de tratamento nominal nos atos e procedimentos promovidos no âmbito do Ministério da Educação.	Brasil/Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais
Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio	Aborda sobre a promoção de uma educação para os direitos humanos, onde as questões de gênero e sexualidade estão presentes	Brasil, MEC 2018
Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos	Fortalece ações interdisciplinares para a promoção dos direitos fundamentais, indivisíveis e inalienáveis nos mais variados espaços formativos.	Brasil, MEC, 2012
Resolução Consup nº 65 de 20 de janeiro de 2021	Aprova o Regulamento dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade (Negeds) do IFPE.	IFPE, 2021
Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016	Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução.	Brasil, 2016

Quadro 6 – *Corpus* documental deste trabalho (Leis, Decretos, Portarias, Resoluções, PCNs, PPPI) (conclusão)

IDENTIFICAÇÃO	OBJETIVO	ORIGEM/ FONTE
Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015.	Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização.	Brasil, MEC 2015
Resolução Consup/IFPE nº 39, de 07 de agosto de 2015	Aborda a política de utilização do nome social para pessoas que se autodeclaram Trans.	IFPE, 2015
Resolução Consup/IFPE nº 82, de 12 de novembro de 2012.	Aprova o Edital de Seleção Pública do 1º Prêmio de Gênero do IFPE: Cristina Buarque.	IFPE, 2012
Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.	Orienta vivenciar nos ambientes escolares a formação sobre a orientação sexual, desde a educação fundamental, quiçá em nível tecnológico e superior.	Brasil, MEC, 1997,
Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) do IFPE	Destaca a importância sobre o reconhecimento da diversidade de gênero e promoção da educação para os direitos humanos.	IFPE, 2012

Fonte: Elaboração da autora (2024)

Quadro 7 – *Corpus* documental deste trabalho (Guia Lilás, Ipea, Atlas)

IDENTIFICAÇÃO	OBJETIVO	ORIGEM/FONTE
Guia Lilás - Orientações para prevenção e tratamento ao assédio moral e sexual e à discriminação no Governo Federal, março de 2023.	Orientações para prevenção e tratamento ao assédio moral e sexual e à discriminação no Governo Federal 2023.	Brasil, Controladoria Geral da União, 2023
Lei nº 12.813, de 16 de maio de 2013 - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)	Promove e realizar pesquisas e estudos sociais e econômicos e disseminar o conhecimento resultante, dar apoio técnico e institucional ao Governo na avaliação, formulação e acompanhamento de políticas públicas, planos e programas de desenvolvimento e oferecer à sociedade elementos para o conhecimento e solução de problemas e dos desafios do desenvolvimento brasileiro.	Brasil, 2013
Atlas da violência Criado em 2016	Organiza e disponibiliza informações sobre violência no Brasil, bem como reúne publicações do Ipea sobre violência e segurança pública.	Gerido pelo Ipea com a colaboração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Fonte: Elaboração da autora (2024)

Atualizando o debate acerca das discussões, no âmbito do IFPE, envolvendo a temática da educação em direitos humanos e as políticas inclusivas, compete a este trabalho destacar que se encontram em fase de apresentação aos órgãos colegiados e no prelo os seguintes documentos: 1- a Política de Educação em Direitos Humanos do IFPE – Definido como Projeto

estratégico para 2025, aguardando agendamento nas pautas do Consup e Codir; e 2- o Programa de Ações Afirmativas do IFPE.

Os estudos foram conduzidos por um Grupo de Trabalho formado por professores e professoras do IFPE. Dentre os princípios destacados no documento, destaca seu papel em “promover uma sociedade diversa, democrática, laica, acolhedora de diferenças e dos diferentes, indutora de práticas antirracistas, antipacitistas, antissexistas, crítico às desigualdades/opressões de classe” (Minuta da Política de Educação em Direitos Humanos no IFPE, 2024).

O referido documento tem em vista a institucionalização do Fórum de Direitos Humanos do IFPE, sendo de caráter permanente, instituído a fim de monitorar a aplicação de ações e programas, propor mudanças, aprimorar a própria política. A tecitura da minuta tomou a direção das seguintes premissas: a) fraternidade, b) inclusão, c) democracia, d) formação continuada em direitos humanos, e) práticas de ensino, f) vinculação do IFPE com organismos/setores sociais de luta pela dignidade humana, g) empatia e irmandade com os modos plurais de existir nas relações interpessoais, e h) fortalecimento de espaços democráticos/canais de participação social no âmbito da gestão institucional⁴.

As questões de gênero e sexualidade encontram-se abrigadas, no texto da referida minuta, a partir dos seguintes princípios:

I - valorização da dignidade, da diversidade e das diferenças de raça/etnia, de gênero e sexualidades, de deficiência, geracional, territorial; numa abordagem inclusiva, interseccional, crítica à estrutura de classes, antirracista, antifascista, não capacitista, decolonial e antipatriarcal;

III - consolidação de uma cultura de abertura à solidariedade e ao reconhecimento entre os diferentes, visando construir um espírito de irmandade nas esferas do IFPE e para além da instituição;

IV - afirmação da imprescritibilidade, inalienabilidade, indivisibilidade, interdependência, não exaustividade e universalidade dos direitos humanos;

VIII - afirmação dos direitos humanos como prática cotidiana de todos os sujeitos, em todas as instâncias e procedimentos que compõem o IFPE: (Cap. III, Art. 5º, cap. VI).

No tocante às diretrizes, destacaram-se, ainda em estágio de minuta, os seguintes aspectos:

I - Constituição de uma comissão especial ou comitê gestor de enfrentamento à violação dos direitos humanos, enquanto instrumento transversal de políticas públicas e de interação democrática, composto por especialistas no tema e respeitando a paridade de raça, de gênero e geracional na efetivação de ações

⁴ Trechos do professor Maciel Carneiro, atual presidente do GT, ao apresentar a minuta ao Consup.

necessárias, demandadas pelo IFPE em seus processos administrativos e relacionais;

III - produção sistemática de informações sobre os perfis da comunidade acadêmica, identificando as disparidades de classe e visibilizando as diferenças étnico-raciais, de gênero e sexualidades, geracionais, territoriais e de deficiência, para a geração de ações de combate às desigualdades, discriminações e barreiras atitudinais;

VI - fundamentação da organização e da prática institucional no respeito à dignidade e à pluralidade humanas, mediante o reconhecimento ético-político das diferenças, numa abordagem de inclusão e de diversidade;

VIII - criação de lugares de memória, em todos os *campi*, que contemplem a inclusão de toda a comunidade acadêmica e promovam o reconhecimento de suas narrativas, identidades e saberes.

As ações seguintes demandarão a apresentação da supracitada Política ao Conselho de gestores (Codir), para, enfim, garantir-se a sua institucionalidade.

Ainda com o intuito de atualizar os debates e avanços que contemplam o tema de estudo, destaca-se que recentemente foi elaborado o Programa de Incentivo às Políticas Inclusivas (no prelo), que visa fortalecer as ações de inclusão do ponto da permanência e do êxito de estudantes vinculados/as aos Núcleos de Inclusão e Diversidade (NIDs), como o Núcleo de Estudo de Gênero e Diversidade (Neged), Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi), Núcleo de Apoio às Pessoas com Deficiência (Napne) e Núcleo 60+, e outros futuros núcleos que partilhem da inclusão sociopolítica e cultural que venham a ser regulamentados no âmbito do IFPE. O Programa é destinado a estudantes regularmente matriculados/as nos cursos integrados, subsequentes e superiores, nas modalidades presencial e a distância (EaD), vinculados/as aos Núcleos de Inclusão e de Diversidade.

O Programa, enquanto comprometido com a potencialização e o estímulo à atuação cidadã, objetiva ampliar as condições de permanência e de êxito de estudantes no espaço educacional, reafirmando os princípios da equidade, pluralidade, interseccionalidade, transversalidade e acessibilidade da comunidade discente pertencente a grupos em minoria política, tais como negros, indígenas, quilombolas, povos do campo, LGBTQIA+, mulheres, pessoas idosas e pessoas com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Para tal, persegue os seguintes propósitos:

I - apoiar políticas de ação afirmativa em todos os âmbitos e instâncias que atuam junto a estudantes pertencentes a grupos em desvantagem social;

II - fomentar a participação de estudantes pertencentes aos grupos em minoria política, em atividades desenvolvidas pelos Núcleos de Inclusão e de Diversidade, bem como fortalecer seus vínculos com a vida acadêmica no IFPE;

III - contribuir para a formação integral da comunidade discente por meio de

- uma prática inclusiva e cidadã;
- IV - estimular que os/as estudantes participantes do programa busquem um maior comprometimento com as vivências institucionais acadêmicas, sociais e culturais;
- V - potencializar a solidariedade, a cooperação e a partilha de saberes, mediante práticas de perspectiva decolonial;
- VI - desenvolver e estimular uma cultura institucional de fortalecimento dos Direitos Humanos, por meio das Políticas Inclusivas e para a Diversidade;
- VII - concorrer, junto a outras iniciativas, para a reparação de desigualdades históricas que impedem a inserção justa e equânime das minorias sociais no conjunto da sociedade;
- VIII - incentivar a criação e o fortalecimento dos Núcleos de Inclusão e Diversidade (NID) em todos os *campi* do IFPE;
- IX - oportunizar o suporte necessário aos NIDs para implementação das atividades e dos projetos que promovam a integração e a troca de experiências para o avanço da inclusão e da diversidade no IFPE; e,
- X - refletir sobre o compromisso da instituição com a formação cidadã e inclusiva, a igualdade de oportunidades, a justiça social e a construção de um ambiente educacional que celebra e valoriza a diversidade humana em todas as suas formas.

O conjunto de produções apresentadas compôs o conjunto de textos escritos no formato documento ou produção científica e literária que consubstanciou a pesquisa literária e documental, assim como a fundamentação teórica e legal de pesquisa sobre os Negeds, enquanto possíveis territórios de Empoderamento Feminino.

3.1 O TERRITÓRIO FORMATIVO: Núcleo de Gênero e Diversidade do IFPE

Não iremos nos ocupar em fazer a exegese do IFPE, mas iremos apontar alguns acontecimentos que o tornaram o que é. É importante entender que os acontecimentos ocorrem de acordo com o momento histórico e, sobretudo, com o território geográfico no qual os acontecimentos acontecem. Neste recorte específico, é importante acionar o Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI do IFPE (2014-2018), o qual se ocupa em historicizar como se dá a criação do IFPE, que antes era Escola de Aprendizes Artífices. Eis um fragmento no PDI (2015, p. 24), o qual diz que:

Em 23 de setembro de 1909, por meio do Decreto Nº 7.566, o Presidente Nilo Peçanha criava em cada uma das capitais dos Estados do Brasil uma Escola de Aprendizes Artífices, destinadas a ministrar o ensino profissional primário e gratuito. Essas escolas tinham o objetivo de formar operários e contramestres.

Assim, ao longo do processo histórico de aperfeiçoamento e crescimento da instituição no campo da formação profissional e tecnológica, chega-se ao IFPE, tal como consta:

Em 1999, por meio do Decreto S/N de 18/01/1999, a ETFPE foi transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco, Cefet-PE, ampliando seu portfólio de cursos e passando também a atuar na Educação Superior com cursos de formação de tecnólogos (IFPE/PDI, 2015, p. 25).

Há uma evolução nessa mudança, qual seja, a implementação do ensino superior nos cursos de formação de tecnólogos, ou seja, maior qualidade no nível de escolarização, atendendo ao público jovem que visa à formação tecnológica e profissionalizante.

Salientamos que em meio a tantas mudanças nessa instituição, tivemos em 2008 a que até hoje prevalece, cujo fragmento a seguir assim denomina o IFPE de hoje:

Com a publicação da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, foi instituída a Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco- IFPE- hoje é constituído por um total de 16 *campi*, a saber: os *campi* de Belo Jardim, Barreiros e Vitória de Santo Antão (antigas EAFs); os *campi* de Ipojuca e Pesqueira (antigas Uneds do Cefet-PE); os *campi* de Afogados da Ingazeira, Caruaru e Garanhuns implantados na Expansão II da Rede Federal de Educação Profissional; além de mais sete *campi* implantados pela Expansão III: Abreu e Lima, Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão dos Guararapes, Palmares, Paulista e Igarassu e Olinda, que é ainda, o único *campus* funcionando em sede provisória, porém com sede própria em construção e o *campus* Recife (antiga sede da ETFPE -PE), todos em funcionamento (IFPE/PDI, 2022, p. 26).

Atualmente, o IFPE tem 16 *campi*, os quais se ocupam do Núcleo de Gênero e Diversidades, criados desde as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos de 2012. Assim, como desdobramentos em torno da formação humana sobre as diferenças, o respeito, as culturas e identidades, bem como sobre toda a diversidade inerente ao ser humano, foram criados:

Os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e firmado convênio com a **Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco**, para a implantação de Núcleos de Gênero e Enfrentamento de Violência contra a Mulher, **em todos os Campi do Instituto**, a fim de debater com a comunidade ações sistêmicas sobre essas temáticas de forma aberta e científica (PDI/IFPE, 2014, p. 26, grifos nosso).

Neste sentido, salientamos que, por meio das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos de 2012, mediante a intersetorialidade, foi possível a criação dos Núcleos.

Ressaltamos que, embora tenhamos partido do Plano de Desenvolvimento Institucional do IFPE, é válido mencionar que a criação de Núcleo de Gênero teve a iniciativa da Secretaria da Mulher de Pernambuco (SecMulher/PE) para sua implementação, uma vez que:

Estes núcleos surgem como ação de fortalecimento ao Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero (que também é um subprograma da SecMulher/PE), lançado em 2007, cujo objetivo é “ampliar e fortalecer o debate crítico, nos espaços formais de ensino, sobre as desigualdades entre homens e mulheres,

visando estimular a produção de conhecimentos acerca da categoria gênero” (Antas; Arantes, 2021, p. 126).

Em meio à finalidade de fortalecimento ao Prêmio Naíde Teodósio, os Núcleos de Gênero são também um programa da SecMulher/PE, para se combater as desigualdades entre homens e mulheres e promover a produção de conhecimento sobre gênero, um movimento importante que, por meio de parceria, daria maiores possibilidades de alcance de um público maior. Sendo assim, conforme Antas e Arantes (2021, p. 130), salientam que:

Os NEG's e o Prêmio Naíde Teodósio são subprogramas do Programa de Formação em Gênero no Ensino Formal, pertencente à Política de Formação em Gênero e Apoio às Mulheres na Produção de Conhecimento, na Cultura e nos Esportes, coordenada pela Gerência de Formação de Gênero (subordinada à Secretaria Executiva da SecMulher/PE). Estes subprogramas possuem o objetivo de fomentar a discussão das relações de gênero e da violência contra mulheres dentro dos **ambientes escolares e acadêmicos**, estimulando a reflexão sobre essas temáticas e buscando a ampliação de conhecimentos e informações para a construção de políticas públicas para as mulheres e para o combate à violência de gênero (grifos nosso).

O lócus formativo institucional fomenta a formação inicial e continuada, à medida que as pessoas envolvidas no Núcleo de gênero podem se apropriar dos conhecimentos sobre a temática, bem como refletir, problematizar e fomentar a criação de políticas públicas voltadas para as mulheres, no que tange ao combate à violência contra a mulher.

A intersectorialidade⁵ permitiu que o IFPE viesse a endossar suas ações em prol desta temática tão importante, ação feita conforme a parceria estabelecida. Para a SecMulher:

Os Núcleos existentes têm estimulado a produção de atividades pedagógicas que articulam os conteúdos curriculares com os saberes específicos da área de gênero. Temáticas importantes, como violência contra mulher e poder, são discutidas e aprofundadas. Dessa maneira, a atuação dos Núcleos vem resultando em ações que envolvem todo o ambiente escolar, inclusive, em alguns casos, de forma bem sistemática, por trabalhos interdisciplinares e/ou de projetos (Pernambuco, 2014, p. 135).

Podemos destacar uma estratégia inteligente e pertinente que a Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco desenvolveu para fazer jus a formação nos espaços formais de ensino, pois os currículos devem ser problematizados em torno da questão de gênero, temáticas que atravessam o vir a ser da humanidade, que não podem ser ignoradas no ambiente escolar, como a diversidade sexual, a violência contra a mulher, a deficiência, o abuso sexual de crianças e adolescentes, pedofilia, estupro, orientação sexual, sexualidade e tantas outras temáticas que

⁵ O termo interseccionalidade nos permite compreender melhor as desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade. Pode ser considerado como uma ferramenta analítica importante para pensarmos sobre as relações sociais de raça, sexo e classe, e os desafios para a adoção de políticas públicas eficazes. <https://www.politize.com.br> Acesso em 14 jan. 2025.

são inerentes à formação humana em plenitude. Neste sentido, está posto por Antas (2017, p. 03):

Dessa forma, a SecMulher propõe que os NEG sejam unidades promotoras de ações de formação, pesquisa e extensão, que possuem finalidade de desenvolver práticas comprometidas com transformações sociais, a partir da promoção dos direitos da mulher e da equidade entre os sexos, ampliando a discussão sobre hierarquias e privilégios que caracterizam as relações de gênero na nossa sociedade e que são (re)produzidas nos espaços formais de educação. Para isto, conta com uma gama de parcerias, dentre elas o próprio IFPE, a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarp), a Universidade de Pernambuco (UPE), a Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), entre outros, que se somam na construção e produção desta ação.

A SecMulher tem ocupado outros espaços formativos com a implementação dos Núcleos de Gênero. Ação intersetorial é bastante importante para que possam ser disseminadas as atividades pedagógicas em torno das questões de gênero e diversidade, embora o que nos interessa é o Neged do IFPE. Segundo Antas (2017, p. 04),

Em 2012 o IFPE assina o termo de cooperação técnica com a SecMulher e passa a fazer parte do subprograma dos Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra Mulher. Neste os núcleos receberam a nomenclatura de ‘Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade’ (Neged), e cada campus deste Instituto, mais a Diretoria de Educação a Distância, possui seu próprio núcleo, que atuam de forma autônoma. Atualmente existem 17 núcleos, sendo estes vinculados à Coordenação de Políticas Inclusivas da Pró-Reitoria de Extensão do IFPE, à Direção Geral dos Campi (ou, no caso da EaD, à Diretoria de Educação a Distância - DEaD) e as suas respectivas Coordenações de Extensão.

Entender o momento histórico em que foi implementado o Núcleo de Gênero é oportuno para viabilizarmos, inclusive, o momento político da época. Assim, em 2012 estava no poder o Governador Eduardo Campos, do Partido Socialista Brasileiro, por isso destacamos a importância histórica da presença da SecMulher nessa efetivação no *Campus Recife* do IFPE.

Daremos ênfase à Resolução nº 65 de 20 de janeiro de 2021, a qual se ocupa em aprovar “o Regulamento dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade (Negeds) do (IFPE -2021)”. Neste documento legal, o primeiro artigo dispõe:

Art. 1º Este Regulamento dispõe sobre a organização, o funcionamento e as atribuições dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade (Negeds) dos *campi* e da Diretoria de Educação a Distância (DEaD) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco-IFPE (IFPE, 2021, p. 01).

Significa que não somente para os cursos presenciais, mas também para os cursos ofertados pela modalidade da educação a distância, contemplando, assim, o maior acesso formativo, sobretudo para as mulheres. Consideramos importante, acionar a finalidade do

respectivo Núcleo, tal como está posto na Resolução nº 65, que diz que:

Art. 2º Os Negeds são **núcleos interdisciplinares** que têm a finalidade de promover, planejar e executar ações referentes às temáticas de gênero e diversidade, proporcionando a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero.

§ 1º Para os efeitos deste Regulamento, serão utilizados os conceitos **de gênero e diversidade** embasados nos Princípios de **Yogyakarta** sobre a Aplicação da Legislação Internacional de Direitos Humanos em relação à Orientação Sexual e Identidade de Gênero.

§ 2º As ações dos Negeds se orientam pelo inciso IV do art. 3º e inciso XLI e caput do art. 5º da Constituição Federal de 1988 e pelo disposto na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na Portaria MEC nº. 1.612, de 18 de novembro de 2011, e na Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais.

§ 3º Este Regulamento considera as diretrizes do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (**PNPM**), que apontam para a necessidade de se promover a inserção de temas voltados para a igualdade de gênero nas instituições de ensino.

§ 4º No âmbito da instituição, as ações se nortearão pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (**PCNs**), que orientam o setor de educação para a inclusão de temáticas transdisciplinares, tais como orientação sexual, igualdade de gênero e diversidade. (IFPE, 2021, p. 02, grifos nosso).

Compreendemos, portanto, a complexidade em torno das abordagens a serem realizadas no Núcleo. No que concerne à complexidade, acionamos a interdisciplinaridade⁶, a qual requer formação inicial e continuada para que as temáticas trabalhadas no Núcleo possam ser vivenciadas em sala de aula com toda a juventude, ou melhor, com todas as pessoas.

Outro nível de complexidade está no que tange ao discurso jurídico legal acionado para que o Núcleo cumpra a sua função em promover a formação humana integral por meio da documentação legal que garante os direitos fundamentais a todas as pessoas, tais como: Constituição Federal de 1988; Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; Portaria MEC nº. 1.612, de 18 de novembro de 2011, e na Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais, o PNPM e os PCNs. Significa, portanto, que não é um ato de boa vontade dos profissionais em abordar sobre gênero e diversidades, mas, sobretudo, uma obrigatoriedade posta neste conjunto de documentos legais, para que a inclusão social possa ser um fato nos

⁶ Ressaltamos que a interdisciplinaridade permeia processos pedagógicos de temáticas que podem ser trabalhadas em todas as áreas de conhecimento, como a questão de gênero, por exemplo. Não pretendemos dizer o que é e como se faz a interdisciplinaridade, apenas defendemos que ela permeia os processos pedagógicos nos Negeds, que podem e devem ser orientadas as discussões em torno das temáticas de natureza transversal. Para maior aprofundamento sobre o que é interdisciplinaridade, sugerimos a leitura da obra: Didática e interdisciplinaridade, de Ivani C.A. Fazenda (org.), 1968. Disponível em: <https://bitly.com/0QUY0>.

espaços formativos. Segundo o documento referente aos princípios de Yogyakarta (2007, p. 05):

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Todos os direitos humanos são universais, interdependentes, indivisíveis e inter-relacionados. A orientação sexual e a identidade de gênero são essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa e não devem ser motivo de discriminação ou abuso.

Os princípios orientadores sobre os Direitos Humanos na dimensão internacional tendem a conceituar identidade de gênero. Partindo deste prisma, acionamos duas categorias fundantes que corroboram com a complexidade com a qual deve ser tratada esta temática: a primeira é o enunciado identidade e a segunda os Direitos Humanos, temáticas que devem ser trabalhadas por meio de práticas interdisciplinares e pedagogia de projetos, a fim de que se possa fazer jus à extensão das ações pedagógicas, ou seja, a abordagem não pode ser somente no ambiente acadêmico, mas em outros espaços onde existem pessoas em processo formativo, como nos ambientes não formais, isto é, espaços como associações, organizações não governamentais, movimentos sociais e outros.

Portanto, o Regulamento dos Núcleos de Estudos Gênero e Diversidade (Negeds) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) presente na Resolução nº 65 de 20 de janeiro de 2021, consiste em expor e orientar sobre a finalidade dos Núcleos, bem como suas diretrizes, a coordenação das políticas inclusivas da Reitoria, os objetivos, a administração do Núcleo, a atribuição dos Negeds, das disposições finais e transitórias. Em outras palavras, essa Resolução, juntamente com o regulamento, discorre sobre a natureza dos Negeds. Sendo assim, é fundamental para que as políticas de inclusão no IFPE possam ser efetivadas concretamente, partindo de cada núcleo, e o que nos interessa são os Negeds dos *campi* Pesqueira e Recife do IFPE.

A atuação dos Negeds oriundos da Pró-Reitoria de Extensão do IFPE está presente nos 16 *campis* do IFPE. Logo, é considerado um espaço democrático que fomenta a formação humana integral voltada para as questões da diversidade humana.

O IFPE possui 16 *campi*, os quais possuem o Núcleo de gênero e diversidade (Antas, 2018; Lima Júnior, 2019; Santos, 2021). A fim de criar elementos que orientassem a escolha do lócus de pesquisa, procedemos com um levantamento descritivo-exploratório de informações sobre a criação e funcionamento dos Negeds, levando-se em consideração a prevalência de ações e esforços voltados ao Empoderamento Feminino. Para atender a esse propósito, foi realizado um levantamento sobre as ações desenvolvidas pelos núcleos de cada *campus*, a partir de relatorias apresentadas pela gestão do Neged. Não sendo possível acessar informações sobre o conjunto dos Negeds do IFPE, optou-se por localizar as informações

situadas no âmbito dos *campi*. Nessa caminhada, encontraram-se informações sobre 12 dos 16 *campi* que integram o IFPE. O Quadro 8 a seguir apresenta uma panorâmica acerca do levantamento empreendido.

Quadro 8 – Atuação dos Negeds nos *campi* (continua)

Campus / Ano de criação do Neged	PRINCIPAIS AÇÕES DESENVOLVIDOS PELO NÚCLEO DE CADA CAMPUS
Barreiros (2022)	Realizar ações e estudos que trate da temática que envolve às opressões às Mulheres e à população LGBTQIA+, incentivando o debate no campus com os estudantes, servidores e terceirizados.
Belo Jardim (2016)	Retomará as rodas de conversas que tanto ajudam no empoderamento das/dos estudantes deste <i>campus</i> .
Caruaru (2019)	Esclarecer servidores, servidoras trabalhadoras (as) terceirizados(as) e discentes sobre direitos, autonomia e respeito aos grupos atendidos pelo Neged/IFPE.
Garanhuns (2016)	Seguir a Resolução CONSUP-IFPE 65/2021 - Regulamento dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade (Neged).
Ipojuca (2016)	Andar de forma bastante integrada, buscando atender aos objetivos presentes nos seus respectivos regulamentos.
Pesqueira (2019)	<p>I - Propor e organizar programas, ações e atividades que envolvam as temáticas relacionadas às questões de gênero e diversidade;</p> <p>II - difundir a Resolução Consup/IFPE no 39/2015, alterada pela Resolução Consup/IFPE no 69 de 30 e setembro de 2019, e outros instrumentos normativos institucionais que asseguram a utilização, em todos os documentos internos do IFPE, do nome social a pessoas que se autodenominam travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais;</p> <p>III - promover formação específica sobre as temáticas relacionadas às questões de gênero e diversidade, estimulando o desenvolvimento da produção científica;</p> <p>IV - Articular os diversos setores da instituição nas atividades relativas às temáticas de atuação dos Negeds;</p> <p>V - Contribuir na aquisição de equipamentos e materiais didático-pedagógicos a serem utilizados nas práticas educativas e ações de ensino, pesquisa e extensão;</p> <p>VI - Participar do planejamento institucional, juntamente com os setores de Ensino, Pesquisa e Extensão, em relação ao atendimento, aconselhamento, encaminhamento e acompanhamento, pela equipe multiprofissional, de pessoas que se encontram em vulnerabilidade social em função de questões relativas a gênero e diversidade sexual;</p> <p>VII - desenvolver atividades de assessoria técnica junto a grupos de trabalho e associações da comunidade, bem como a órgãos e entidades que desenvolvam programas relacionados à temática dos Negeds, por intermédio de acordos de cooperação firmados entre as partes;</p> <p>VIII - fomentar discussões sobre relações de gênero e diversidade sexual por meio de promoção de cursos de extensão, seminários, oficinas e outras atividades afins;</p> <p>IX - Analisar as questões pertinentes à temática de estudo dos Negeds que lhes forem encaminhadas;</p> <p>X - Subsidiar a formulação de políticas institucionais que visem à promoção do respeito à diversidade sexual e à pluralidade de gêneros;</p> <p>XI - promover, divulgar e participar de eventos nacionais e internacionais sobre a temática específica dos Negeds;</p> <p>XII - promover a articulação do IFPE com os movimentos sociais na luta contra as desigualdades, com ênfase nas desigualdades de gênero e no respeito à diversidade sexual, para atuação nas comunidades por meio dos projetos de extensão;</p> <p>XIII - fomentar debates junto à comunidade sobre leis, resoluções, tratados e convenções que versam sobre igualdade de gênero, violência contra a mulher, assédio, homofobia, transfobia, união civil de pessoas de mesmo gênero, redesignação sexual, utilização do nome social e temas correlatos, agregando nesses debates os movimentos sociais e órgãos pertinentes;</p> <p>XIV - fortalecer a discussão sobre os direitos sexuais e reprodutivos, articulando as políticas de saúde em parceria com as secretarias municipais de saúde e outros órgãos;</p> <p>XV - contribuir com o desenvolvimento da política de formação profissional do IFPE para mulheres, por meio de cursos com viés empreendedor que possibilitem geração de renda.</p>

Quadro 8 – Atuação dos Negeds nos *campi* (conclusão)

Campus / Ano de criação do Neged	PRINCIPAIS AÇÕES DESENVOLVIDOS PELO NÚCLEO DE CADA CAMPUS
Recife (2014),	<p>1- Propor e organizar programas, ações e atividades que envolvam as temáticas relacionadas às questões de gênero e diversidade; 2- Difundir a Resolução CONSUP/IFPE nº 39/2015 e outros instrumentos normativos institucionais que asseguram a utilização, em todos os documentos internos do IFPE, do nome social a pessoas que se autodenominam travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais; 3- Promover formação específica sobre as temáticas relacionadas às questões de gênero e diversidade, estimulando o desenvolvimento da produção científica; 4- Articular os diversos setores da instituição nas atividades relativas às temáticas de atuação dos Negeds; 5- Contribuir na aquisição de equipamentos e materiais didático-pedagógicos para serem utilizados nas práticas educativas e ações de ensino, pesquisa e extensão; 6- Participar do planejamento institucional, juntamente com os setores de Ensino, Pesquisa e Extensão, em relação ao atendimento, aconselhamento, encaminhamento e acompanhamento, pela equipe multiprofissional, de pessoas que se encontram em vulnerabilidade social em função de questões relativas a gênero e diversidade sexual; 7- Desenvolver atividades de assessoria técnica junto a grupos de trabalho e associações da comunidade, bem como a órgãos e entidades que desenvolvam programas relacionados à temática dos Negeds, por intermédio de acordos de cooperação firmados entre as partes; 8- Fomentar discussões sobre relações de gênero e diversidade sexual por meio da promoção de cursos de extensão, seminários, oficinas e outras atividades afins; 9- Analisar as questões pertinentes que lhes forem encaminhadas envolvendo a temática de estudo e pesquisa aplicada dos Negeds; 10- Subsidiar a formulação de políticas institucionais que visem à promoção do respeito à diversidade sexual e à pluralidade de gêneros; 11- Promover, divulgar e participar de eventos nacionais e internacionais sobre a temática específica dos Negeds; 12- Promover a articulação do IFPE com os movimentos sociais na luta contra as desigualdades, com ênfase nas desigualdades de gênero e no respeito à diversidade sexual, para atuação nas comunidades por meio dos projetos de extensão; 13- Fomentar debates junto à comunidade sobre as leis, resoluções, tratados e convenções que versam sobre igualdade de gênero, violência contra a mulher, assédio, homofobia, transfobia, união civil de pessoas de mesmo gênero, redesignação sexual, utilização do nome social e temas correlatos, agregando nesses debates os movimentos sociais e órgãos pertinentes; 14- Fortalecer a discussão sobre os direitos sexuais e reprodutivos, articulando as políticas de saúde em parceria com as secretarias municipais de saúde e outros órgãos; 15- Contribuir com o desenvolvimento da política de formação profissional do IFPE para mulheres, por meio de cursos com viés empreendedor que possibilitem geração de renda.</p>
Vitória de Santo Antão (2021)	Promover, planejar e executar ações referentes às temáticas de gênero e diversidade, proporcionando a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero (Resolução Consup/IFPE – Nº 65, de 20 de janeiro de 2021).
Palmares (2022)	Promover, planejar e executar ações referentes às temáticas de gênero e diversidade, proporcionando a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero.”
Olinda (2017)	Promover, planejar e executar ações referentes às temáticas de gênero e diversidade, proporcionando a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero.
Igarassu (2017)	Estimular o debate para além da sala de aula de temáticas relativas ao mundo do trabalho para os estudantes de Gestão de Pessoas; permitindo espaços de discussão de maneira ampla sobre temáticas ligadas a educação e direitos humanos.
Jaboatão dos Guararapes	Promover, planejar e executar ações referentes às temáticas de gênero e diversidade, proporcionando a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero.

Fonte: Elaboração da autora (2024)

Sobre os *campi* Pesqueira e Recife, detalharemos as ações e as atividades desenvolvidas pelos seus Negeds em subcapítulo específico de apresentação do lócus da pesquisa, no capítulo da metodologia intitulado “Trilha metodológica: o caminho da pesquisa”.

A intensidade e sistematização das ações descritas, no quadro anterior, direcionaram a escolha do nosso campo pesquisa, tendo sido formado na sua primeira fase, referente à aplicação dos questionários, por mulheres integrantes de Negeds dos *campi* mapeados no

quadro anterior; na segunda fase, foram vivenciadas as entrevistas narrativas, conforme detalhamento no capítulo referente à metodologia da pesquisa.

Com relação à institucionalidade desse debate, destacamos do trabalho de Lima Júnior (2021, p. 18, grifos nosso) a seguinte assertiva:

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), enquanto instituição comprometida com a formação humana integral, em **todas as dimensões da vida** e, também, considerando que a **formação integral** passa pelo reconhecimento da **legitimidade das múltiplas expressões sexuais e identitárias**, deu materialidade à sua política de inclusão das **populações LGBTQIA+**, dentre outras ações, por meio da criação dos Núcleos de Estudos em Gênero e Diversidade (Neged).

Conforme o supracitado, o Núcleo se ocupa de todas as dimensões da vida, das múltiplas expressões sexuais e identitárias, sobretudo das pessoas pertencentes ao LGBTQIA+. Dado este foco, Lima Júnior (2021, p. 18, grifos nosso) reafirma o seguinte:

Vinculados à Pró-Reitoria de Extensão do IFPE (PROEXT), e com atuação em todos os *campi* da instituição, os Negeds constituem uma importante ferramenta para a produção do **conhecimento em gênero e diversidade sexual**, além de promover a inclusão dos estudantes LGBTQIA+, conduzindo o processo de apropriação da comunidade escolar acerca da existência de inúmeras possibilidades de manifestações sexuais e identitárias e da necessidade do respeito às diferentes expressões não hegemônicas.

Em sua dissertação envolvendo essa temática, Lima Júnior (2021, p. 59) infere que “os primeiros movimentos em direção à criação do Núcleo de Gênero e Diversidade (Negeds) no IFPE se dão em 2009, quando da participação da instituição no Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero”. Ou seja, tivemos a parceria da Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco para implementar os Núcleos de Gênero e Diversidades no IFPE. Desde então, os trabalhos realizados sobre o papel dos Negeds nos IFPEs têm aumentado significativamente, sobretudo enfatizando discussões e reflexões sobre a sexualidade, o gênero e a diversidade.

A defesa posta em evidência é de que os Negeds são um artefato metodológico que viabiliza a apropriação do conhecimento sobre gênero e diversidade sexual. Neste caso, é importante destacar que há avanços significativos tanto nas práticas pedagógicas de natureza inclusiva quanto nos documentos legais, como a Resolução nº 39/2015, que “regulamenta a política de utilização do nome social para pessoas que se autodenominam travestis, transexuais, transgêneros e intersexual no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE” (IFPE, 2015, p. 02). Portanto, essas mudanças legais viabilizam usar o nome que melhor identifica o ser humano em sua identidade sexual. Assim, está assegurado em seu artigo, o direito de ser chamado pelo nome social, conforme se lê:

Art. 8º Fica assegurado o direito do (a) requerente sempre ser chamado (a) oralmente pelo nome social e gênero correspondente, sem nenhuma menção ao registro civil, por toda comunidade acadêmica, incluindo os prestadores de serviço, seja na frequência de classe, nos refeitórios, na biblioteca, na colação de grau, na defesa de tese, dissertação ou monografia, na entrega de certificados e declarações, como também, em eventos similares (IFPE, 2015, p. 04).

Portanto, em qualquer departamento da instituição e em qualquer posição que se encontrem as pessoas em formação, elas devem ser chamadas pelo nome social. Nessa direção, vale a pena ressaltar que o Neged não somente colabora com a produção do discurso jurídico enunciativo sobre gênero e diversidade, mas tem possibilitado a produção de conhecimento em torno de várias temáticas que são trabalhadas pelo Núcleo. Como já mencionamos, o trabalho de Lima Júnior sobre a população LGBTQIA+, têm outras produções realizadas sobre outras temáticas, como o trabalho de Antas (2017), que trata sobre a violência contra as mulheres.

A discussão sobre gênero é importante por causa das censuras estabelecidas pelos conservadores, inclusive os políticos e o religiosos. A autora supracitada salienta que:

O momento histórico em que vivemos é marcado por uma crescente censura à inclusão da perspectiva de gênero e diversidade sexual nas escolas brasileiras, realizada, sobretudo, por grupos religiosos fundamentalistas e movimentos conservadores como o Escola Sem Partido e o Movimento Brasil Livre - MBL (Antas, 2018, p. 10).

Portanto, conforme o momento histórico do interregno 2015 a 2022, muitos projetos foram postos em circulação para combater a chamada “ideologia de gênero”⁷ nas escolas. Não iremos nos ater a tais questões de censura, pois o que nos interessa é o trabalho desenvolvido no Núcleo de Gênero e Diversidade no IFPE, voltado para o Empoderamento Feminino.

3.2 EMPODERAMENTO FEMININO: conquistas e avanços

Conforme supracitado, o Núcleo de gênero e diversidade é bastante eclético, e as temáticas são abordadas conforme a singularidade de cada contexto em que se insere cada *campus*. Das várias produções oriundas no Núcleo, ressaltamos duas dissertações dedicadas a compreender esses núcleos em Pernambuco: a de Lima Júnior, sobre a população LGBTQIA+, e a de Antas, sobre a violência contra mulher, ambas produzidas na esfera de Programa de Mestrado Profissional em Educação em Pernambuco, e ainda o trabalho de Morais (2020), que buscou compreender experiências de estudantes LGBTI+ na educação profissional e os desafios enfrentados no mundo do trabalho. Deste modo, iremos nos ocupar em refletir sobre a

⁷ A "ideologia de gênero" tem sido o principal argumento de fundamentalistas religiosos/as e extremistas conservadores/as para a ofensiva contra direitos sexuais no Brasil, com ênfase para o cerceamento da educação sobre gênero e sexualidade nas escolas.

possibilidade de o Neged proporcionar Empoderamento Feminino para as mulheres participantes da sua organização e sistematização.

As políticas públicas voltadas para as mulheres cumprem a função de desnaturalizar o lugar de opressão que historicamente a mulher ocupou por causa da cultura do patriarcado, do machismo e da misoginia. Operar rupturas em situações de opressão, violência e violação dos direitos das mulheres, em particular, é uma bandeira que deve permanecer permanentemente erguida, sobretudo por causa da persistência do feminicídio, cujo índice de mulheres mortas pelos seus companheiros ainda hoje é muito elevado. Uma das maneiras para combater tal realidade violadora da vida e da dignidade humana é a formação desde a mais tenra idade sobre as questões de gênero. Tal como consta nos dados do “Atlas da violência”, em 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas no Brasil, uma pequena diminuição com relação ao ano anterior. Este fato representa uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil mulheres. O relatório mostra que a taxa total de homicídios contra mulheres apresentou uma queda de 9,3% entre 2017 e 2018.

Entretanto, embora o número total de homicídios femininos tenha apresentado uma redução, constata-se que a situação melhorou apenas para as mulheres não negras. A análise dos dados do Ipea, desagregados por raça, mostra que entre 2008 e 2018 houve uma queda de 11,7% nos homicídios de mulheres não negras. Entretanto, entre as mulheres negras existiu um aumento de 12,4%. Em 2018, 68% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras.

Sendo assim, a política pública compreende uma modalidade de relação entre o Estado e a sociedade, ou seja, revela os modos de o Estado agir em relação aos problemas existentes no interior da formação societária (Vianna, 2004, p. 29), ou seja, a política pública de modo geral. Já quanto à política pública voltada especificamente para a mulher, ressaltamos o que é considerado pela SecMulher de Pernambuco:

Políticas Públicas de Gênero para as Mulheres são aquelas ações que têm como sujeitos as mulheres e estão voltadas, efetivamente, para o **empoderamento das mesmas**, promovendo **a igualdade social, política e econômica entre os sexos**. A aplicação desses conceitos preconiza que as políticas para as mulheres venham a contemplar três dimensões: a. **De reparação** das desvantagens que esse segmento da população ainda vivencia, devido aos longos anos de violação de seus direitos civis, políticos, econômicos e sociais; b. **De proteção** desse segmento da população da violência doméstica e sexista; c. **De atendimento** a especificidades advindas da compleição física e funcionamento biológico da população feminina, tais como a gravidez, o parto, o aborto previsto em lei, a menopausa, entre outros (Pernambuco, 2023, p. 34).

O empoderamento das mulheres diz respeito à igualdade política, econômica e social, tendo em vista que a desigualdade de gênero ainda é muito latente na sociedade, isso porque

temos homens e mulheres com as mesmas qualificações e realizando o mesmo trabalho, mas a mulher recebe seus honorários com valor inferior ao do homem. Este ano tivemos uma excelente conquista, a aprovação do Projeto de Lei 1085/23⁸, sancionada pelo governo Lula (PT), o qual visa à determinação da igualdade salarial entre homens e mulheres, sendo assim, um avanço para o coletivo feminino. Entretanto, as desigualdades entre homens e mulheres ainda prevalecem, por isso, a política pública tem uma função triádica, pois visa reparar, proteger e atender todas as mulheres que têm seus direitos violados, sofrem vários tipos de violências e passam por situações extremas de dores que precisam ser assistidas, tais como o parto, o aborto, o estupro, a menopausa e outros infortúnios que acometem o ser mulher, como a cólica, menstruação mensal, sua variação hormonal e sua mudança de humor.

Favorecer ações que promovam o bem-estar da mulher em todas as suas dimensões é uma premissa urgente, pois, mediante todas as políticas implementadas e programas vivenciados, ainda não foram suficientes para amenizar as barbáries que as mulheres passam na sociedade, sobretudo partindo de seu ambiente social primeiro, a família, depois a escola e, por fim, a própria sociedade.

É importante constatar o que estamos denominando de empoderamento neste contexto, sobretudo o feminino, pois este enunciado possui uma plurissignificação inerente ao processo da atuação do poder. Baquero (2012, p. 174) relata:

Embora a utilização crescente do termo *empowerment* tenha se dado a partir dos movimentos emancipatórios relacionados ao exercício de cidadania – movimento dos negros, das mulheres, dos homossexuais, movimentos pelos direitos da pessoa deficiente – nos Estados Unidos, na segunda metade do século XX, a Tradição do Empowerment Tradition) tem suas raízes na Reforma Protestante, iniciada por Lutero no séc. XVI, na Europa, num movimento de protagonismo na luta por justiça social.

Sendo assim, os movimentos sociais permeiam a necessidade do protagonismo dos sujeitos em movimentos. Neste caso, iremos adentrar nos acontecimentos históricos sobre as mulheres, ou seja, como as mulheres atuaram para quebrar as fronteiras existentes em seu vir a ser.

⁸ Para conhecer o Projeto de Lei, orientamos a leitura em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/05/30/cae-adia-para-quarta-a-votacao-sobre-igualdade-salarial-entre-homem-e-mulher#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Assuntos%20Econ%C3%B4micos,e%20homens%20na%20mesma%20fun%C3%A7%C3%A3o.>

3.2.1 A mulher e sua presença na história

Historicamente, as mulheres são consideradas minorias na sociedade. Com este jargão, a presença da mulher na história quando não foi soterrada, foi invisibilizada e/ou mal contada. É preciso elidir com a invisibilidade das mulheres nos acontecimentos históricos de nossa sociedade. O protagonismo feminino fica ancorado na figura masculina, por isso o patriarcado é imperial, o machismo e a misoginia corroboram com a violação dos direitos das mulheres, bem como inviabilizam a visibilidade de seus feitos. Exemplos simples no cotidiano retratam a invisibilidade que acometem as mulheres, como: ela é mulher e sabe dirigir; mulher nasceu para pilotar fogão; mulher, bela, recatada e do lar, e tantos outros. Contudo, sempre aconteceram fenômenos revolucionários nos quais as mulheres estavam à frente, pois o que a história não conta ou tenta ocultar são as guerreiras que lutaram por condições de igualdade na sociedade.

Neste cenário de elucidar a historicização sobre a presença da mulher na sociedade, em meio a toda invisibilidade, iremos descortinar não a sua gênese e muito menos faremos a exegese, apenas apontaremos alguns fragmentos importantes na literatura que permeiam a discussão da invisibilidade para a revolução. Segundo Michelle Perrot (1995, p. 13, grifo nosso), em seu escrito ‘Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência’, assinala que:

Até o século XIX, **faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico**, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase **sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo** ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatutovigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem.

A mulher na literatura é simplesmente coisificada, pois ela aparece como enfeites. Do contrário, são loucas e obcecadas. Logo, elas são silenciadas, pois nenhuma representação de fato posiciona a mulher enquanto protagonista de si. Perrot (1995, p. 14), no mesmo escrito, destaca uma obra que é importante para compreendermos na época o lugar que a mulher ocupava. Assim, ela esclarece que nas obras *La Sorcière e Les femmes de la Révolution Française*:

Michelet chega mesmo a pensar que a relação entre os sexos é um dos motores da história. Contudo associando as mulheres à Natureza e os homens à Cultura, reproduz a ideologia dominante do seu tempo. Segundo ele, a natureza feminina tem dois polos, um branco e um negro: de um lado, a maternidade, o doméstico; de outro, a superstição, a crueldade, o sangue, a loucura, a histeria. Que as mulheres se ajustem ao primeiro polo, tudo bem. São, dessa maneira, a pura encarnação do Povo generoso. Inclinando-se elas na direção do segundo, a história perde suas leis e as catástrofes se sucedem. Exemplos: Catarina de

Médicis; ou mesmo as "tricoteiras" da Revolução francesa, terminando no Terror (Taine, como a maior parte dos psicólogos de loucos, adotou essa ótica de loucas históricas postoque mulheres).

A coisificação do ser mulher remonta aos primórdios da história. Por isso, é oportuno refletir na contemporaneidade como ela tem sido tratada na sociedade, sobretudo pelo lado social do olhar patriarcal, machista e misógino, mas, destacando os processos de luta e resistência que têm, sobremaneira, reposicionado do ponto de vista social e político esse lugar.

Não se tem a pretensão de fazer uma arqueologia da mulher na história, apenas elucidar acontecimentos importantes que a presença participativa da mulher permanece em construção. Perrot (1995), em “Escrever uma história da mulher: relato de uma experiência”, faz uma arqueologia das transições epistemológicas dos escritos sobre a diferença entre os sexos, corroborando com o desfecho da história das mulheres por elas. Isso mesmo, com os avanços nos movimentos sociais as mulheres foram ocupando o lugar não somente nesses espaços, mas, sobretudo, nas narrativas. Eis um fragmento que elucida tal acontecimento:

Nos questionamos sobre as mulheres enquanto agentes responsáveis pelos seus destinos individuais e coletivos, sobre suas capacidades de resistência e de transformação. Procuramos compreender o papel das mulheres nos movimentos sociais e nas revoluções. Fez-se a história do feminismo. O problema do acesso das mulheres aos diversos níveis de conhecimento (leitura, escrita, técnicas etc.), da criação e do poder suscitou – e ainda suscita – inúmeros trabalhos (Perrot, 1995, p. 21).

Eis que Perrot (1995) reafirma que os movimentos sociais reposicionam as mulheres, ou seja, são elas historiadoras de si, tanto individual quanto coletivamente, resistem e transformam, elucidando a história que não foi contada, ou simplesmente que coisificou o ser mulher em sublimação ou demonização.

Em outro escrito, “Práticas da Memória Feminina”, Perrot (1998) se ocupa em elucidar as questões em torno da leitura e da escrita das mulheres e sobre elas próprias. Apresenta a ausência das mulheres nos espaços sociais, o androcentrismo em volta delas e de suas narrativas, até mencionar que as mulheres, ao trocarem cartas entre elas, faziam questão que fossem destruídas para não deixarem vestígios de seus infortúnios ou simplesmente domesticadas pela dominação masculina, silenciadas, subalternas e submissas aos seus senhores, anuladas e ocultadas da sociedade, estavam acostumadas de suas invisibilidades. Como a leitura, a escrita é um fruto proibido para as mulheres, portanto:

A imagem das mulheres ateando fogo aos seus cadernos íntimos ou a suas cartas de amor no final de suas vidas sugere a dificuldade feminina de existir de outro modo que no instante fugaz da palavra e, por consequência, a dificuldade de recuperar uma memória que não deixou rastro (Perrot, 1998 p. 12).

Considera-se que a cultura do silêncio sobre a mulher acarreta a autodestruição. Em

contrapartida, os adornos e as vestimentas são artefatos que conduzem a memória feminina. Mas, acredita-se que na atualidade esta memória de vestimentas, adornos, enfeites, joias, laços, luvas, leques e outros pertences feminino têm caído no esquecimento ou simplesmente não se usa mais. Entretanto, com o passar do tempo as mulheres vão fazendo suas narrativas ainda que sejam de seu cotidiano. Eis um fragmento exposto por Perrot (1998, p. 17) que afirma: “pode vencer as resistências e liberar um desejo recalcado de falar de si, com o prazer de ser levada a sério e ser, enfim, sujeito da história”. Assim, Perrot contribui com informações relevantes de como as mulheres saem das narrativas masculinas e passam ser autobiografadas.

Ávila (2009) se ocupa em fazer a resenha da obra *Minha história das mulheres*⁹, de Michelle Perrot (2007), ressaltando que a referida autora faz um monumento historiográfico sobre a insurgência da mulher na história, ora ocultada. Portanto, elucidamos que Perrot é uma historiadora social que muito tem contribuído para dar visibilidade à história da mulher. Isso fica evidente em sua entrevista realizada com Araújo em 1992, quando ele perguntou: “_o que se passou para que esta história tenha se tornado possível?” Ela afirma: “_simplesmente trabalhamos muito” (Araújo, 1992, p. 126).

Munidos do conhecimento sobre os desvelamentos em torno da presença da mulher na história, acionaremos o movimento feminino para compreendermos como ele colaborou para a presença das mulheres na história, para que elas fossem protagonistas de suas próprias narrativas, de suas histórias de vidas, de suas memórias.

3.2.2 O movimento feminino: a presença da mulher na história

Notadamente, não estamos fazendo uma arqueologia, nem uma gênese da história da mulher, pois, ao fim e ao cabo, interessa-nos neste movimento compreender como as mulheres foram ocupando os lugares sociais dos quais foram subtraídas. Explicitamos que a mulher é coisificada, permanecendo no anonimato, como um objeto a ser sublimado ou demonizado. Cientes dessa questão insurgente sobre a história da mulher, que prevaleceu sobre a cultura dominante da masculinidade, consideramos relevante acionar alguns desdobramentos enunciativos sobre o movimento feminino para melhor entender como se deu essa transição da invisibilidade ao protagonismo feminino.

Embora a história não desvele a presença das mulheres em acontecimentos históricos importantes, é válido ressaltar que muitas delas travaram batalhas para conquistar a sua

⁹ Para um aprofundamento sobre a história das mulheres, recomenda-se a leitura na íntegra da obra *Minha história das mulheres*. Michelle Perrot. São Paulo, editora contexto, 2007, 190p.

liberdade. Isso mesmo, as narrativas masculinas não contam os enfrentamentos que as mulheres ao longo e largo da história realizaram, mas eles existiram. Portanto, o Movimento Feminino é um dos acontecimentos que historiciza o protagonismo da mulher que antes foi ocultada e silenciada. Assinala-se, que:

Ao longo da história ocidental sempre houve **mulheres que se rebelaram contra sua condição**, que **lutaram por liberdade** e muitas vezes **pagaram com suas próprias vidas**. A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas inofismáveis. Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do **século XIX**, quando as mulheres, primeiro na **Inglaterra**, organizaram-se para **lutar por seus direitos**, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao **voto**. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram **grandes manifestações** em Londres, foram presas várias vezes, fizeram **greves de fome**. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918 (Pinto, 2010, p. 15, grifos nossos).

Há registros de que Reino Unido, Inglaterra e Nova Zelândia foram pioneiros na luta pelo voto feminino, o denominado movimento sufragista, evidenciado pelos esforços de homens e mulheres adeptos a esse movimento e que entendiam a manifestação do exercício de cidadania feminina por meio do direito ao voto. No Brasil, na década de 1960, as mulheres realizaram o mesmo movimento. Assim está posto por Pinto (2010, p. 16): “As sufragistas brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto”.

A diferença entre os sexos é um demarcador social que posiciona a binaridade entre mulher e homem, e, assim, o homem na história é o ‘todo poderoso’, que tudo suporta e a mulher um ser frágil que vive na sombra do patriarcado, do machismo e da misoginia¹⁰. Romper com a desigualdade de gênero, ainda hoje, é mais que necessário. Neste sentido, as mulheres, em seus movimentos, historicamente continuaram levantando suas bandeiras, pois:

Em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os próximos dez anos como a década da mulher. No Brasil, aconteceu, naquele ano, uma semana de debates sob o título “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, com o patrocínio do Centro de Informações da ONU. No mesmo ano, Terezinha Zerbini lançou o Movimento Feminino pela Anistia, que terá papel muito relevante na luta pela anistia, que ocorreu em 1979 (Pinto, 2010, p.16).

¹⁰ A misoginia é o ódio contra as mulheres e a raiz de uma sociedade em que homens são valorizados e mulheres são desvalorizadas. Os resultados são diversos: feminicídios, humilhações, objetificação, entre outros. Disponível em: <https://www.gov.br/brasil-sem-misoginia-1>. Acesso 21 set. 2024.

A mulher passa, então, a ter a sua década demarcada pela ONU, bem como, pela luta contra a anistia, fruto do Movimento Feminino. É importante ressaltar que as ações realizadas pelo/no Movimento foi a chave de virada da posição da mulher na sociedade. Assim, Pinto afirma:

Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominação da sociedade capitalista (Pinto, 2010, p. 54).

São elas, as mulheres, que lutam, reivindicam, defendem a organização feminina para que não haja rachaduras em suas pautas, para que homens e mulheres se fortaleçam contra a destruição de todas as formas de dominação. Consequentemente, as mulheres não querem ser homens, elas querem condições de igualdade de direitos. Pinto (2010, p. 17) destaca:

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica.

Elucida-se que as bandeiras do Movimento Feminista são muitas e são levantadas no movimento populares de mulheres, que geralmente acontecem em espaços periféricos, tendo a educação como uma das principais bandeiras. Considera-se a importância de estar em movimento para fazer os enfrentamentos contra a violação dos direitos humanos e fundamentais.

Pinto (2010, p. 18, grifos nosso) destaca a vitória significativa do Movimento Feminista no Brasil, pois com ela muitas ações se consolidaram nos anos seguintes da história e a presença da mulher nela é efetivada com a criação de programas, leis e ministério. Eis, a sua assertiva:

Uma das mais significativas vitórias do feminismo brasileiro foi a criação do **Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM)**, em 1984, que, tendo sua secretária com status de ministro, promoveu junto com importantes grupos como o **Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA)**, de Brasília uma campanha nacional para a **inclusão dos direitos das mulheres na nova carta constitucional**. Do esforço resultou que a Constituição de 1988 é uma das que mais garante **direitos para a mulher no mundo**.

Portanto, o Movimento Feminista é uma importante ferramenta para fazer os

enfrentamentos sobre as diferenças entre os sexos, combater todo tipo de violência contra as mulheres, construir políticas públicas voltadas para mulheres e garantir direitos para a mulher no mundo, o que consiste em termos instituições maiores, como Ministério das Mulheres na atualidade, sob o comando da ministra Cida Gonçalves, cuidando das questões inerentes ao universo da mulher, sobretudo as diferenças entre os sexos, tendo aí uma questão de gênero a ser aprofundada para melhor compreendermos o presença da mulher na história¹¹.

3.3 A RELAÇÃO GÊNERO E A EDUCAÇÃO

O Núcleo de Gênero e Diversidade surgiu no IFPE, por volta dos anos 2012. Iremos nos ater aqui à questão de gênero e à educação, tendo em vista que a censura por meio do Projeto Escola Sem Partido de 2014 contestava a ideologia de gênero nas escolas.

Acionamos o escritor Paulo Freire (2014)¹² e a condição da mulher, de autoria de Andreola (2016) para refletirmos como Freire se sobressaiu em seus escritos que tinham uma marca machista, pois ele abordava muito o marcador homens. Então as feministas o contestaram e ele na obra *Pedagogia da Esperança* fez jus à questão de gênero, se referindo sempre às mulheres e homens e não mais somente a homens, como fizera até então.

Referindo-se a esse avanço, Andreola (2016, p. 611) afirma: “ele usava uma linguagem machista”. Fazendo uma arqueologia dos escritos de Freire, que leva em conta a questão de gênero, bem como a importância da participação da mulher na sociedade, destaca-se que o mais interessante é que Freire em seu momento histórico teve condições de reparar esta linguagem machista, suprimindo-a de seus escritos.

No período histórico em que era interpelado pelas feministas sobre sua referência massiva aos homens, ele teve a oportunidade de corrigir não somente a forma como se reportava às pessoas, mas a sua oralidade também foi mudando, pois quando se voltada para o público majoritariamente feminino, ele dizia: *Prezadas professoras!* Por conseguinte, compreender a importância da linguagem é fundamental para que possamos, por meio dela, fazer jus às questões de gênero presentes na educação, ou melhor, à educação em torno das questões de gênero, pois entendemos gênero como a binaridade homem e mulher. Entretanto, a relação de

¹¹ Outro inscrito que nos ajuda a compreender os pormenores em torno da história das mulheres está no manuscrito “Mulheres na História: como seria a história do mundo contada por elas? Da História em Foco, ano 2 nº 2. Disponível em [file:///C:/Users/casas%20bahia/Downloads/Histo%CC%81ria%20em%20Foco%20-%20Mulheres%20na%20Histo%CC%81ria%20\(Nov%2022\).pdf](file:///C:/Users/casas%20bahia/Downloads/Histo%CC%81ria%20em%20Foco%20-%20Mulheres%20na%20Histo%CC%81ria%20(Nov%2022).pdf) Acesso em 09 de fev. 2023. Fonte: Agência Senado.

¹² Paulo Freire, foi consagrado Patrono da Educação Brasileira, por meio da Lei 12.612/2012.

diferença entre os sexos precisa ser esclarecida.

Como já mencionada, a relação de diferença entre os sexos não está somente voltada para anulação e ocultação da mulher na história, mas à desigualdade que se estabeleceu historicamente entre homens e mulheres, por causa de uma sociedade androcêntrica, patriarcal, machista e misógina.

Considerando o contexto histórico, compreender também a história sobre a questão de gênero na educação se torna imperioso, entretanto, não nos cabe aqui e agora fazermos a exegese ou a historiografia de gênero. Destacamos que Louro (1994), em seu artigo sobre Uma leitura da história da educação sob o panorama de gênero, constata o quanto que o gênero é importante no contexto educacional para ser debatido, pois somente tendo conhecimento dos nossos direitos é que podemos lutar por eles”. Em outras, palavras não podemos deixar a cultura masculina nos roubar de nós mesmas. É sobre isso, entender não somente conceitualmente sobre gênero, mas, na prática, mudar nossas posições na sociedade e para ela.

Gênero é um constitutivo de relações sociais fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos (Louro, 1994, p. 32). Portanto, as diferenças entre os sexos é que constroem as desigualdades historicamente assinaladas entre homens e mulheres. Aqui voltamos aos dois polos: a Natureza (mulher) e a Cultura (homem), postas na em *La Sorcière e Les femmes de la Révolution française*, de Jule Michelet, destacado por Perrot (1995).

Desta maneira, desmistificar os papéis sociais que são assumidos por homens e mulheres no contexto social, político, econômico e cultural é fundante para que possamos combater ou amenizar as desigualdades de gênero que ainda hoje persistem na sociedade. Esta desigualdade é latente, pode ser percebida nítida e constantemente, como, por exemplo: o atendimento do garçom é sempre dirigido ao homem, o cumprimento, a conversa, a entrega do menu, a entrega da conta. Toda a relação é estabelecida do/a garçom ou garçonete para o homem. A mulher é visivelmente invisibilizada. Outro exemplo latente desta desigualdade que implica até na identidade e no pertencimento pessoal e cultural é a mulher perder o nome, pois não são as vezes em que se presencia o homem apresentando a mulher como ‘minha esposa’, ou ainda, situações em que as pessoas se referem à mulher como: ‘a mulher de fulano ou beltrano’. E para aprofundar essa desigualdade, exemplificamos a posição da mulher no lar, a remuneração da mulher que trabalha fora, as suas obrigações domésticas e maternas que lhes perseguem: por exemplo, mulheres que justificam a ausência porque têm que cuidar do lar, do marido e dos filhos. Enfim, os espaços sociais subtraídos da mulher e na contemporaneidade conquistados não elidem com situações corriqueiras como estas exemplificadas.

Por isso, a educação é importante para que, desde a mais tenra idade, possamos educar

de outra maneira nossos meninos e nossas meninas, pois até mesmo o modo de criação implica nessa desigualdade, bem como, ainda, as brincadeiras reproduzidas de cotidiano levam as meninas à maternidade, ao lar, aos cuidados, já os meninos é diversão pura, como bola, carro, brincadeiras que enfatizam a liberdade que gozam desde os primórdios da humanidade. Já as mulheres em suas brincadeiras estão acarretadas pelas correntes da dominação, opressão, violação da liberdade, com responsabilidades de adulto (quando meninas mais velhas cuidam dos irmãos e irmãs mais novos).

Como a educação pode operar com outras narrativas sobre a posição da mulher na história da sociedade vigente? A questão de gênero é crucial para encontramos esta resposta. Mas, não é a nossa intenção aqui. O que pretendemos é refletir analítica e criticamente sobre gênero e educação. Neste sentido, o IFPE tem contribuído para o pleno desenvolvimento humano que está coadunado com a questão de gênero e educação, pois nele consiste a “indissociabilidade entre as políticas que valorizem a diversidade, especialmente no que se refere às questões étnicas, culturais, de gênero, religiosas etc., promovendo trabalhos educativos para o desvelamento e diminuição dos estigmas” (IFPE, 2012, p. 46). Sendo assim, o Neged é de suma importância para as discussões em torno de gênero, educação e diversidade. No PDI do IFPE está bastante nítido o tipo de educação que se pretende ofertar para as pessoas em formação:

[...] a oferta de uma **educação não restritiva, inclusiva, não discriminatória e democrática**, independente de sexo, origem nacional, étnico-racial, de suas condições econômicas, sociais ou culturais, de suas escolhas de credo, orientação sexual, **identidade de gênero**, faixa etária, pessoas com deficiência, altas habilidades/ superdotação, transtornos globais e do desenvolvimento (IFPE, 2014, p. 274, grifos nosso).

A educação voltada para a diversidade, consiste em uma prática inclusiva socialmente. Eis uma maneira pertinente para viabilizar ações democráticas que cooperam com o empoderamento das pessoas, mediante as questões particulares de cada pessoa, ou seja, não somente a questão de gênero, mas a deficiência, sexo, orientação sexual, faixa etária, identidade de gênero e suas condições sociais, econômicas e políticas. Conseqüentemente, assinalamos que a educação cumpre a formação em plenitude quando as pessoas são respeitadas em sua singularidade, individualidade e identidade.

Desta maneira, considera-se que esta temática é de sobremaneira relevante, tendo em vista que, na contemporaneidade, as temáticas sobre sexualidade e gênero vêm sendo cada vez mais recorrente. Portanto, Stuart Hall (1997 *apud* Louro, 2000, p. 05) afirma o seguinte:

Desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado

pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como "política de identidades".

O Movimento Feminista é crucial para quebrar o tabu sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero, pois as identidades sociais são praticadas nas relações entre as pessoas, uma vez que nesta lógica emergem as políticas de identidade. Neste sentido, Louro considera que “sexualidade” é "aprendida", ou melhor, é construída ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos (Louro, 2023, p. 6, grifo da autora). Portanto, a identidade sexual é apreendida mediante as experiências que os sujeitos têm em suas relações estabelecidas que, concomitantemente, são apreendidas conforme os avanços sociais e tecnológicos.

Assim, a diversidade cultural implica no fator da construção da identidade sexual, tal como é posto por Silva (1998, p. 45):

Os diferentes grupos sociais utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais. Ela não é, entretanto, um campo equilibrado de jogo. Através da representação se travam batalhas decisivas de criação e imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado por relações de poder. (...) o poder define a forma como se processa a representação; a representação, por sua vez, tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder.

Os grupos sociais são diversos e inúmeros, os quais vão sendo reconstruídos conforme o momento histórico, social, cultural e tecnológico, isso porque o poder emana de determinadas práticas sociais. Neste caso, Louro (2023, p. 10) afirma o seguinte:

A despeito de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, "fixar" uma identidade masculina ou feminina "normal" e duradoura. Esse intento articula, então, as identidades de gênero "normais" a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual.

Em meio a todas as mudanças que acontecem na essência da humanidade, é preciso operar rupturas com o padrão do feminino e do masculino, pois as identidades de gênero não cabem a um modelo único ou ao padrão estabelecido pela sociedade, sendo elucidada por Louro a identidade heterossexual, “...pois, ao fim e ao cabo somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes e tudo isso se aplicaria às identidades sexuais e de gênero” (Louro, 2023, p. 244).

A questão de gênero na educação deve ser pautada constantemente, pois não é um padrão acabado e definido, isso porque a identidade de gênero, não sendo fixa, está sempre em transição e atravessada pelas práticas sociais vivenciadas. Assim comunga Louro (2008, p. 18), ao dizer que “Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e

práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”. Logo, gênero e sexualidade estão em constante vir a ser, e, na contemporaneidade, já temos a questão da assexualidade, pessoas que não sentem atração por nenhum dos sexos. Considerando a complexidade humana inerente à identidade individual e coletiva, é importante que na escola tenhamos pedagogias que deem conta de promover o acolhimento às diferenças.

A questão de gênero é bastante complexa no que tange também ao processo das condições de igualdade. Nesta ótica, consideramos que a educação é importante para que fomente novas percepções entre os papéis de homens e mulheres, pois, conforme Scott (2017, p. 10), é posto que: “as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”. Ou seja, as feministas ampliam consideravelmente a usabilidade da palavra gênero para além das diferenças entre os sexos, posicionando-o enquanto organizador social e conseqüentemente sócio-histórico.

Voltando à questão da complexidade de gênero, conforme a história das mulheres renegada no interregno da história da sociedade, é necessária a posição do Movimento Feminista para que se alargue o entendimento em torno do gênero, no que diz respeito à binaridade mulher ou homem, mas, sobretudo, à questão social, política, econômica e cultural que enseja o tema. Scott (2017, p. 12), em seu artigo sobre Gênero: uma categoria útil para análise histórica, se questiona “Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise”. Logo, gênero deve ser considerado uma categoria de análise para que o situemos no contexto histórico, das relações sociais humanas e da produção do conhecimento histórico. Mas, será que a questão de gênero implica a igualdade entre os sexos? Scott (2005, p. 17) considera que sim, pois:

A ideia de que todos os indivíduos poderiam ser tratados igualmente inspirou aqueles que se encontraram excluídos do acesso a algo que eles e suas sociedades consideravam um direito (educação, trabalho, salários de subsistência, propriedade, cidadania) reivindicarem a inclusão através de um desafio aos modelos que garantiam a igualdade para uns e a negavam para outros.

A luta da mulher inspirava acesso aos direitos de igualdade, porém, as mulheres sempre estiveram atrás dessa condição, o que implica dizer que ainda hoje existe desigualdade entre homens e mulheres nas condições de trabalho, por exemplo, o exercício da maternidade. Ainda há na contemporaneidade a ideia de responsabilização exclusiva dos processos relativos

às demandas de criação, cuidado e educação de uma criança, bem como de conciliação com os outros papéis sociais vinculados apenas à mulher, a partir de uma construção social de feminilidade e maternidade. Neste sentido, o cuidar é visto como lugar da mulher, isentando os homens de suas responsabilidades parentais.

Convém considerar que “Gênero, evidentemente, é exatamente o termo inventado para resistir à redução das relações sociais às diferenças físicas sexuais” (Scott, 2019, p. 320). Enquanto houver redução das relações sociais e físicas entre homens e mulheres, a questão de gênero será problematizada.

E, neste íterim, iremos nos ocupar sobre o Empoderamento Feminino nos Negeds do IFPE, nos *Campi* de Pesqueira e Recife, dada a sua contribuição em fortalecimento do Empoderamento Feminino. Iremos agora percorrer a trilha metodológica desta investigação.

4 TRILHA METODOLÓGICA: o caminho da pesquisa

O percurso metodológico desta pesquisa foi realizado por meio da pesquisa qualitativa, a qual se realizou por meio de análises qualitativas, caracterizando-se, a princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados e das narrativas (Vieira; Zouain, 2006; Bardin, 2011; Jovchelovich; Bauer, 2008), tendo em vista que não nos ocuparemos sobre dados quantitativos, mas, sim, dos sentidos e significados das narrativas.

Godoy (1995, p. 58) aponta que a pesquisa qualitativa “Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo o prisma dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”.

Minayo (2008, p. 21) também corrobora com essa discussão, ao asseverar que:

[...] Ela se preocupa com determinado nível de realidade que não pode ser quantificado, pois trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar as suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Nessa direção, também cabe destacar que a essência da pesquisa qualitativa diz respeito à análise dos dados descritivos sobre os sujeitos da pesquisa, os fenômenos estudados e participação das sujeitas colaboradoras na pesquisa.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A metodologia da pesquisa como natureza exploratória e descritiva tende a conhecer e explicitar um fenômeno descritivamente, conforme classifica Gil (2008). Para ele, a pesquisa descritiva caracteriza os sujeitos e o fenômeno estudado no contexto em que se desenvolve a experiência, ou seja, a narrativa dos sujeitos participantes.

Quanto à natureza exploratória da pesquisa, é possível conhecer as percepções dos participantes. Sob o ponto de vista de Triviños (2008), a pesquisa descritiva se ocupa da descrição dos fatos e fenômenos da realidade investigada e a obtenção das informações sobre o objeto de investigação analisado. Desta forma, “a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos e fenômenos sem manipulá-los” (Bervian, 2002, p. 66).

Consideramos também o que está posto por Chizzotti (1991, p. 83), a pesquisa descritiva visa “à descrição minudente, cuidadosa e atilada é muito importante; uma vez que

deve captar o universo das percepções, das emoções e das interpretações dos informantes em seu contexto”. E no olhar de Gil (2008, p. 27), este tipo de pesquisa corrobora para “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores [...] constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla”. Portanto, essa natureza, favorece para o esclarecimento das ideias, do problema, das hipóteses para ampliação da pesquisa, isso porque não iremos esgotar este tema.

A seguir, será apresentada a relação entre os objetivos específicos pontuados por este trabalho e o correspondente procedimento metodológico, em quadro próprio.

4.2 RELAÇÃO OBJETIVOS ESPECÍFICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tomando-se como objetivo geral: Compreender, a partir das percepções de mulheres integrantes, quais as contribuições dos Negeds para a superação das desigualdades de gênero, dada, sobretudo, na direção do Empoderamento Feminino, resolveu-se, nesta seção dedicada à descrição da metodologia da pesquisa, estabelecer uma relação dos objetivos específicos com os procedimentos que garantiram a sua operacionalidade. A descrição relacional encontra-se disposta no Quadro 9 a seguir:

Quadro 9 – Relação entre objetivos específicos e procedimento metodológico (continua)

Objetivo específico	Procedimento metodológico	Tipo de fonte
Analisar os diversos entendimentos e orientações que envolvem e regulam a dinâmica dos Negeds na estrutura do IFPE, a partir de um <i>corpus</i> documental.	Pesquisa documental	Escritas / Primárias Documentos
Analisar experiências narradas por mulheres, a fim de identificar possíveis impactos em suas trajetórias de vida como integrantes de um Neged.	Aplicação de questionários (1ª etapa) e realização da entrevista narrativa (2ª etapa) com integrantes dos Negeds pesquisados.	Oral – Coleta de respostas escritas e narrativas por meio de histórias de vida.
Construir entendimentos sobre a percepção de si, narrada pelas mulheres entrevistadas na direção de se conceberem como pessoas empoderadas.	Aplicação de questionários (1ª etapa) e realização da entrevista narrativa (2ª etapa) com integrantes dos Negeds pesquisados.	Oral – Coleta de narrativas por meio de histórias de vida.

Quadro 9 – Relação entre objetivos específicos e procedimento metodológico (conclusão)

Objetivo específico	Procedimento metodológico	Tipo de fonte
Organizar uma série de <i>podcasts</i> sobre o Empoderamento Feminino para entender as narrativas experienciadas e o aporte teórico sobre a consciência de si .	Organização de miniconferências sobre Empoderamento Feminino com estudiosas dessa temática. Apresentação de recortes de uma narrativa de uma estudante integrante do Neged, acerca de sua percepção sobre si, a partir de experiências envolvendo o Empoderamento Feminino, dentro e fora do IFPE.	Gravação, edição e testagem de miniconferências com professoras estudiosas das relações de gênero e sexualidade, que são ou foram integrantes de Negeds no IFPE. Gravação, edição e testagem de uma narrativa trazida por uma estudante vinculado ao Neged, no IFPE.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

No que se refere ao produto educacional, este foi pensado, inicialmente, como uma produção que contemplaria trechos das narrativas das entrevistadas, mas a demanda que envolve a feitura deste trabalho, dado simultaneamente à conclusão dessa dissertação, fez-nos optar pelas miniconferências, seguidas apenas de uma narrativa de estudante integrante do Neged. Entendeu-se não ter havido nenhum prejuízo para o objetivo destinado a esse aspecto do trabalho. Desse modo, consideramos que esta pesquisa é permeada pelas características da pesquisa qualitativa, tendo em vista que nosso objetivo central é compreender, a partir das percepções de mulheres, quais as contribuições do Negedp para a superação das desigualdades de gênero, dada, sobretudo, na direção do Empoderamento Feminino.

4.3 CONTRIBUIÇÕES DO CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO SOBRE A NARRATIVIDADE NA PESQUISA QUALITATIVA

Sobre a essência da narrativa, é salutar compreender que a reminiscência faz com que a gente opere com lembranças e acontecimentos inerentes as nossas experiências e vivências. Sendo assim, a contação dos fatos e acontecimentos permeia os “estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (Jovchelovitch; Bauer, 2008, p. 91). No tocante à entrevista narrativa como técnica de coleta, destaca-se Lima Júnior (2021, p. 66), que traz o seguinte entendimento:

Entrevistas Narrativas têm o propósito de trabalhar com fatos sociais, experiências individuais e coletivas e, sobretudo, com histórias de vida inseridas em determinado contexto sócio-histórico. Desse modo, através desse instrumento investigativo, é possível identificar e refletir a respeito de questões específicas que produzem histórias cruzadas entre os planos individual e coletivo da vida em sociedade.

A finalidade da entrevista narrativa é muito vasta, pois ela permite fazer jus aos fatos sociais, às experiências individuais e coletivas e às histórias de vida atravessadas pelo contexto sócio-histórico no qual os sujeitos estão inseridos. Assim, as narrativas sobre as histórias de mulheres participantes dos Negeds importam, sobretudo, para identificarmos suas percepções de si, acerca do Empoderamento Feminino, dado no entendimento da superação ou mitigação das desigualdades de gênero. Na concepção de Lima Júnior (2021, p. 66), “A narrativa é fundamental para a construção da ideia de coletivo. [...] permite acessar histórias individuais, mas também construir uma noção do coletivo”.

Tendo a narrativa como uma técnica da pesquisa qualitativa, é importante compreendê-la como sendo elementar no processo da construção do conhecimento, sempre com a colaboração dos demais participantes em suas singularidades, pois a narrativa como técnica, “pode nos propiciar a oportunidade de adentrar em ambientes pouco acessíveis do indivíduo e de uma concepção social coletiva, isto é, acessar informações que não estariam postas numa situação de pesquisa com instrumentos estruturados” (Eugênio; Trindade, 2017, n.p.).

Essa técnica de pesquisa não é desprovida de uma estrutura de perguntas, inclusive, é fundamental que se tenha para que a entrevista narrativa flua com naturalidade e sem interrupções indevidas, durante sua realização, fazendo jus às fases da entrevista e suas regras, tal como está ilustrada no Quadro 10 abaixo:

Quadro 10 – Fases da entrevista narrativa

Fases da entrevista narrativa	Regras para a entrevista
Preparação	Exploração do campo; Formulação de questões exmanentes ¹³ .
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração; Emprego de auxílios visuais (opcional).
Narração central	Não interromper; Somente encorajamento não verbal para continuar a narração; Esperar para sinais de finalização (“coda”).
Fases de perguntas	Somente: “Que acontece então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes; Não discutir sobre contradições; Não fazer perguntas do tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes ¹⁴ .
Fala conclusiva da entrevista.	Parar de gravar; São permitidas perguntas do tipo “porquê?”; Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 97)

¹³ As questões exmanentes referem-se às questões da pesquisa ou de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com o tema do estudo, ao elaborar a revisão de literatura e aprofundamento no tema a ser pesquisado (exploração do campo). Essas questões devem ser transformadas em imanentes, sendo essa tarefa crucial no processo de investigação, que deve ao mesmo tempo ancorar questões exmanentes na narração, sempre utilizando a linguagem do informante. (Jovchelovitch e Bauer, 2008, p. 97).

¹⁴ As questões imanentes são temas e tópicos trazidos pelo informante, elas podem ou não coincidir com as questões exmanentes. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>. Acesso: em: 12 fev. 2023.

Estudos e discussões que envolvem a pesquisa de natureza qualitativa, com a metodologia da narrativa, favorecem ao pesquisador ou pesquisadora uma abertura ao outro, ao território, ao contexto sócio-histórico.

Em Silva e Barbosa (2022, p. 115), destaca-se acerca que: “pesquisador se engaja em um processo de abertura à experiência do outro, seja no processo de escuta sensível da narrativa oral sobre as experiências vividas, seja na observação atenta das experiências no cotidiano”. Assim sendo, procede o entendimento de que o pesquisador ou a pesquisadora se permite adentrar ao universo do outro, por meio da escuta sensível e ativa sobre a história ouvida. Deste modo, a pesquisa narrativa é “um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 18).

Pensando que a vida é para ser contada, as experiências vividas devem ser ouvidas. Por isso, a pesquisa narrativa é fundante para que ouçamos a vida contada por quem vive experiências que nos interessam, como as das participantes dos núcleos dos Negeds do IFPE.

Para Sousa *et al.* (2022, p. 166), a riqueza da pesquisa narrativa no processo de investigação reside na sensibilidade da escuta ativa e sensível ao mesmo tempo. Veja:

A rica e constante interação social provocada entre os indivíduos é produtora de experiências diversas, de forma que essa especificidade torna a narrativa algo bastante complexo. Diante dessa característica, recomenda-se que sejam utilizadas técnicas de coleta de dados que suplantem esquemas ou modelos fechados, com estruturas rígidas e convencionais. Tal rigor demanda, do pesquisador (a), investimento em novas formas de composição de textos para a captação das narrativas, em função do entendimento que envolve a complexidade das paisagens investigadas e sua possibilidade de continuidade.

A relação estabelecida entre o pesquisador e o pesquisado favorece o entendimento da experiência narrada, sendo esta a técnica de coleta de dados, uma ferramenta metodológica com rigorosidade, ação que cabe ao pesquisador no tratamento dos dados. Deste modo, a narrativa, enquanto abordagem teórico-metodológica, permite ao pesquisador adentrar no mundo empírico do entrevistado de modo mais abrangente. Toma como ponto de partida a experiência do sujeito, sua historicidade, singularidade e subjetividade para compor a análise de contextos complexos e contingentes (Sousa, 2022).

A narrativa se ocupa da própria vida, dos fatos, acontecimentos, passagens, lembranças e recordações, movimento que faz jus à história da existência, como está posto por Bezerra *et al.* (2022, p. 245), pois “[...] a vida – como ela é para nós e para os outros – é preenchida de fragmentos narrativos, decretados em momentos históricos de tempo e espaço, e refletidos e entendidos em termos de unidades narrativas e descontinuidade” (Sousa *et al.*, 2022, p. 238). A

contação de história reelabora com criatividade as experiências que permeiam a compreensão histórica do vir a ser em um determinado contexto sócio-histórico. Enfim, exercer a narrativa como procedimento metodológico é fundamental para que possamos nos inteirar da historicidade que permeia o existir humano.

Aponta-se que a finalidade da pesquisa com a narrativa faz um diferencial no processo metodológico de sua execução, pois envolve a historiografia da participante ao narrar suas experiências. Neste sentido Bezerra *et al.* (2022, p. 245) falam da que a pesquisa com a narrativa faz um balanço geral da historiografia que consubstancia a experiência. Eis um fragmento que explicita tal assertiva:

A narrativa [faz um] balanço prospectivo (relação com as **possibilidades futuras**, buscando no passado seus pontos de referência) ou construção prospectiva do passado (abre-se uma via para ofuturo não por causa do passado, mas porque a dinâmica prospectiva induziu uma história de si que não está fechada em si mesma, deixando emergir potencialidades projetivas (Bezerra *et al.*, 2022, p. 245 – grifo dos autores).

Entender a narrativa como projeção é relevante para compreender as experiências do agora, elas, ao serem narradas, podem ser ornadas pela subjetividade do sujeito que a vivenciou.

4.4 A NARRATIVA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA

A experiência com a narratividade, expressa nas entrevistas, no conjunto de coisas ditas e escritas por meio da narrativa, como procedimento metodológico da entrevista nos proporciona uma reflexão analítica, crítica e descritiva dos achados sobre o nosso objeto de investigação (Empoderamento Feminino experienciados nos núcleos do IFPE).

Deste modo, compreender a narrativa como ferramenta de autoconhecimento para o pesquisado é inerente ao ser provocado a reelaborar os acontecimentos por meio da linguagem, ou seja, pela fala. A oralidade é a via da falante que conta a história como protagonista e não meramente como objeto passivo da situação experimentada. Portanto, a narrativa é a nossa ferramenta metodológica para operarmos, a fim de constatarmos sobre o Empoderamento Feminino nos Negeds do IFPE, em particular nos *Campi Recife e Pesqueira*.

Desta maneira, compreendemos que entre o feminismo e a narrativa há uma similaridade de posicionar as mulheres no seio de suas histórias, elidindo, assim, com a representação masculina que sempre houve ao se falar sobre as mulheres, portanto, a narrativa pode ser considerada uma ferramenta do movimento feminista para que o empoderar-se aconteça de dentro para fora.

Inicialmente, nos deparamos com um conjunto de coisas ditas e escritas sobre gênero,

educação, sexualidade nos núcleos de gênero e diversidade de modo geral e de modo específico nos Negeds do IFPE. No movimento exploratório, na direção do teórico-metodológico, constatou-se que nos bancos de dados existem poucas pesquisas sobre esta tríade educação, gênero e sexualidade realizada com a metodologia da narrativa, embora destaque-se, nos últimos anos, uma proeminente produção no contexto do ProfEPT de trabalhos que contemplam a pesquisa narrativa, com ênfase à técnica da entrevista narrativa e à análise de narrativa. Na direção da relevância deste procedimento analítico/descritivo e reflexivo a ser empreendido nesta investigação, apontou-se neste espaço metodológico a seguinte demonstração, ilustrada no Quadro 11:

Quadro 11 - Produções científicas sobre narrativas

Autor(a)	Título	Ênfases	Tipo
Cláudio Nei N. da Silva, Daniele dos S. Rosa; Marcos Ramon G. Ferreira.(org).	A Metodologia da Pesquisa em Educação Profissional e Tecnológica	Metodologias de pesquisa com ênfase na Educação profissional e Tecnológica a partir do ProfEPT	Livro
Maria São Pedro B. Matos	Narrativa profissional: a curiosidade na produção de conhecimento em sala de aula	Curiosidade docente e discente	Dissertação
Fabiana Anhas B. Lima	Narrativas de experiências vividas por docentes e discentes com uso de tecnologia de informação e comunicação – TDIC na Educação Básica	Experiências educação e tecnologia; experiências; mediação; aprendizagem colaborativa	Dissertação
Camila J. Muylaert; Vicente Sarubbi Júnio; Paulo Rogério Gallo; Modesto L. Rolim Neto; Alberto Olavo A. Reis	Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa	Pesquisa qualitativa, Metodologia, Narração.	Artigo
Vera Lúcia M. de O. e Paiva	A pesquisa narrativa: uma introdução	Pesquisa narrativa	Dissertação
Bernardina S. A. de Sousa; Valquiria F. B. Barbosa; Ivanildo A. de Lima Júnio; Denise Valéria de O. Nunes; Priscylla Kelly P. dos Santos	A Abordagem Teórico-Metodológica da Narrativa: potencialidades e limites nas Pesquisas sobre a Educação Profissional e Tecnológica	Discussão e experiências acerca da Pesquisa narrativa e entrevista narrativa	Artigo
Ivanildo A. de Lima Júnio	Núcleo de Gênero e Diversidade e a população LGBTQIA+: rupturas, avanços e tensões no cotidiano de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.	Pesquisa narrativa	Dissertação
Raquel Costa Antas	Perspectiva de gênero na escola: vivências a partir de uma política pública do estado de Pernambuco	Gênero; políticas públicas de educação; Pernambuco; Pesquisa narrativa	Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Com base no exposto no quadro acima, o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) lançou um livro sobre os aspectos metodológicos na

pesquisa em educação profissional e tecnológica no Brasil, idêntico ao destaque feito. A obra foi dividida em três partes, a saber: Parte I - Aspectos Metodológicos da Pesquisa em Educação Profissional e Tecnológica; Parte II - Abordagens Metodológicas Discursivas na Educação Profissional e Tecnológica; Parte III - Abordagens Epistemológicas para a Pesquisa em Educação Profissional e Tecnológica: dos Referenciais Teórico-Metodológicos aos processos de coleta de dados. Neste, em especial, temos a parte que aborda metodologias discursivas na educação profissional e tecnológica, com ênfase nas narratividades.

Da obra supracitada, destacam-se três capítulos que fazem a imersão sobre a ferramenta operatória da narrativa, são eles: 1- A Abordagem Teórico-Metodológica da Narrativa: potencialidades e limites nas Pesquisas sobre a Educação Profissional e Tecnológica (Sousa; Barbosa; Lima Júnior; Nunes; Santos, 2022); 2- Narrativas: uma via epistemológica para as pesquisas em EPT (Bezerra; Almeida Oliveira, 2022); e, por fim: 3- Pesquisa narrativa no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (Silva, 2022). Estes aprofundamentos metodológicos consubstanciaram a nossa compreensão sobre a importância da narrativa, enquanto procedimento metodológico.

Nesta investigação observamos ponderações epistemológicas de acordo com os teóricos que se ocupam de pesquisas similares a esta, tais como vimos nos primeiros quatro quadros analisados, feitas as análises documentais – sobretudo, os documentos do IFPE e a fundamentação teórica (Núcleo do IFPE, Empoderamento Feminino, a presença da mulher na história, o movimento feminista, gênero e educação). Este conjunto de coisas ditas e escritas se configura como a primeira fase da pesquisa – o arcabouço teórico e a legislação do IFPE.

Este procedimento de pesquisa teve início com a pesquisa bibliográfica, que ainda se estendeu paralelamente para as outras fases; em seguida foi iniciada a seleção dos documentos que compuseram o *corpus* documental da pesquisa (em andamento), por fim, ocorreu após os devidos atendimentos às questões protocolares, a pesquisa empírica com as narrativas das mulheres-estudantes.

4.5 APRESENTAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA EMPÍRICA: narrativahistoriográficas

O lócus central da pesquisa é o IFPE, como sendo o lugar de incubação e implantação do Núcleo de Estudos de Gênero na sua estrutura total, sobretudo a tecitura dos documentos e ações que alimentam a política de igualdade de gênero na instituição. Nesse sentido, entender a mobilização realizada pelos Negeds em cada *campus* é importante para que possamos delimitar o lócus da investigação, tendo em vista que nem todos os *campi* atuam com a temática

do Empoderamento Feminino. Sendo assim, apresentamos de forma panorâmica a situação dos Negeds em cada *campus*.

4.5.1 IFPE - *Campus* Pesqueira, contextualizando o Neged

Inicialmente, destacamos a localização geográfica da cidade de Pesqueira/PE, a qual se estende por 995,5 km² e contava com 67.395 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 67,7 habitantes por km² no território do município. Situado a 652 metros de altitude de Pesqueira, tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 8° 21' 35" Sul, Longitude: 36° 41' 42" Oeste (Cidade Brasil, 2023)¹⁵.

O *Campus* Pesqueira do IFPE¹⁶ fica na microrregião do Vale do Ipojuca, no Agreste de Pernambuco. É o *Campus* mais antigo da Instituição e completou 30 anos de existência em 2023, levando em consideração que essa instituição era a antiga Uned do Cefet-PE e que atende a várias cidades circunvizinhas e a um público diversificado. Atualmente, oferece os seguintes cursos: Técnico Integrado ao Ensino Médio em Edificações e Eletrotécnica e Meio Ambiente; Técnico Subsequente em Edificações e Eletrotécnica; Qualificação Profissional em Auxiliar Administrativo – Proeja; os Cursos Superiores de Bacharelado em Enfermagem e Engenharia Elétrica; Licenciatura em Matemática e Física; Licenciatura em Pedagogia Intercultural Indígena, pelo Parfor; Especialização em Educação Física e Matemática, e em Energia Solar Fotovoltaica, e Mestrado Profissional em Enfermagem.

Nesses termos, o IFPE *Campus* Pesqueira se coloca como um instrumento para promover a educação pública, gratuita e de qualidade, com vistas a contribuir para o desenvolvimento local, apoiado numa formação profissional e cidadã que promova a inserção dos seus estudantes no mundo do trabalho e melhor qualidade de vida

Portanto, o Neged passou a existir neste *Campus* em 2019, atuando em diferentes frentes em favor do debate sobre as questões de gênero e diversidade. As principais atividades acontecem em datas comemorativas, em especial a Semana da Mulher, o Fórum LGBTQ+ e a Semana da Consciência Negra, esta em parceria com o Neabi. No ano de 2021, devido a pandemia as redes sociais foram mais usadas, daí foi criado o Instagram, o e-mail do Negeds para publicizar as ações realizadas para o coletivo, abrangendo ainda mais o público

¹⁵ Para melhor conhecer a cidade, consultar o site <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-pesqueira.html>. Acesso em: 22 mar. 2023.

¹⁶ Para melhor conhecer o *Campus*, acesse <https://www.ifpe.edu.br/campus/pesqueira/o-campus> Acesso em 22 mar. 2023

participante. Outra ação importante foi a aprovação do projeto de extensão Pibex, o qual promoveu melhor articulação nas ações desenvolvidas.

Destacamos ainda que, em se tratando das ações do Neged, em 2022 houve uma ação importante, que foi a criação de um grupo de estudos, intitulado Grupo de Estudos sobre Corpo, Gênero e Sexualidade (Coges), que, no primeiro semestre, teve encontros quinzenais, e, no segundo, encontros mensais. O intuito foi o de discutir teorias e pesquisas acadêmicas referentes à diversidade sexual e de gênero. O grupo existe até a data de conclusão deste estudo e conta com a participação de estudantes, sobretudo dos cursos de graduação, e docentes do *campus*. Houve nesse ano uma ampliação do diálogo com a Prefeitura de Pesqueira, especificamente com a Coordenadoria LGBT+ e a Coordenadoria da Mulher. A Coordenação de Políticas Inclusivas e o Neged, com o apoio do Departamento de Extensão, prestaram consultoria à Coordenadoria da Mulher para a formulação do Projeto de Lei Maria da Penha vai à Escola, aprovado em votação na Câmara, momento que a coordenadora do Neged acompanhou pessoalmente. Por conseguinte, não pretendemos esgotar as anunciações sobre o Neged do *Campus* de Pesqueira, mas elucidar que suas ações têm se ampliado significativamente.

4.5.2 IFPE - *Campus* Recife, contextualizando o Neged

A cidade do Recife está localizada na Região Nordeste do país, com área territorial de aproximadamente 218 km². É formada por uma planície aluvial, tendo as ilhas, penínsulas e manguezais como suas principais características geográficas. Cidade nordestina com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M) (IBGE Censo, 2022).

Em breve histórico sobre sua geografia, o Recife é a capital do sétimo estado mais populoso do Brasil, Pernambuco, situando-se próxima ao paralelo 8°04'03" sul e do meridiano 34°55'00" oeste. Ocupa uma área de 218,843 quilômetros quadrados. Sede da Região Metropolitana do Recife (RMR), a capital pernambucana possui a quarta maior rede urbana do Brasil em população, com área de influência direta que abrange os estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte (este último junto com Fortaleza), avançando ainda sobre o norte da Bahia (junto com Salvador) (IBGE Censo, 2022).

Em se tratando do *Campus* Recife¹⁷, aludimos que tem muita história, atualmente 113 anos. O *Campus* Recife do IFPE se consagrou por apresentar vocação no Ensino Profissional e Tecnológico de excelência voltados para a formação de cidadãos e de indivíduos qualificados

¹⁷ Para melhor conhecer o IFPE/Recife acesse: <https://www.ifpe.edu.br/campus/recife/o-campus> Acesso em: 23 mar. 2023.

para ingresso no mundo do trabalho. No total, a Instituição conta com 18 cursos, distribuídos nas modalidades de Integrado (Ensino Médio integrado ao Técnico), Técnico Subsequente, Técnico Proeja, Superior Tecnológico (Tecnólogo), Bacharelados, Licenciatura e Pós-Graduação (Mestrado) (IFPE, 2023).

Sobre o Neged do *Campus* Recife, não iremos nos deter muito, pois Anta (2019), Lima Júnior (2020) e Santos Júnior (2013) já se ocuparam dessa contextualização. Interessa-nos apresentar algumas de suas ações iniciadas desde 2014, logo, constatamos que é o primeiro Núcleo a ser implantado para tratar especificamente das questões de gênero, sexualidade e diversidade.

Elegemos algumas de suas muitas ações:

- ✓ Em 2014, de maneira informal, começou um grupo de estudos sobre gênero e diversidade, coordenado por Daniela Torres e Adiliane Batista.
- ✓ As ações de 2015 foram destacadas pela rodas de conversa sobre “Direitos Humanos e Juventude”, organizadas por Daniela Torres, em parceria com o setor de serviço social e de enfermagem. A atividade estava voltada para estudantes do ensino médio e eram encontros semanais, com temas escolhidos pelos estudantes para o debate.
- ✓ Em 2016, houve continuação da roda de diálogos e também a criação de um curso híbrido para docentes da rede pública de ensino, por meio do projeto de extensão coordenado pelas servidoras Adiliane Batista e Daniela Torres. O Projeto foi premiado como iniciativa inovadora no IFPE e houve uma articulação com *campus* Olinda de compartilhamento de experiência. Ainda em 2016, foi ministrada a oficina “Coletivo cabelo de bonecas de pano” e mesa redonda de “Avaliação da implementação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006)”, com representantes da Secretaria da Mulher do Estado e da Marcha das Mulheres.
- ✓ Em 2017, houve um evento estadual organizado por meio do projeto de extensão de Daniela Torres, com cerca de 700 participantes (TAEs, docentes e estudantes dos IF e rede estadual).
- ✓ Nos anos de 2018/2019, foi realizada a campanha sobre o uso do banheiro social em resposta à atitude preconceituosa no *campus*.
- ✓ Em meio a pandemia de 2020, aconteceram *lives*, rodas de conversa on-line sobre as questões de gênero e sexualidade.

Em 2021 e 2022, uma série de atividades e ações foram concretizadas, sendo uma delas a implantação da Comissão de Combate ao Assédio, com a formação de docentes e, posteriormente, em 2022, formação com os servidores Técnicos Administrativos (TAEs) e profissionais terceirizados (cerca de 70 pessoas). Foi estabelecido o fluxograma e realizado o levantamento bibliográfico, além da aprovação de Plano de ação da Comissão de Combate ao Assédio Sexual, com a pactuação do fluxograma (reuniões com ouvidoria, SIASS, procuradoria, CDIS) e divulgação em e-mail institucional de orientações a respeito de como proceder. Foram realizadas rodas de conversa com docentes, no formato on-line, na semana pedagógica, com a participação do procurador Brivaldo Pereira dos Santos Junior e representantes do grêmio estudantil do *campus*. Também foi realizada roda de conversa com estudantes na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (on-line).

Também foram realizados alguns eventos, tais como: “Elas por Elas”, “Festival da Diversidade - evento internúcleo” (Napne, Neged, Neabi, NAC), encabeçado pelo Neged, que colheu trabalhos artísticos da comunidade acadêmica com objetivo de celebrar a diversidade. O evento contou com a apresentação cultural de *drag queens*, trio de forró de cegos, apresentação de banda de brega do *campus* Belo Jardim e grupo de coco formado por mulheres lésbicas.

Ainda foram realizadas palestra no projeto Futuras Cientistas; Cinedebates “Elas na Ciências”; palestras voltadas para servidores e terceirizados do IFPE *campus* Recife, com temática de combate ao assédio sexual, ministrada pela advogada do Sindsifpe, Graziela Mota Teixeira e a juíza do TJPE Ana Cristina Mota (membro de Comissão de Combate ao Assédio Sexual do TJPE). A atividade teve a presença de aproximadamente 70 pessoas; colaboração do IFPE *campus* Recife com o IFPE *campus* Olinda, para criação de ações de combate ao assédio sexual – orientação servidores e formação com docentes (palestrante Daniela Torres, coordenadora da comissão de combate ao assédio, e procurador Brivaldo Pereira dos Santos Junior; roda de conversa em Olinda, “Precisamos falar sobre assédio”, com Daniela Torres e procurador Brivaldo do IFPE; palestra em evento da coordenação de pesquisa em comemoração ao Dia das mulheres e meninas da ciência; articulação com o Futuras Cientistas; produção de material para carrossel sobre feminicídio do IFPE; formação docente no encontro pedagógico 2023.1 – roda de conversa com Daniela Torres e procuradora Lectícia Alcântara, do IF-Sertão (do GT de Combate ao Assédio Sexual na educação).

Diante dos relatórios apresentados, entende-se como importante ressaltar que o *Campus* Recife tem uma proatividade significativa no Neged, apresentando ações de significativo impacto, envolvendo as questões de gênero, sexualidade e diversidade, oferecendo destaque ao protagonismo feminino como espaço de empoderamento.

4.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Destacamos que todas as pessoas participantes da entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), para fazer jus à ética na pesquisa, resguardando a sua identidade e garantida sua proteção, conforme consta na Resolução 510/2016 (Apêndice D), que:

[...] dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução (Brasil, 2016)¹⁸.

Deste modo, considerar a ética na pesquisa com seres humanos é sobremaneira importante, para que possamos, inclusive, viabilizar o respeito aos participantes da pesquisa, resguardando quaisquer riscos que possam envolvê-los.

Nessa direção, entende-se que a ética na construção humana, por meio dos saberes que são sistematizados, parte dos pressupostos históricos e sociais que permeiam o contexto no qual as mulheres-estudantes estão inseridas em suas realidades sociais, culturais, históricas, econômicas, ambientais e emocionais, sobretudo no que diz respeito ao fomento da identidade em sua singularidade e, ao mesmo tempo, de sua pluralidade identitária. Deste modo, a dignidade humana do colaborador da pesquisa necessita ser respeitada e considerada paulatinamente. Contudo, compreende-se que a colaboração do pesquisado deve ser voluntária. Sendo assim, as Ciências Humanas e Sociais são perpassadas por um quadro teórico-metodológico que atravessa as práticas investigativas. Portanto, a ética na pesquisa consubstancia atitudes éticas no exercício da pesquisa.

Nesse sentido, destaca-se a importância do Comitê de Ética para pesquisa na área das ciências humanas, no que consiste ao respeito à dignidade humana. Torna-se mister informar que esta pesquisa foi aprovada, por meio de parecer consubstanciado, nº Número do Parecer: 6.437.810, datado de 20 de outubro de 2023.

Damos ênfase que a relação pesquisador/pesquisado deve ser mediada pelo diálogo constante, pois fazer jus à dignidade humana requer, inclusive, a consideração aos Direitos Humanos. Eis fragmentos da Resolução que assim menciona, este aspecto:

Considerando que a **relação pesquisador-participante** se constrói continuamente no processo da pesquisa, podendo ser redefinida a qualquer

¹⁸ Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2fmmKeD>, Acesso em: 12 maio de 2023.

momento no diálogo entre subjetividades, implicando reflexividade e construção de relações não hierárquicas;

Considerando os documentos que constituem os pilares do reconhecimento e da afirmação da dignidade, da liberdade e da autonomia do ser humano, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948 e a Declaração Interamericana de Direitos e Deveres Humanos, de 1948;

Considerando a existência do sistema dos Comitês de Ética em Pesquisa e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa [...]. (Brasil, 2023, p. 01).

Salientamos que não deve haver hierarquia entre o pesquisador e pesquisado, isto é, entre os seres humanos, ressaltando, portanto, o que Freire em seus escritos deixou nítido: “[...] não há saber mais ou menos, existem saberes diferentes (Freire, 1997, p. n.p.)”, motivo pelo qual o pesquisador não é o detentor do saber, por isso, a importância da pesquisa para que os saberes sejam sistematizados em prol de sua elaboração, com o teor de relevância da participação dos participantes colaboradores. Ação importante que, conforme a Resolução salienta, deve considerar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e a Declaração Interamericana de Direitos e Deveres Humanos, de 1948.

Diante deste discurso jurídico enunciativo legal sobre a ética na pesquisa, o termo de consentimento livre esclarecido também está constituído na Resolução, a qual preconiza:

Art. 2º Para os fins desta Resolução, adotam-se os seguintes termos e definições:

I - Assentimento livre e esclarecido: anuência do participante da pesquisa – criança, adolescente ou indivíduos impedidos de forma temporária ou não de consentir, na medida de sua compreensão e respeitadas suas singularidades, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, justificativa, objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos. A obtenção do assentimento não elimina a necessidade do consentimento do responsável [...] (Brasil, 2023, p. 03).

Feitas estas ressalvas sobre a importância da Ética na Pesquisa, igualmente esta Resolução que se ocupa da normatização do exercício da pesquisa na área das Ciências Humanas e Sociais, o assentimento livre e esclarecido requer a anuência das participantes de quaisquer idades no documento de consentimento livre esclarecido, ressaltando os elementos justificativa, objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos. A obtenção do assentimento não elimina a necessidade do consentimento do responsável.

4.7 AS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Foram contactados dezesseis *campi*, destes, doze responderam ao questionário misto (Apêndice A), após contato individual feito por e-mail ou *WhatsApp*, quatro núcleos não puderam participar, mas justificaram suas dificuldades em fazê-lo, em razão de afastamentos

dos coordenadores titulares para cursarem mestrado ou doutorado, naquela ocasião. Nesta etapa, a investigação foi realizada com a colaboração da coordenação dos Negeds participantes. O instrumento contemplou aspectos objetivos e subjetivos referentes ao objeto de estudo.

Em razão do volume e densidade das ações empreendidas pelos Negeds dos *campi* Pesqueira e Recife, apontadas nos questionários e nos documentos, considerando suas propostas do ponto de vista da promoção da igualdade de gênero e, ainda, a contemplação do Empoderamento Feminino, optou-se por essas duas experiências para compor o recorte espacial deste trabalho; na sua segunda etapa, constando de questionário e roteiro entrevista narrativa.

Inicialmente esta pesquisa contemplava as mulheres estudantes como suas participantes, entretanto percebeu-se que seria relevante ampliar esse espaço narrativo para outras mulheres integrantes dos Negeds, a exemplo das técnicas administrativas e professoras. Atendendo a esse pressuposto, esses dois grupos passaram a ser representados na participação da pesquisa.

Na busca pelos sujeitos e na perseguição à problemática de pesquisa, o grupo mulheres estudantes foi assim subdividido: mulheres estudantes integrantes dos Negeds (regulares e egressas) e mulheres estudantes regulares não vinculadas aos Negeds, mas que discutem gênero e sexualidade na perspectiva do Empoderamento Feminino, noutros espaços de formação institucional.

Diante do exposto, tornou-se mister justificar que o caminho da pesquisa empírica, orientado pela temática do Empoderamento Feminino no espaço dos Negeds do IFPE, fez emergir, com considerável força, a consolidação dessa discussão além das fronteiras espaciais desses Núcleos. Assim sendo, eventos e atividades com diferentes configurações pedagógicas começaram a aparecer nas primeiras falas das entrevistadas, assim como nos questionários, levando-nos a contemplar o ativismo de outras estudantes, às margens dos Negeds, considerando a relevância das suas trajetórias pessoais e acadêmicas nessa direção. Desse modo, resolveu-se contemplar, também, como participantes, duas estudantes que, mesmo não sendo integrante do Neged, tinham se notabilizado pela repercussão institucional dos seus envolvimento nas discussões e ações que contemplavam as relações de gênero e diversidade.

Os critérios de escolha para participar da pesquisa são os seguintes: a) ser mulher (cisgênero ou transgênero); b) servidoras ou estudantes integrantes dos Negeds pesquisados; c) ser mulher estudante do IFPE, não integrante do Neged, mas envolvida nas discussões e ações que contemplam as relações de gênero e diversidade; d) estudantes egressas ex-integrantes de Negeds do IFPE.

Sendo assim, foram adotados como critérios de exclusão: a) ser homem cisgênero ou

transgênero; b) ser mulher estudantes ou servidoras que não seja ou não tenha sido integrante dos Negeds ou que não participe da temática pesquisada neste trabalho, no âmbito do IFPE.

Assim sendo, um segundo questionário foi aplicado com servidoras e estudantes regulares e egressas, vinculadas aos Negeds do *campus* Pesqueira e do *campus* Recife, perfazendo um total de quatorze participantes. Em seguida, foram selecionadas sete participantes para integrarem a fase das entrevistas, sendo: 01 docente, 01 adm, 02 estudantes com vínculo ativo com o Neged, 01 estudante egressa, 02 que não participam do Neged, mas participam dos debates sobre gênero e diversidade.

A fim de salvaguardar as entrevistadas, ousamos nomear as participantes colaboradoras da pesquisa com nomes de personalidades femininas que vêm colaborando significativamente com narrativas a serem contadas em prol das mulheres. Ou seja, que elas sejam narradoras de suas próprias histórias e para descortinar a “nuvem de fumaça” que ainda paira no imaginário social histórico da humanidade sobre a dicotomia entre mulheres e homens, para não falar tacitamente da desigualdade de gênero que historicamente vem sendo retroalimentada pelas narrativas masculinas. Vamos ouvir as vozes femininas da contemporaneidade que ecoam nos territórios formativos de que a mulher pode ser o que ela quiser, que pode ocupar qualquer posição no mundo, sem ser única e singularmente do lar, se essa não for sua escolha.

Neste sentido, está sistematizado, por grupos de pessoas colaboradoras/participantes da pesquisa, de acordo com a exposição no Quadro 12 abaixo:

Quadro 12 – Identificação dos grupos/categorias participantes

Grupo	Categoria	Codínomes utilizados¹⁹
Grupo 01	Categoria Técnicos Administrativos	Simone de Beauvoir, Nísia Floresta, Judith Butler
Grupo 02	Categoria Docentes	Malala, bell hooks, Pagu
Grupo 03	Categoria Estudante Regular - Não Participantes do Neged	Djamila Ribeiro, Angela Davi
Grupo 04	Categoria Estudante Regular - Participantes do Neged	Marielly Franco, Fernanda Montenegro, Clarice Lispector
Grupo 05	Estudantes Egressas	Suely Carneiro, Lilia González, Leolinda Daltro

Finte: Elaborado pela autora (2024)

A organização dos gupos de pessoas está relacionada com nomes de mulheres²⁰ altamente importantes para as narrativas femininas, as quais deixam um legado no imaginário social em prol do desvelar a narrativa que a história única insiste em preservar.

²⁰ **Simone de Beauvoir:** Escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Como uma existencialista, de Beauvoir acreditava que a existência precedia a essência e, portanto, não se nasce mulher, torna-se. Sua análise foca no conceito hegeliano do "Outro".

Nísia Floresta: Filósofa brasileira autodidata, destacou-se ao redigir obras traduzidas para diversos idiomas, nas quais defendia a capacidade racional das mulheres e delineava um ideário de emancipação feminina em franca oposição ao patriarcado.

Judith Butler: Filósofa, lésbica, mãe e autora de diversas obras que revolucionaram os estudos de gênero. Sua principal obra é “Problema de gênero”, lançada em 1990. Suas teorias dizem respeito, principalmente, à teoria da performatividade, ao feminismo e à teoria queer.

Malala: A pessoa mais nova a ganhar o prêmio Nobel e é conhecida principalmente pela defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação. Seu ativismo tornou-se um movimento internacional e sua autobiografia é escrita especialmente para o público jovem.

Bell Hooks: Famosa escritora e feminista estado-unidense. Sua obra aponta para a importância da educação como ato político que desvele as mazelas e entaves, doravante a ideologia de supremacia branca, para uma sociedade mais justa e democrática.

Pagu (Patrícia Rehder Galvão): escritora, poetisa, diretora, tradutora, desenhista, cartunista, jornalista e militante comunista brasileira. A escritora brasileira vinculada ao movimento modernista, foi a primeira presa política do Brasil. Autora de obras como “Romance Proletário” e diversos contos policiais. Sua obra está inserida no Modernismo brasileiro e é caracterizada pelo realismo social. Pagu é um símbolo de liberdade feminina e de luta política em prol da igualdade social.

Djamila Ribeiro: Filósofa e pesquisadora, é uma das principais vozes brasileiras no combate ao racismo e ao feminicídio. Sua atuação é voltada à Filosofia Política, com ênfase em Teoria Feminista, Relações Raciais e de Gênero e Feminismo. Ativista social, professora e escritora, ela se tornou uma figura importante no combate ao racismo, e em seus debates e obras traz à tona o racismo estrutural.

Angela Davis: Referência mundial no que tange aos direitos dos negros e das mulheres, conviveu desde cedo com preconceitos raciais. As obras de Angela Davis têm sido interpretadas à luz de alguns de seus grandes temas: os escritos sobre as prisões, os estudos sobre as relações entre sexismo, racismo e capitalismo e os estudos e análises sobre a cultura.

Marielly Franco: Vereadora, defendia o feminismo, os direitos humanos e criticava a Polícia Militar e a intervenção federal no Rio de Janeiro, tendo denunciado vários casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes. Trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e construiu diversos coletivos e movimentos feministas, negros e de favelas.

Fernanda Montenegro: Atriz brasileira e um dos maiores ícones do cenário artístico nacional. É conhecida também como a 'Grande Dama' da dramaturgia brasileira, por conta de sua extensa e premiada carreira no cinema, teatro e televisão. Fernanda Montenegro é imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 2022 e ocupa a cadeira 17.

Suely Carneiro: Filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro criou o Conselho Estadual da Condição Feminina. A autora fundou o GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Criou o único programa brasileiro de orientação na área de saúde específico para mulheres negras. Criou o Projeto Rappers, pelo qual os jovens são agentes de denúncia e também multiplicadores da consciência de cidadania. Produziu ainda o estudo “Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência”, como forma de denúncia da hegemonia masculina e branca nas diferentes esferas de poder.

Lilia González Lélia fez parte do grupo de fundadores do Movimento Negro Unificado - MNU, principal canal de ressurgimento da luta pela igualdade racial, nos anos 70. Incansável na luta contra o racismo e a discriminação racial, foi também uma militante da causa feminina, particularmente da mulher negra. Pioneira nos debates interseccionais entre desigualdades econômicas, de gênero e de sexualidade, Lélia valorizava os estudos e análises sobre as contribuições das culturas africanas e indígenas na formação cultural e intelectual do Brasil.

Leolinda Daltro: Professora, sufragista e indigenista brasileira que lutou pela autonomia das mulheres. Em 1910, juntamente com outras mulheres, Leolinda fundou o Partido Republicano Feminino. Ela era chamada de “mulher do diabo” por ter senso de justiça.

4.8 OS INSTRUMENTOS DA INVESTIGAÇÃO: questionários e entrevista

O processo envolvendo a pesquisa empírica foi dividido em três fases sequenciadas, a primeira, envolvendo a aplicação de um questionário aos 16 *campi* participantes onde 12 participaram (todos coordenadores e coordenadoras de Negeds do IFPE).

A segunda, a partir de um questionário via *Googles forms*, 14 mulheres contemplando participantes atendendo à diversidade de sujeitos que compuseram esse cenário, professoras integrantes de um Neged, Técnicas-administrativas integrantes de um Neged, estudantes regulares integrantes de um Neged, estudantes egressos ex-integrantes Neged, Estudantes regulares não integrantes de um Neged, mas envolvidos com ações que envolvem gênero e diversidade no âmbito do IFPE.

Na terceira fase, contemplou a entrevista narrativa (EN), contemplando participantes da segunda fase, atendendo à diversidade de sujeitos que compuseram esse cenário.

No tocante aos questionários, após serem estabelecidos os contatos necessários, foram feitos os agendamentos para envio e devolução dos formulários devidamente preenchidos, antes, prestou-se os devidos esclarecimentos, em seguida, foram providenciados os termos autorizativos. Em alguns casos, os contatos foram retomados várias vezes para que o processo, enfim, fosse concluído.

No trabalho com os dados coletados, procedeu-se, após seleção, com a pré-análise e separação do material coletado, seguido da organização desse material em unidades temáticas, avançou-se à fase seguinte, com consideráveis informações, disponibilizadas pelas respostas dadas aos questionários.

No que se refere à entrevista, de modo geral, entende-se que esta não pode e nem deve acontecer ao acaso, pois ela é extremamente relevante para a coleta de dados, que requerem a definição dos objetivos, a compreensão do contexto a ser explorado, uma boa base de fundamentação teórica sobre os conteúdos a serem abordados, um roteiro bem elaborado com as perguntas, para não haver truncamentos no momento dela, segurança do pesquisador e uma dose de bom humor para que a entrevista flua em um bom clima entre pesquisador e pesquisado.

A opção metodológica pela entrevista narrativa foi orientada por uma pergunta geradora, construída no sentido de se colher a história de vida de cada mulher, no tocante às suas experiências construídas em cada Neged, sobretudo no que se refere ao Empoderamento Feminino. Esta fase da coleta atendeu ao seguinte procedimento: a) foram explicados o objetivo e a natureza do trabalho; b) apresentou-se a justificativa dos critérios para a sua escolha; c) ratificou-se a garantia do anonimato das entrevistadas; d) as entrevistadas receberam orientação

sobre o fato de que poderiam interromper e pedir esclarecimentos sobre as perguntas apresentadas, a qualquer momento; e) após não haver dúvidas, coletaram-se as assinaturas do termo autorizativo (TCLE), após sua leitura pausada e interativa.

5 O PRODUTO EDUCACIONAL

A finalidade do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), para conceder o título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, requer a elaboração de um produto educacional. Nesse sentido, estamos propondo um *podcast*: “O Empoderamento Feminino em Discussão”, a fim de fazer jus às mulheres participantes dos Negeds do IFPE, dos *Campi* Recife e Pesqueira. Este produto educacional tem como objetivo fazer com que as mulheres possam retratar sua história de vida, com imagens, fragmentos de suas narrativas, percepções de si, para que, pela lembrança, possam fazer a travessia do que eram e do que são, em seu meio sócio-histórico, bem como do empoderamento apreendido ao longo de sua trajetória no Neged.

Morais (2020, n.p.) afirma que “o produto educacional deve ser um material educativo que facilite o desenvolvimento de uma experiência de aprendizagem, propiciando a construção de novos saberes por meio da reflexão e da ressignificação de conhecimentos outros”. Deste modo, a série de *podcast* será intitulada: “O Empoderamento em Discussão”, e, certamente, irá corroborar com o processo formativo de outras mulheres para que, sabendo das transformações alheias, possam fazer a travessia necessária e se empoderar, se posicionando diferente do padrão da história que enquadra as mulheres na invisibilidade.

O Produto Educacional é uma prerrogativa para a conclusão do ProfEPT, previsto no regulamento do Programa, seguindo as diretrizes estabelecidas para a área de Ensino, pela Capes. O referido produto deverá ser elaborado, testado por possíveis usuários, apresentado à banca de defesa, como material encartado ao texto dissertativo, para fins de sua validação. Em seguida deverá ser disponibilizado em repositórios institucionais, para consolidar sua socialização. Para Zaidan *et al.* (2020, p. 12),

A realização da pesquisa e a elaboração do produto educacional se intercambiam e se mostram como parte de um processo de formação docente, proporcionando que o(a) mestrando(a)-professor(a) tenha consciência de sua experiência profissional, das possibilidades e dificuldades de sua prática, um caminho profícuo de fortalecimento de seu desenvolvimento profissional – uma das metas do MPE.

Dentro do estabelecido pela Capes no Documento de Área para a construção do Produto Educacional, disponibilizado para a Educação Profissional, considerando ainda a possibilidade de existência de outros tipos de materiais, a tipologia referente aos Produtos educacionais, de acordo com Rizzatti *et al.* (2020), atende à seguinte categorização: Material didático/instrucional; Curso de Formação Profissional; Tecnologia Social; Software/aplicativo; Evento organizado; Relatório Técnico; Acervo; Produto de comunicação; Manual/Protocolo;

Carta; mapa ou similar.

5.1 A TECITURA DO PRODUTO EDUCACIONAL/*PODCAST*

Neste trabalho, a opção pelo tipo de Produto Educacional apontou na direção da categoria audiodocumentário, sendo composto por uma série de *podcasts*, vinculado à categoria Produto de Comunicação. Nessa direção, o produto educacional proposto e exposto neste trabalho de final de curso, contemplando miniconferências e narrativas sobre o tema em estudo, tem finalidade didática. Recomenda-se o seu uso em situações didático-pedagógicas, em espaços de formação escolar e não escolar. Apresenta-se como uma possibilidade de ampliar as discussões sobre gênero, diversidade e sexualidade na perspectiva do Empoderamento Feminino dentro e fora dos espaços dos Negeds.

O referido produto educacional envolve miniconferências e narratividade contemplativas de breves discussões e experiências acerca das seguintes temáticas: a) categoria Empoderamento Feminino; b) o Neged no IFPE c) narrativas sobre si. As discussões (a e b) receberam contribuições de duas professoras do IFPE, estudiosas das Relações de Gênero, Sexualidade e Diversidade, coordenadora e ex-coordenadora de Negeds. As referidas exposições dialogaram com a temática do empoderamento no prisma da autonomia feminina, em todas as suas dimensões e na direção dos espaços coletivos.

A narrativa sobre si, na compreensão do contexto exposto, envolveu a participação de uma estudante, integrante do Neged, e, neste contexto, também, evocou-se o aprofundamento de entendimentos e experiências acerca do Empoderamento Feminino. As exposições expostas nos diferentes episódios traduzem, sobretudo, uma percepção de e sobre si, enquanto mulheres que estão vinculadas ao IFPE e ou ao Neged. Nesse cenário, entende-se que essa técnica permite a libertação, à medida que as pessoas se renovam e refazem a própria vida por meio da reelaboração e ressignificação das experiências vividas. Pois,

[...] A memória não é, absolutamente, o exercício de uma fuga do presente, nem tão pouco a tentativagenealógica de resgatar um passado que não mais existe, mas sim um movimento que se busca mergulhar na fluidez do tempo, com vistas a compreender seus múltiplos (e muitas vezes interrompidos) itinerários (Cambi, 2001, p. 56).

A série foi dividida em três seções, contemplando a fala de cada uma das participantes, desse modo, com três episódios. A sua apresentação e o encerramento foram feitos pela mestrandia, autora deste trabalho. Introduzindo e encerrando as seções, foram escolhidos os seguintes textos musicais: Maria, Maria (Milton Nascimento) e Cor de Rosa Choque (Rita Lee

e Roberto de Carvalho). O Quadro 13 a seguir traz informações gerais e técnicas sobre o referido em pauta.

Quadro 13 – Participantes do *podcast*

Episódios	Duração	Perfil das Participantes	Principal abordagem
1 ²¹	12 min e 19 seg.	Estudiosa das relações de gênero, professora e atual coordenadora de um Neged do IFPE	Discussões do campo teórico envolvendo a temática de estudo
2 ²²	15 min e 53 seg.	Estudiosa das relações de gênero, professora e ex-coordenadora de um Neged do IFPE	Discussões do campo teórico-prático envolvendo a temática de estudo, destacando-se as experiências da instituição com o Neged, bem como a construção do <i>corpus</i> documental que oferece sustentação à criação e manutenção deste núcleo
3 ²³	08 min e 26 seg.	Estudante vinculada a um Neged do IFPE	Experiências sobre si com a temática de estudo, dentro e fora do IFPE.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A abordagem com as participantes do *podcast* foi feita por meio de contatos telefônicos, por *WhatsApp*, conversas e outros. As participantes foram escolhidas pelo vínculo e ligação com o Neged, como também pela temática em discussão. As referidas professoras são estudiosas da temática sobre gênero. A referida estudante foi escolhida por participar das ações do Neged, como também por apresentar afinidade ao tema em discussão.

O procedimento de gravação do *podcast* foi agendado e orientado, com um roteiro distribuído, contendo informações referentes ao seu objetivo, duração, abordagem, objetividade, finalidade, dentre outras. As gravações foram feitas nos celulares das participantes, repassadas à pesquisadora. Após analisadas, foram entregues ao grupo de editores que integram o Projeto MalungoLab, projeto de extensão do *campus* Recife, coordenado pelo Professor Dimas Veras. Os eventos envolvendo a gravação, a abertura e o encerramento dos três episódios foram gravados no laboratório que abriga os trabalhos desse projeto, assim como todos os procedimentos técnicos que envolveram a feitura e a testagem interna do material. O acesso a todos os episódios sequenciados, sem interrupção, encontra-se disponível em único link²⁴.

²¹ https://drive.google.com/file/d/1BLoWM5NCrZInsocjP1VBjollw1g_NyEO/view?usp=drivesdk

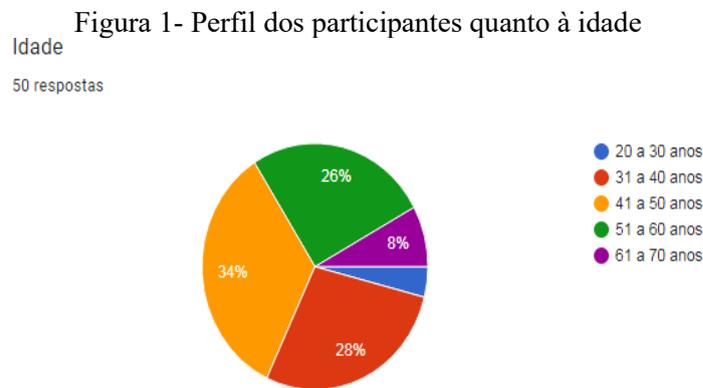
²² <https://drive.google.com/file/d/1BVLe-O7pJxdIvJPu0G7JvGBURKQGKY4L/view?usp=drivesdk>

²³ <https://drive.google.com/file/d/1BRK7cbNKsXV14rGmHVLMoRBLi0Paf0nL/view?usp=drivesdk>

²⁴ <https://drive.google.com/file/d/1BXiRhXEiDaspD-xCvLyeGQRcw7TQsJw3/view?usp=drivesdk>

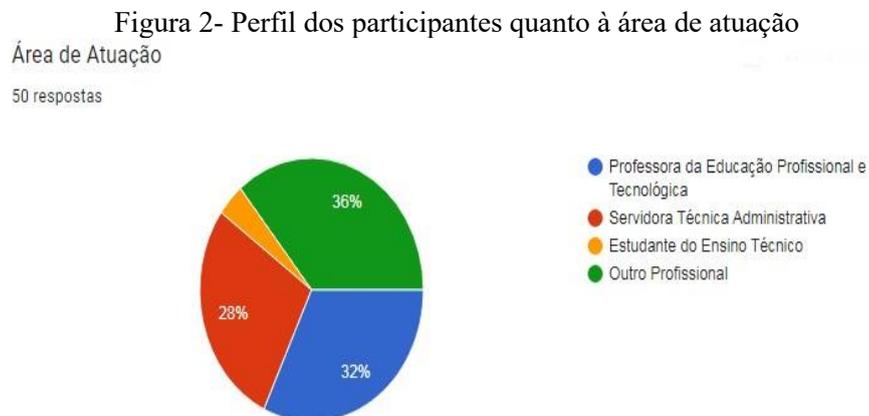
5.2. TESTAGEM DO PRODUTO EDUCACIONAL

Para a realização da testagem do Produto Educacional (*Podcast*), foram enviados, para o contato de *WhatsApp*, os episódios gravados, com um link em anexo para acesso ao questionário de avaliação. Um total de cinquenta (50) pessoas participaram entre estudantes, docentes, técnicas(os) administrativas(os). No que se refere à identidade de gênero, 76% participantes se identificaram como mulher, 24% como homem; as opções ‘outro e prefiro não dizer’ não foram assinaladas. Os resultados encontrados estão apresentados em forma de gráficos, dispostos nas figuras a seguir:



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Como se observa na Figura 1, no que diz respeito à idade, a maior parte dos participantes se concentrou na faixa de 41 a 50 anos (34%), seguida da faixa etária entre 31 a 40 anos (28%) e em terceira posição os participantes advindos da faixa etária entre 51 e 60 anos (26%).



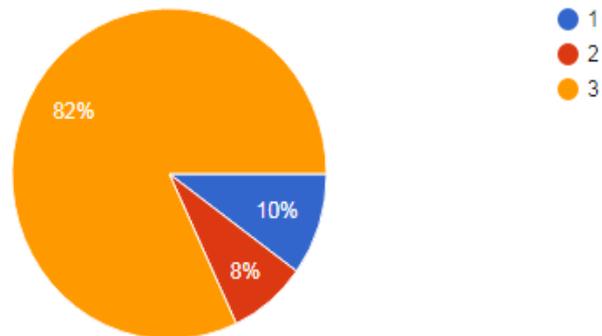
Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Na Figura 2, observamos que os participantes se dividiram entre Outro profissional,

com um percentual de 36%, enquanto que 32% dos participantes foram representados pelas Professoras da educação profissional e tecnológica e 28% eram servidoras técnico-administrativas.

Figura 3- Resultado da pesquisa relativo à quantidade assistida dos episódios
Quantos episódios do podcast você ouviu?

50 respostas



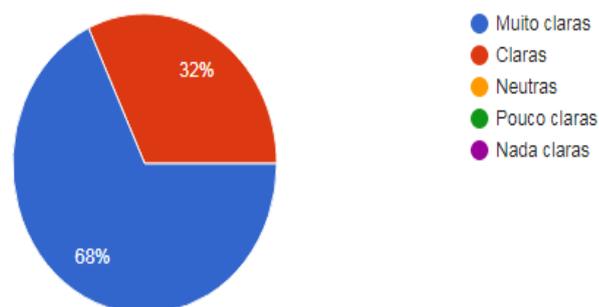
Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Quando analisamos a Figura 3, percebemos que a quase totalidade dos participantes (82%) assistiu a três episódios, o que configura certa confiança em nosso Produto Educacional.

Figura 4- Resultado da pesquisa quanto à clareza das informações apresentadas no *podcast*

Como você avalia a clareza das informações apresentadas no podcast?

50 respostas

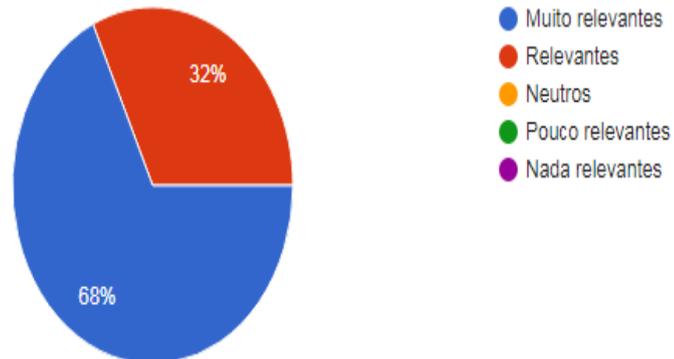


Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Quando perguntados sobre a clareza das informações apresentadas no *Podcast*, a Figura 4 ilustra que os 68% dos participantes relataram que há clareza nas informações confirmando ao *podcast* com significativa contribuição em sua utilização, seja nas formações ou nas discussões em geral.

Figura 5- Resultados da pesquisa quanto à relevância dos temas abordados no *podcast*
Os temas abordados são relevantes para você?

50 respostas



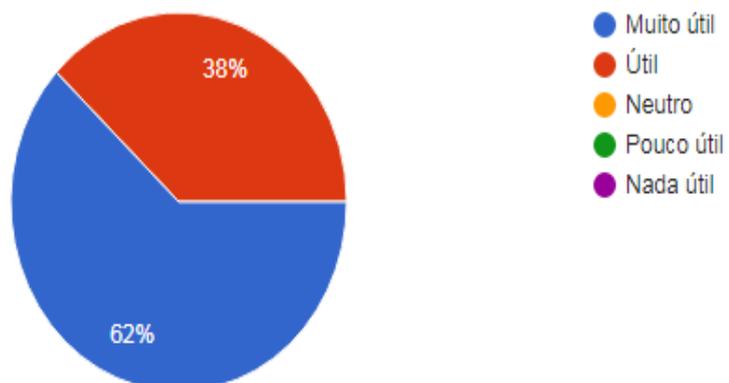
Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Verifica-se, conforme ilustra a Figura 5, que, em relação à relevância dos temas abordados no *podcast*, os participantes se dividiram entre Muito relevantes (68%) e Relevantes (32%), o que reafirma a importância do produto.

Figura 6- Resultados da pesquisa quanto à utilidade do *podcast* para a aprendizagem/desenvolvimento profissional

O podcast é útil para sua aprendizagem ou desenvolvimento profissional?

50 respostas

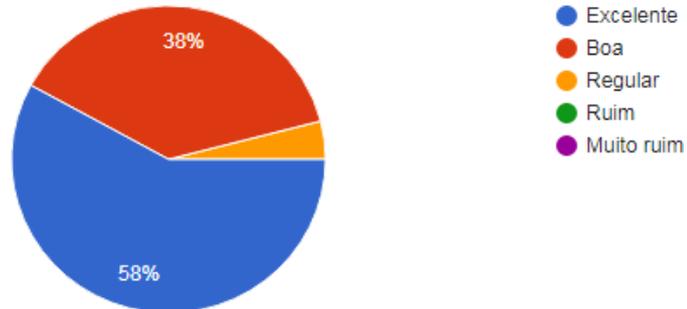


Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

A sinalização de que o *podcast* é útil para uma aprendizagem em relação ao tema em discussão, Empoderamento Feminino, é ilustrada pelo resultado apresentado na Figura 6, com a maior parte dos participantes apontando para Muito útil (62%), seguida de Útil (38%).

Figura 7- Resultados da pesquisa quanto à qualidade do áudio do *podcast*
Como você avalia a qualidade do áudio do podcast?

50 respostas

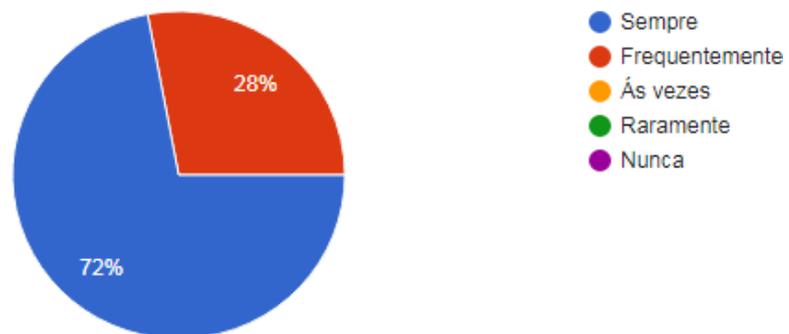


Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

A qualidade do áudio foi aprovada pelos participantes, como se pode observar na Figura 7, em que 58% afirmaram ser Excelente e Boa para 38%, confirmando a eficiência da escuta do *podcast*.

Figura 8- Resultado da pesquisa quanto à estruturação dos episódios do *podcast*
Os episódios são bem estruturados e seguem uma sequência lógica?

50 respostas

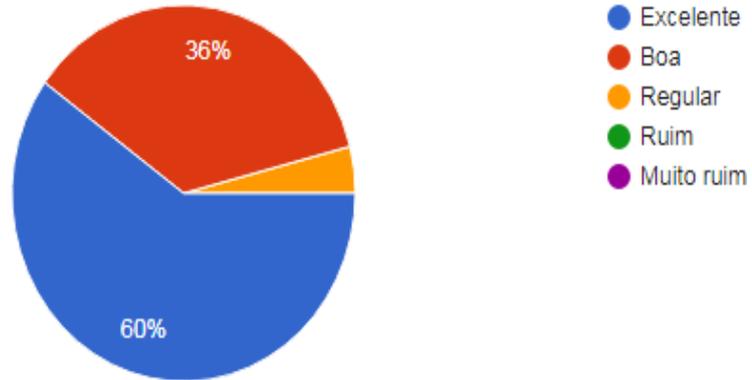


Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

De acordo com a Figura 8, os participantes consideraram que os episódios do *podcast* são bem estruturados e seguem uma sequência lógica, com um percentual de 72% para Sempre e 28% para Frequentemente.

Figura 9- Resultados da pesquisa quanto à edição do *podcast*
Como você avalia a edição do podcast (fluidez, transições, efeitos sonoros)?

50 respostas



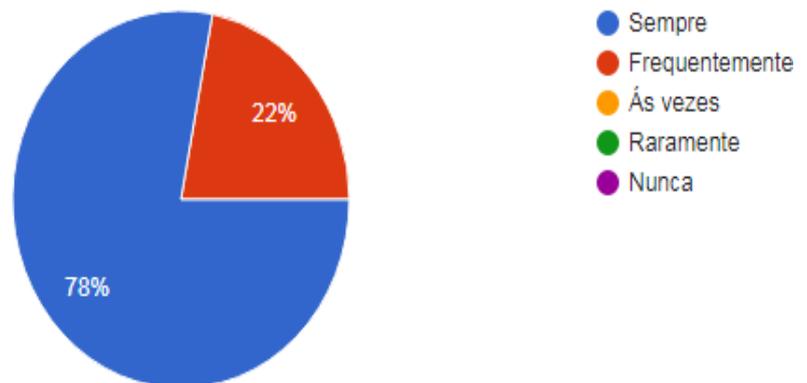
Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Quanto à parte técnica do *podcast*, os resultados da pesquisa revelaram que os participantes avaliaram como Excelente (60%) e Boa (36%), como ilustra a Figura 9.

Figura 10- Resultados da pesquisa quanto à clareza e adequação dos episódios para a introdução e conclusão

Os episódios têm uma introdução clara e uma conclusão adequada?

50 respostas

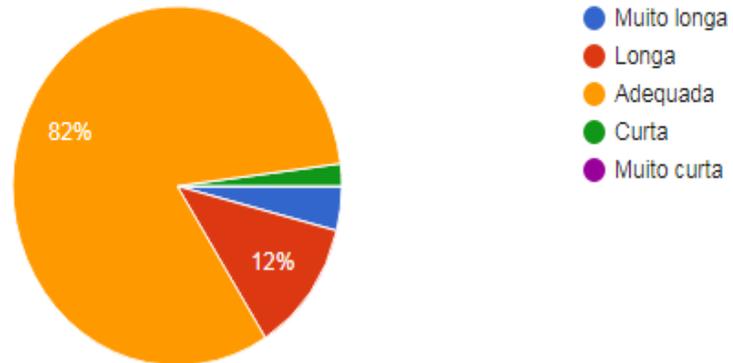


Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Os episódios foram bem avaliados, tanto quanto à clareza na introdução quanto no que diz respeito à adequação da conclusão. Isto pode ser observado na Figura 10, em que a maioria (78%) dos respondentes se posicionou de forma positiva.

Figura 11- Resultados da pesquisa quanto à adequação na duração dos episódios do *podcast*
A duração dos episódios é adequada para os tópicos abordados?

50 respostas

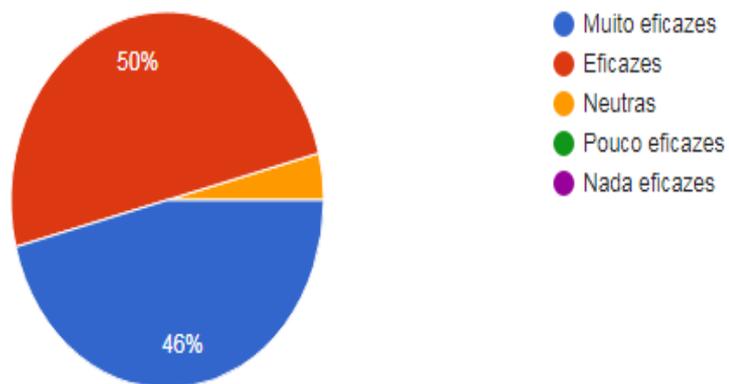


Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

A maioria dos participantes considerou a duração dos episódios Adequada (82%) para os tópicos abordados no *podcast*, como se pode observar na Figura 11

Figura 12- Resultados da pesquisa quanto às metodologias pedagógicas utilizadas
As metodologias pedagógicas utilizadas (ex: conceitos, citações) são eficazes para a sua aprendizagem?

50 respostas



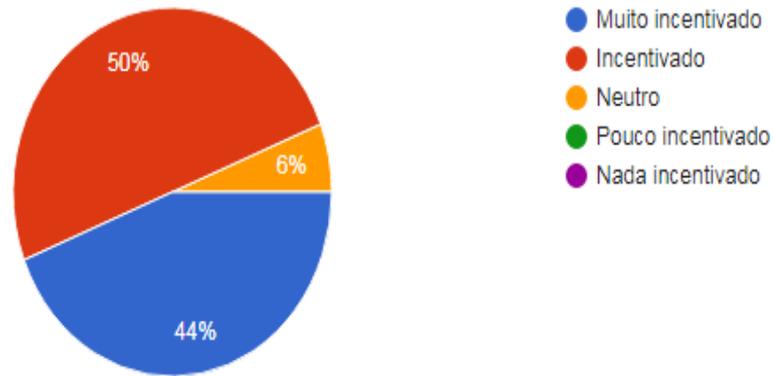
Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Notamos na Figura 12 que as metodologias pedagógicas utilizadas foram avaliadas como Eficazes (46%) pelos respondentes, revelando-se como significativas para a aprendizagem, o que pode ser bem aproveitado na educação básica e/ou em outros movimentos ligados ao tema.

Figura 13- Resultado da pesquisa quanto ao interesse em aplicar o conhecimento adquirido nos episódios do *podcast*

Você se sente incentivado a aplicar o conhecimento adquirido nos episódios em sua vida prática?

50 respostas



Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Por fim, na Figura 13, podemos observar que os participantes se dividiram entre Incentivados (50%) e Muito incentivados (44%) a aplicarem os conhecimentos adquiridos nos episódios do *podcast* em sua vivência prática.

Quadro 14 - Resultados apresentados no *podcast* (continua)

Avanços apontados no <i>podcast</i>	Fragilidades apontadas no <i>podcast</i>
Destaco a importância desse podcast e gostaria muito que eles fosse amplamente divulgado com os Negeds do IFPE e assim atingir cada vez mais mulheres no instituto.	Precisa ter uma maior divulgação para não reduzir o impacto potencial do podcast.
As informações do tema abordado, as explicações, a condução das entrevistas e as participantes convidadas.	Alcance limitado: Se o conteúdo não for acessível a uma audiência ampla, tanto em termos de linguagem quanto de distribuição, ele pode não alcançar o público necessário para fomentar mudanças significativas.
Contar os fatos do cotidiano de mulheres atrelando ao conhecimento acadêmico, mostrando que o que é, de fato, ser uma mulher possui tópicos que levantam o questionamento a respeito do que é empoderamento e o que é ser uma mulher empoderada, levando-nos a sempre buscar conhecimento e lutar por nossos direitos, sempre juntas.	O Empoderamento Feminino se restringiu às experiências no âmbito do IFPE.
Tudo muito relevante quando trata a questão de gênero e conteúdo claro e objetivo, explicar diversos conceitos	Não diria ponto fraco, mas o trecho musical veiculado antes das falas poderia ser mais curto antes das falas das convidadas!

Quadro 14 - Resultados apresentados no *podcast* (continua)

Avanços apontados no <i>podcast</i>	Fragilidades apontadas no <i>podcast</i>
Conteúdo claro e objetivo, explica diversos conceitos. Ao discutir sobre empoderamento feminino, esse <i>podcast</i> ajuda os ouvintes a compreenderem a temática	Só ter três!
<i>Podcast</i> dedicado à discussão sobre o Empoderamento Feminino, apresenta um conteúdo original e de qualidade, aprofundando temas relevantes com informações exclusivas e uma linguagem clara e objetiva, acessível a todos os públicos.	Tempo de duração.
A produção é impecável, com áudio de alta qualidade, trilha sonora inspiradora e edição profissional que garante a fluidez do conteúdo.	Talvez, se conseguisse fazer uma única edição dos três momentos, ficasse mais fluido, contudo, considero um excelente <i>podcast</i> .
Abordagem clara e direta sobre questões de gênero, promovendo a conscientização e a igualdade entre homens e mulheres, especialmente no contexto educacional.	Um maior tempo nos episódios.
Ele oferece um espaço para discussões sobre como o Empoderamento Feminino pode ser incentivado na sala de aula, por meio de exemplos práticos, diálogos.	O <i>podcast</i> pode melhorar ao diversificar e aumentar a interação, explorar diferentes formatos e melhorar a acessibilidade.
As temáticas abordadas; o incentivo ao protagonismo e Empoderamento Feminino da população LGBTQIA+.	Deveria ser mais interativo com o entrevistador.
Discutir a concepção do Empoderamento Feminino em um ambiente tão diversos como o Ambiente de educacional.	Talvez tenha um alcance limitado no sentido de quem vai ouvir, qual seria o público-alvo, se esse público vai se mobilizar a ouvir o programa.
A temática é fantástica, atual e importante para EPT.	Mudança do volume no áudio entre as músicas e a apresentação.
O tema do <i>podcast</i> é atual e essencial para discussões relacionadas à educação.	Poderia ter interações entre pessoas sobre as temáticas.
As experiências de vida e os depoimentos das entrevistadas.	Não ser sequenciado em termos do debate fomentado.
Como ponto forte destaco os três episódios com abordagens diferentes acerca da temática, cada um tendo sua relevância e se complementam.	Para os temas, acho que ele cobre sem aprofundar, caracterizando-se mais com algo introdutório.
Destaco a clareza nas falas das participantes, onde as mesmas se colocam de forma do que realmente vivenciam no seu dia a dia, importante trazer o contexto do que vivemos diante da sociedade.	Para algumas pessoas do público-alvo, <i>podcasts</i> muito longos podem não ser muito convidativos.
Contar os fatos do cotidiano de mulheres atrelando ao conhecimento acadêmico, mostrando o que é, de fato, ser uma mulher; possui tópicos que levantam o questionamento a respeito do que é empoderamento e o que é ser uma mulher empoderada, levando-nos a sempre buscar conhecimento e lutar por nossos direitos, sempre juntas.	

Quadro 14 - Resultados apresentados no *podcast* (conclusão)

Avanços apontados no <i>podcast</i>	Fragilidades apontadas no <i>podcast</i>
Além de falar sobre o Empoderamento Feminino, faz recortes raciais (mesmo que sucintos), algo crucial para construir e questionar se nossos direitos abraçam e chegam a todas ou não.	
Trazer o conhecimento do que se faz no IFPE sobre a temática (apresentação sobre o Neged, sua história e as possibilidades desse núcleo para os estudantes especialmente).	
Trazer mulheres (docentes e estudantes) para destacarem pontos relativos ao papel das mulheres e o Empoderamento Feminino!	
Quando mostra a importância dos núcleos de gênero do IFPE e sua contribuição para o Empoderamento Feminino.	
"A luta feminina passa pelo coletivo"!	
Porque com a fala e a experiência das palestrantes ajuda outras mulheres a refletirem sobre seus direitos e deveres, sobre seu papel e poder na sociedade	
Tema atual, necessário à reflexão crítica e ao fortalecimento dos conhecimentos sobre Empoderamento Feminino. Divulgação brilhante do trabalho dos Negeds. Excelente trabalhar a visão de docente, discente e gestão/coordenação Neged.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

5.2.1 Comentários gerais acerca do *podcast*

Nas avaliações destacam-se alguns pontos importantes com sugestões para melhorar o *podcast*, como:

- 1- Poderia transformar numa reportagem para jornal ou revista;
- 2- Em geral, pela cultura da nossa sociedade os homens não se interessam muito em ouvir essa temática, seria interessante pensar em como provocar esse público para ouvir e discutir essa temática. Sugestão que uma das pessoas entrevistadas poderia ser do sexo masculino, compondo o cenário e refletindo sobre o Empoderamento Feminino na sociedade atual;
- 3- De sempre trazer temas que ajudem nas reflexões e conscientização. E que sejam divulgados;
- 4- Trazer outras mulheres para participarem, que sejam de outras redes, para além da rede federal de educação;
- 5- A possibilidade de compartilhamento para o grande público, no intuito de

atingir um maior engajamento;

- 6- Disponibilizar o conteúdo em diferentes formatos, como transcrições escritas e vídeos legendados, foi possível alcançar um público maior, incluindo pessoas com deficiência auditiva ou com preferências diferentes de consumo de conteúdo.

Fazemos um destaque da satisfação com a indicação de que os avaliadores do Produto Educacional, de fato, escutaram o *podcast* e responderam com segurança às questões observadas, o que nos faz acreditar na importância do nosso trabalho de pesquisa.

5.3 TRANSCRIÇÃO DA SÉRIE DE *PODCASTS*²⁵

5.3.1 *Podcast* – Episódio 01, com a Professora Sandra Gomes: IFPE *Campus* Belo Jardim

Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta [...] (Nascimento, 1978).

Olá, boas-vindas a todos, todas e todes que nesse momento nos escutam. Sou Maria Aparecida Cruz, mestranda do programa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ProfEPT e IFPE *Campus* Olinda. Junto a minha orientadora, a professora doutora Bernardina Santos Araújo de Sousa, apresentamos o *podcast*: Empoderamento Feminino em Discussão.

E, nesse momento, iniciamos e agradecemos a colaboração da professora Sandra Gomes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), *Campus* Belo Jardim. A professora Sandra Gomes é graduada em Letras, com Licenciatura em Português e Inglês, pela UPE, e Mestra em Educação e Culturas e Identidades, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Atuou como professora efetiva da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) *Campus* Belo Jardim. Tem experiência e prática no debate sobre gênero e diversidade sexual e é coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade (Neged), do *Campus* Belo Jardim.

Bom dia a todas e todos. Primeiramente, gostaria de agradecer à professora Bernardina Araújo e à Aparecida Cruz por esse convite e, ao mesmo tempo, parabenizar pela bela iniciativa de compor esse material tão importante e tão necessário. Bem, mas como eu fui convidada a falar sobre Empoderamento Feminino, gostaria de iniciar nossas reflexões pela noção construída em torno da palavra empoderamento.

A palavra empoderamento é um neologismo que se formou a partir da palavra *empowerment*, do inglês, está geralmente muito ligada ao meio empresarial e à ideia de descentralização de poderes. Consultando o Aurélio, com palavras já dicionarizadas, encontrei duas definições. A ação de se tornar poderoso e de

²⁵ WhatsApp Audio 2024-10-14 at 15.17.31 (1). Transcrito por TurboScribe.ai. Atualize para ilimitado

passar a possuir poder, é a primeira, e a segunda, passar a ter domínio sobre sua própria vida, ser capaz de tomar decisões sobre o que diz respeito.

Depois dessa consulta, fui buscar o que tinha na internet sobre Empoderamento Feminino. Encontrei uma noção bem resumida que dizia o seguinte: conceder poder individual, social e político às mulheres. E aí a gente pensa: quem concede? Quem diz que vai conceder mais poder às mulheres assume que tem o poder.

Então o conceito de empoderamento, para além de trazer essa noção, esse domínio sobre a própria vida da mulher, também questiona ou interpela as estruturas de poder. Eu gostaria de trazer, ainda sobre empoderamento, as noções que traz Joyce Berth²⁶, no livro Empoderamento, da Coleção Feminismos Plurais. Segundo Joyce Berth, o empoderamento se constrói a partir de quatro pilares. O primeiro deles é a consciência cognitiva, a necessidade de estudar, de se apropriar de conceitos que tratam das questões que pesam sobre a nossa vida. O segundo deles é o fortalecimento.

É um reconhecimento da nossa condição enquanto ator econômico e financeiro.

O que você produz ou o que nós produzimos? Ou o que ainda podemos produzir? Onde poderíamos estar produzindo? O terceiro pilar é o pilar da dimensão psicológica. Reconhecer o quanto as operações sociais podem fragilizar o psicológico das pessoas ou o nosso psicológico nessa interação social. O quarto pilar seria o da conscientização política. Não uma político-partidária ou institucional, mas de ações que podem ser realizadas no cotidiano, no dia a dia.

Um exemplo disso é uma reunião comunitária de mulheres para discutir ou reivindicar o direito a mais creche naquela comunidade, por exemplo. Segundo Joyce, esses pilares ocorrem dentro de uma dimensão individual e coletiva.

Há uma simbiose entre o empoderamento individual e o empoderamento do grupo. Ninguém se empodera individualmente se o grupo não estiver empoderado. Ao mesmo tempo em que, para que esse grupo seja empoderado, ele precisa também da ação individual.

Então, é um processo de simbiose. Para que a gente possa perceber ou vislumbrar isso melhor, vamos imaginar uma mulher num cargo de liderança de uma grande empresa internacional. Vamos questionar: quem é essa mulher? Geralmente, é uma mulher branca que, pelo caminho ou na sua trajetória, encontrou privilégios e condições favoráveis para alcançar aquela posição, aquela condição.

O que é que fica mais presente ou o que é que fica mais latente para nós, aí? A ideia de meritocracia. Essa ideia de meritocracia não interpela as estruturas de poder, porque ela se caracteriza a partir de uma conquista individual daquela mulher. A gente até pode dizer que ela é uma mulher empoderada, mas se for pensar o conceito de empoderamento dentro da sua construção, você vê que aquele benefício é um benefício conquistado individualmente.

Então, se você consegue um benefício individual e esse benefício não é revertido para um grupo minoritário ou para o grupo minoritário em que você está inserido, não se está aplicando o conceito de empoderamento, porque não está modificando a vida de outras pessoas ou de outras mulheres. Então, o

²⁶ Joyce Berth formou-se em arquitetura e urbanismo, é escritora e feminista, curadora e psicanalista. Cria conteúdo para as redes sociais e plataformas como a Revista “Elle Brasil” e o “Portal Terra”, sobre temas de conscientização de questões sociais, desigualdades e saúde mental. feminista negra.

Empoderamento Feminino está ligado a uma consciência coletiva por parte das mulheres e é construído de ações tomadas por mulheres que não se deixam ser inferiorizadas pelo seu gênero e tomam atitudes que vão contra o machismo e o sexismo imposto pela sociedade. Essa luta contra o sexismo presente em toda a nossa estrutura social, ela demanda o empoderamento das mulheres.

O movimento feminista trouxe muitas conquistas, mas a estrutura que ainda nos governa nos diz o quanto ainda precisamos lutar, estudar para mover essas estruturas de poder que estão aí. Então, falar de empoderamento é discutir as relações de poder a partir, inclusive, de questionamentos de situações muito simples no nosso cotidiano, mas que pesam sobre nossa vida. Quem pode andar ou não andar à noite na cidade? Como a família divide o trabalho doméstico? Essa segunda questão é uma questão que mexe com o cotidiano das pessoas.

Tanto a primeira quanto a segunda, a gente fazer uma reflexão sobre ela e tentar modificar algumas questões relacionadas a ela traz mudanças significativas sobre a vida das pessoas. Só essas duas questões muito simples já podem trazer uma mudança significativa para a vida das pessoas. E, aí cabe refletir, e eu trago aqui o que nos diz bell hooks.

“A noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a lógica de que a dominação masculina está intacta. Seja o homem presente em casa ou não” (Hooks, 2018, p. 18)²⁷. Se a gente for observar isso que a bell hooks diz, na maioria das famílias em que a gente tem mãe-solo, a gente ainda consegue perceber isso.

É a lógica patriarcal que ainda está no pensamento e nas ações dessas mulheres sozinhas, quando educam suas filhas e filhos. A gente sabe que isso tem modificado, tem se modificado, mas ainda está presente essa lógica e essa noção patriarcal em muitas famílias. A informação é um dos processos mais importantes do empoderamento.

E aí, nesse sentido, a atuação dos núcleos de gênero e diversidade dentro dos institutos federais emergem como espaços de empoderamento para as novas gerações, porque são nesses espaços que acontecem esses debates, na verdade, que precisam acontecer nas instituições de ensino como parte da formação das estudantes e dos estudantes. Nessa sociedade em que a gente tem ainda muito sexismo e ainda muitos discursos engendrados, discursos midiáticos, engendrados pela lógica patriarcal, é importante a gente estar bem atento para o esvaziamento do conceito de empoderamento.

Não é o fato de você ter uma pessoa, de uma mulher ser bem-sucedida financeiramente ou usar um batom vermelho que vai tornar essa mulher empoderada. Essa mulher pode ter uma lógica dentro da sua casa em que ela é prejudicada ou pode sofrer violência doméstica. Então, a mídia constrói alguns símbolos e as redes sociais os distribuem de forma tão capilarizada que terminam embaçando a ideia de Empoderamento Feminino e passando a discutir algumas questões, ou as principais questões que nos pesam de forma superficial.

Nós precisamos sair dessa superfície e aprofundar o processo de empoderamento das mulheres em todos os espaços. E a escola é um dos lugares em que esse processo pode se constituir de forma mais consistente, porque o Empoderamento Feminino é um processo contínuo, individual e coletivo, com muitas idas e vindas, uma vez que a luta pela equidade de direitos está muito,

²⁷ HOOKS, Bell. Políticas feministas: em que ponto estamos. *In: O feminismo é para todo mundo*. Políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

muito longe de cessar e ainda há muitos espaços em disputa. Nesse sentido, para finalizar, eu gostaria de fechar com as palavras de Audre Lorde (2019, n.p.)²⁸: “Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”. Então, é isso, gente. Muito obrigada pela oportunidade e espero ter contribuído.

Um abraço. Muito obrigada, professora Sandra Gomes, pela sua excelente contribuição e participação em nosso podcast.

5.3.2 *Podcast* – Episódio 02, com a Professora Nathalia da Mata: IFPE, *Campus Recife/DAEReitoria*

Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta [...] (Nascimento, 1978).

A vida institucional, das diferenças que estão ali transitando nessa vida institucional.

E nesse momento, para darmos continuidade ao nosso *podcast* Empoderamento Feminino em Discussão, apresentamos e agradecemos a colaboração da professora Natália da Mata, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), *Campus Recife*. A professora Natália da Mata é socióloga, mestra e professora de Sociologia do IFPE *Campus Recife*. Atuou como coordenadora do Neged (Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade) do *Campus Belo Jardim* e do *Campus Recife*. Atualmente ela é diretora da DAE-Reitoria, Diretoria de Assistência ao Estudante.

Olá, sou Natália da Mata, professora de Sociologia do Instituto Federal de Pernambuco e comento um pouco sobre a minha experiência como coordenadora dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade dos *campi* Belo Jardim e Recife. Os Negeds, como são conhecidos os Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade, são espaços de pesquisa, de extensão, de produção de atividades cotidianas na instituição que criam a possibilidade de novas imaginações a respeito dos corpos que compõem a forma de ventilar ideias, uma nova forma de fazer circular afetos na vida institucional.

É preciso a gente perceber, a gente capturar uma nova imagem educativa quando a gente olha para os Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade dentro do Instituto Federal de Pernambuco. Esse é um ponto que eu gostaria de destacar, antes mesmo de falar desse espaço como um espaço gerador de... como eu poderia dizer... de possibilidades para a tomada de consciência ou para o exercício da reflexão crítica das mulheridades, das diversas pessoas que ali transitam, habitam, debatem e trazem as suas reflexões. Que as instituições educacionais são espaços de produção e reprodução de corpos, sabemos.

Especialmente se a gente fizer uma leitura um tanto quanto foucaultiana de como as abordagens educacionais inclinam uma capacidade de adequação desses corpos, dos pensamentos e dos seus comportamentos na instituição. É algo que se impõe, se a gente pensar nas relações de poder. Neste âmbito o poder é identificado como algo que está ali imposto àquele corpo que transita

²⁸ LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019.

na instituição. Pode ser considerado, inclusive, uma angústia, se a gente pensar junto com a Judith Butler.

Há uma obediência cotidiana, um respeito às leis, um impacto efetivo das formas de repressão que existem, inclusive dentro dos ambientes educacionais. Então espaços como os núcleos de gênero e diversidade, que permitem o debate, que permitem a reflexão, que abrem margem, que abrem frestas para a reflexão, são importantes lugares de autodeterminação política.

Neste sentido, à medida que nós vamos, enquanto profissionais da educação, na minha condição de professora, de coordenadora, conduzindo trabalhos acadêmicos, trabalhos extensionistas, articulados com outras pessoas da instituição, dentro de um núcleo que predispõe condições para que a gente repense um pouco as medidas, as formas de fazer uma pedagogia, as formas de fazer e criar conhecimento e as formas de estar, existir, expressar-se, performar dentro da instituição, é muito importante.

Eu considero que os Negeds, de fato, criam uma nova forma de ventilar ideias, uma nova forma de fazer circular afetos na vida institucional. E isso é extremamente salutar, saudável, pertinente, especialmente quando a gente pensa nas várias dificuldades e obstáculos que as populações consideradas minoritárias, que são chamadas minorias políticas, estão conseguindo ingressar cada vez mais por conta das políticas públicas nos espaços educacionais.

Então pensar a frequência das mulheres, a frequência das mulheres trans, a frequência dos corpos da diferença nas instituições educacionais, é extremamente importante para o funcionamento do Neged, e o Neged é extremamente importante para a continuidade desse trânsito, para a reflexão em relação a esse trânsito de corpos da diferença e para a permanência desse trânsito de corpos da diferença na instituição educacional.

Então eu acredito que o Neged na minha experiência pedagógica e acadêmica seja um espaço de extrema felicidade, no sentido de que ele de fato nos faz respirar novos ares para imaginar novas formas de pedagogia.

Eu acredito que fique claro que o empoderamento, a potencialização de aspectos políticos para a diversidade, para as pessoas subalternizadas ao longo do tempo histórico, condiciona, inclusive, transformações nos aspectos institucionais mais estruturados. Então os regramentos institucionais começam a ser questionados, criticados, repensados.

De certo modo, os núcleos nos permitem uma potencialidade política de transformação institucional. É superinteressante pensar, por exemplo, quando falamos de políticas inclusivas, que apesar da noção de inclusão, não estamos falando somente de assistência. Não estamos falando somente de apoio e de cuidado.

Estamos falando, sim, de apoio, de cuidado, de assistência, mas também de dispositivos que podem engendrar transformações significativas na vida institucional. Modificar, de fato, a instituição de ensino para que ela comporte cada vez mais a presença das diferenças e seja cada vez mais salutar na transformação dessas vidas.

Em outras palavras, os Negeds são espaços que propõem a formulação de políticas de inclusão numa chave, de fato, emancipatória, porque além de garantir acolhimento, de levantar temáticas que são plurais e têm como princípio norteador os princípios e diretrizes democráticos e dos direitos humanos, também se trata de um espaço que precisa necessariamente colocar, acionar como princípio a crítica como fonte geradora de novas diretrizes.

Então os propósitos da política são necessariamente agonísticos nos núcleos de gênero e diversidade. Necessariamente eles são insolentes com a sua própria permanência, com a sua própria necessidade de mudança constante.

Quando converso, dialogo sobre os núcleos de gênero e diversidade, sempre gosto de propor uma observação a partir de dois aspectos fenomenológicos e intersubjetivos relacionados a esses movimentos corpóreos, ao movimento de corpos que percorre, que performa na arquitetura institucional educativa e como esses corpos produzem efeitos e significados diversos dos que estão pré-estabelecidos pelo senso disciplinador, aquele senso disciplinador ancorado na cis heteronormatividade.

Então, especialmente a experiência do corpo como território, como historicidade, materialidade, é importante da gente observar essa dinâmica, esse fenômeno, a partir dos espaços gerados pelos núcleos de gênero e diversidade, das experiências geradas, pensadas, construídas, elaboradas dentro dos núcleos de gênero e diversidade, como também, por outro lado, a reprodução da estrutura normativa que vai disciplinar a dinâmica educativa. Ao reproduzir uma dinâmica educativa, a instituição da educação está ali, vamos dizer assim, tentando manter a norma geradora. Quando acontece um encontro dessa dinâmica com uma nova experiência de novos corpos, corpos pensados como território, como historicidade, como materialidade, quando esse confronto acontece, a gente tem aí uma dinâmica de conflito.

Muito interessante de se observar e de perceber como é importante essa complexidade na vida institucional educativa para produzir novas fontes discursivas, novas expressões de performatividade.

O outro na instituição, seja ele a travesti, a pessoa transgênero, não binária, LGBT, sejam as diversas mulheridades, eles, elas, eles estão colocados na instituição também como pontos de decisão, também como pontos que criam frestas, brechas, para se ventilar, como disse inicialmente, novas ideias.

Em outras palavras, a revelação da presença desses corpos marcados, identificados, tensiona certa normalidade, entre aspas, essa normalidade institucional, e ao mesmo tempo aciona as forças inculcadas na sociedade a partir dos estigmas, propõe novas leituras sobre esses modos de existência, de experiência, e, conseqüentemente, sobre a realidade.

Então, necessariamente, a gente tem a produção de um espaço crítico. Eu penso que a experiência de potencialidade política proporcionada pelos Negeds, ela é consequência desse espaço crítico, desse espaço também de conflito, desse espaço necessariamente questionador.

Uma das observações que eu consegui realizar ao longo do tempo de experiência como coordenadora, especialmente do Núcleo de Gênero e Diversidade de Belo Jardim, foram os atritos entre os corpos dissidentes e a própria norma educativa.

Então, por isso que eu gosto de destacar essa temática, que, para mim, ela é extremamente fortalecida pela existência dos núcleos. Esse atrito entre os corpos dissidentes e a norma educativa gera a possibilidade da crítica e de uma inovação dentro do campo pedagógico. Isso eu noto como uma experiência muito importante para se pensar uma nova arquitetura institucional, uma nova arquitetura educativa.

Trata-se de um movimento que produz uma necessária desestabilização e leva a mudanças institucionais. Penso que leva também a mudanças particulares, que leva também a experiências particulares, subjetivas, individuais, por que não, muito significativas. Então, há, sim, uma potência muito significativa para

que as pessoas se encontrem e, em reunião, estabeleçam novos movimentos políticos.

Por fim, a experiência de estar, performar, contribuir com a elaboração dos núcleos de gênero me fazem pensar em como as instituições educacionais muitas vezes retroalimentam ficções somáticas.

E como é importante espaços como os núcleos de gênero-diversidade, como é importante a reunião de pessoas das mais diversas dentro de um espaço educativo com essas características para a gente conseguir, de fato, construir uma novidade pedagógica, construir uma novidade educacional, uma novidade institucional.

Não há como a gente esgotar, numa conversa rápida, todos os elementos que estão ali produzindo novas identidades a partir desse espaço pedagógico, que é o núcleo de gênero-diversidade.

Mas é muito importante a gente ter esse espaço formativo sempre sendo colocado em questão, em debate, para a gente ter em mente e ter uma maior facilidade de perceber as suas contribuições para gerar potencialidades políticas inovadoras, emancipação, em novas formas de imaginação pedagógica.

Agradeço a oportunidade. Um abraço a todos, todas e todes.

Muito obrigada, professora Natália da Mata, pela excelente contribuição e participação nesse nosso *podcast*. Eu e a minha orientadora agradecemos imensamente. Um grande abraço.

Nas duas faces de Eva A Bela e a Fera (Lee, 1982).

5.3.3 *Podcast* – Episódio 03, com a estudante Mariá Holanda Lima: IFPE, Campus Recife

Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta [...] (Nascimento, 1978).

E nesse momento apresentamos e desde já agradecemos a participação da estudante Mariá Lima, do quarto período do curso de Ensino Médio Integrado em Segurança do Trabalho do *Campus Recife*, que desde o seu primeiro período está vinculada e participa dos projetos e outras atividades ligadas ao Neged. Ela também é uma das participantes da nossa pesquisa e quem vem colaborar com a sua experiência no Neged. É com você, Mariá.

Olá, me chamo Mariá de Holanda, sou estudante do Instituto Federal e faço o curso Técnico Integrado em Segurança do Trabalho.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer esse convite especial à mestrandia Aparecida Cruz e a sua orientadora, Professora Dr^a Bernardina Sousa, do IFPE, para que eu possa participar um pouquinho nesse *podcast*, chamado Empoderamento Feminino em Discussão. Empoderamento Feminino sempre foi um termo presente na minha vida. As discussões começaram a ficar muito mais fortes para mim quando eu era do Fundamental 1 até o Fundamental 2, onde eu criei uma base muito forte sobre esse tema.

Eu tive o privilégio de ser estudante de um colégio construtivista, onde desde o princípio nós, alunos, éramos orientados a sempre pensar criticamente sobre a sociedade. Então, a gente não só sabia resolver as questões de matemática, mas a gente também sabia questioná-las, a gente também sabia levantar discussões sobre diversos temas que são presentes na nossa sociedade, e entre eles, de racismo, xenofobia, estava o Empoderamento Feminino. Eu tive a sorte de ter conhecimento ao longo do meu Fundamental sobre diversas cientistas mulheres e de pensar e entender que eu também poderia ser cientista se eu quisesse.

Coincidentemente, eu me tornei aluna do Instituto Federal, que é conhecido por ser um colégio técnico e científico. Então, eu adentrei o Instituto Federal no primeiro semestre como aluna de edificações, mas ao passo que eu fui conhecendo um pouquinho das matérias técnicas, eu me vi bastante em segurança do trabalho. Como eu faço curso integrado, eu também tive contato com professores de história, de português, de sociologia e principalmente de filosofia.

Eu gostaria de mencionar a minha professora, chamada Fernanda Celle, que no meu primeiro período me fez um convite muito especial. Esse convite veio a mim e a mais duas colegas, onde ela chamava a gente para a gente fazer parte de um núcleo de estudos de diversidade de gênero que estava sendo reativado lá no Instituto Federal. O Neged, ela explicou para a gente lá no primeiro período, que tinha dado uma baixa no número de estudantes que eram participantes desse núcleo de estudos.

E ela explicou que a pandemia dificultou muito, né? O modelo virtual realmente prejudicou o encontro, onde faziam diversas discussões sobre livros e artigos, enfim. O grupo de estudos era realmente um grupo bastante ativo no Instituto Federal e que por causa da pandemia isso tinha ficado um pouco de segundo plano. Quando ela chamou a gente, a gente se animou logo, né? Eu principalmente, porque eu tive o prazer de poder finalmente voltar a ter essa veia ativa na voz das mulheres.

E aí a gente mexeu no Instagram, a gente fomentou diversas discussões e eu lembro que a gente falou um pouco sobre interseccionalidade. É um termo muito novo no estudo sociológico, né? Mas é um termo muito interessante para a gente entender questões como Empoderamento Feminino também. A interseccionalidade, ela explica para a gente que as coisas não são divididas nas caixinhas, né? Então, por exemplo, uma mulher preta, pobre, periférica, ela não vai estar na mesma caixa de discussão de uma mulher branca com seus privilégios.

Então, assim, eu pude ampliar muito mais a minha ideia de Empoderamento Feminino e todas as teorias que eu já tinha dentro de mim. Pude também discutir isso, por exemplo, num jantar de família. Eu tenho a sorte também de ter uma família de mulheres muito fortes e de mulheres que por toda a sua história lutaram bastante.

Minha mãe, por exemplo, foi uma das pioneiras na ideia de colocar a mim e a minha irmã num colégio construtivista, onde a gente poderia ter esse contato que ela teve a partir da minha avó, com esse tipo de discussão. Então, minha mãe sempre participou muito dos projetos que a gente fazia no Neged. Ela sempre via e sempre participava de alguns debates que eu levantava aqui no jantar de casa sobre o grupo de estudos, sobre os livros e artigos que a gente estava lendo.

E, com muita sorte, mas trabalho e dedicação, nós, discentes e docentes que fazemos parte do Neged, a gente conseguiu alcançar muitos estudantes. A SNCT, por exemplo, ela agora não era só mais uma feira científica, onde os

professores de história, de, enfim, as ciências da natureza, as ciências exatas iriam colocar seus trabalhos, mas também um momento onde o Neged se fez muito presente. E a gente conseguiu atingir diversos estudantes e poder falar sobre Empoderamento Feminino.

Eu sei que a grande maioria das pessoas que levantam essas discussões importantíssimas no Neged são mulheres e são mulheres científicas... cientistas, desculpa, são mulheres que sempre passaram por dificuldade, por exemplo, na área que escolheram. Então, a gente sabe que a mecânica é majoritariamente uma área masculina e essas mulheres estão lá e estão, pelo fato de estarem presentes nesse curso, que é um curso majoritariamente masculino, elas já se mostram bastante fortes. E o Neged pode vir como esse apoio a essas mulheres, a essas mulheres cientistas que, assim como eu, entraram no IFPE com o sonho.

Então, eu espero que... agora eu estou um pouco afastada do Neged, mas eu espero que a gente consiga políticas públicas, aí, pela frente que possam fazer com que a gente fomente cada vez mais esse projeto e nunca deixe ele ser apagado, porque ele é importantíssimo para a história do IFPE e para a atualidade das mulheres cientistas que estudam nesse Instituto Federal.

5.3.4 Conclusão e agradecimentos

Nosso muito obrigada à estudante Mariá Lima, pela sua excelente contribuição e participação nesse nosso *podcast*. Eu e minha orientadora, Bernardina, agradecemos imensamente.

Um grande abraço, Mariá. Muito obrigada à professora Natália da Mata, à professora Sandra Gomes, à estudante Mariá Lima e toda a equipe do projeto Malungo Lab, através do professor Dimas Veras e seus alunos e alunas, pela excelente contribuição e participação de cada um de vocês em nosso *podcast*: Empoderamento Feminino em Discussão. Eu e minha orientadora agradecemos imensamente.

Um grande abraço e o nosso muito obrigado.

5.4 GLOSSÁRIO DOS TERMOS APRESENTADOS NO *PODCAST*

Nesta seção, apresentamos um glossário dos termos elencados por nossas entrevistadas durante as nossas conversas no *podcast*.

Autodeterminação política²⁹: O princípio da autodeterminação dos povos é um princípio de Direito Internacional que procura assegurar a independência, a

liberdade e o direito de organização própria dos povos. Visa proteger o direito dos povos de determinar o seu sistema de governo, organização econômica e sociocultural.

²⁹ Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/principio-autodeterminacao>. Acesso em 20 nov. 2024.

Cis heteronormatividade³⁰: A cis heteronormatividade prevê uma sociedade em que predomina a norma de que os corpos são cis gênero e heterossexuais, colaborando para manutenção de violências que são nossas velhas conhecidas como machismo, sexismo e patriarcado.

Corpo como historicidade³¹: A história da nossa sociedade está no nosso corpo, nos comportamentos, símbolos corporais, na nossa saúde, na forma como nosso Corpo se expressa, ele traz representações de aspectos estruturais da nossa vida coletiva, é muito importante entender o corpo na sua totalidade.

Corpo como território³²: práticas sociais densas de espacialidade, isto é, as práticas espaciais destes sujeitos, revela o medo contido a partir de diferentes imposições, ocupam, disputam e produzem o campo e a cidade a partir das relações dialógicas estabelecidas por meio de suas práticas sexuais e comportamentais.

Empoderamento a potencialização de aspectos políticos para a diversidade³³: Trata-se de abordagem histórica e

conceitual do processo de empoderamento, tomando-o como elemento relevante à compreensão das possibilidades e dos limites na promoção da participação social e política. Termo multifacetado que se apresenta como um processo dinâmico, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e condutuais.

Empoderamento Feminino³⁴: no contexto dos movimentos feministas, refere-se ao processo de conquistar poder, autonomia e controle sobre a própria vida e decisões, especialmente para mulheres que historicamente foram marginalizadas, oprimidas ou subjugadas. Esse conceito é multifacetado e envolve tanto uma transformação individual quanto coletiva, abordando questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

Estrutura normativa³⁵: consiste em uma prática social que estabelece que as normas que satisfaçam certas condições são válidas. Cada sistema normativo tem sua própria regra de reconhecimento, seu conteúdo varia e é uma questão empírica.

Feminismo³⁶: O feminismo é um

³⁰ Disponível em: <https://manamiga.pt/comunidade/o-que-e-cisgeneridade-e-heteronormatividade/> Acesso em 20 nov. 2024.

³¹ Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br> Acesso em 20 nov. 2024.

³² Disponível em: <https://editorarealize.com.br/anais/enanpege> Acesso em 20 nov. 2024.

³³ Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S010412902009000400016> Acesso em 20 nov. 2024.

³⁴ Disponível em:

<https://www.politize.com.br/empoderamento-feminismo> Acesso em 20 nov. 2024.

³⁵ Disponível em: <https://www.cidp.pt/revistas/ridb> Acesso em 20 nov. 2024.

³⁶ Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo/> Acesso em 20 nov. 2024.

movimento que luta pela igualdade social de direitos para as mulheres e busca combater o modelo social baseado no patriarcado e os abusos e a violência contra as mulheres.

Foucaultiana³⁷ Foucault nos situa no contexto de uma sociedade marcada pela constituição de múltiplos discursos sobre o sexo e acerca de elementos e categorias que a ele se entrelaçam. O filósofo afirma que, diante das contínuas transformações ocorridas durante os últimos séculos, a humanidade presenciou uma verdadeira explosão discursiva em torno do sexo, caracterizada pela decomposição de uma relativa unidade, que deu lugar a discursividades distintas.

LGBT³⁸: O movimento político e social de luta pelos direitos das pessoas de orientação sexual ou identidade de gênero não prestigiadas socialmente sofreu inúmeras transformações ao longo do tempo. A antiga sigla GLS (que englobava gays, lésbicas e simpatizantes) deixou de ser utilizada, sendo substituída pela expressão LGBT. E com a posterior inclusão de outras representações, a sigla cresceu e hoje incorpora novas letras carregadas de

significado e importância para o movimento.

LGBTQIAPN+³⁹: Ultimamente a sigla mais usada para se referir à comunidade é que contempla boa parte da diversidade de gêneros, identidades e orientações sexuais que compõem o grupo — entre eles: há lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais. Para cada letra, há histórias de lutas.

Lógica Patriarcal⁴⁰: Refere-se a um sistema de pensamento e organização social baseado em uma estrutura de poder desigual, onde os homens, especialmente os homens cisgêneros e brancos, detêm o poder e a autoridade, enquanto as mulheres e outras identidades de gênero marginalizadas são subordinadas ou oprimidas. Essa lógica patriarcal não se manifesta apenas em ações ou comportamentos explícitos de dominação, mas também está enraizada em normas sociais, culturais e políticas que perpetuam desigualdades de gênero.

Meritocracia⁴¹: É um sistema social no qual a hierarquia é baseada no merecimento e esforço, em que a mobilidade e ascensão está diretamente

³⁷ Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/262> Acesso em 20 nov. 2024.

³⁸ Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597276/2/GUIA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20DAS%20PESSOAS%20LGBTQIA%2B.pdf> Acesso em 20 nov. 2024.

³⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/> Acesso em 20 nov. 2024.

⁴⁰ Disponível em: <https://chatgpt.com/> Acesso em 20 nov. 2024.

⁴¹ Disponível em: <https://www.politize.com.br/meritocracia/> Acesso em 20 nov. 2024.

relacionada ao **desempenho individual, invisibilizando e negando os esforços coletivos (grifo nosso)**

Mulheres trans⁴²: Transexuais, a mais popular entre elas, são pessoas que possuem o gênero oposto ao designado pelo seu sexo biológico. Pessoas do sexo masculino que se identificam, experimentam e vivenciam o gênero feminino, são denominadas mulheres trans. O oposto são os homens trans.

Mulheridade⁴³ descreve a qualidade de gênero mulher. Podendo ser cis, trans ou pertencente a outra modalidade de gênero. O sexo ou a corporeidade de uma mulher pode ser mulheriane ou não (no caso de intersexo ou wolffiane). Wolffian ou wolfian é um termo alternativo às categorias "sexo masculino", "homem biológico" e "macho" como sexo fenotípico (alternativamente genotípico/gené ...).

Não binária⁴⁴: Basicamente, se refere a pessoas que não se identificam nem 100% como homem, nem 100% como mulher. Nesse debate, o processo de empoderamento é apresentado a partir de dimensões da vida social em três níveis: psicológica ou individual; grupal ou

organizacional; e estrutural ou política. O empoderamento pessoal possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e da liberdade. O nível grupal desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade. O empoderamento estrutural favorece e viabiliza o engajamento, a corresponsabilização e a participação social na perspectiva da cidadania.

Performatividade⁴⁵: é o que permite e obriga o sujeito a se constituir enquanto tal. A partir deste ponto, o debate sobre o ato de fala como um ato corporal leva aos problemas da identidade.

Performatividade⁴⁶: é o que permite e obriga o sujeito a se constituir enquanto tal. A partir deste ponto, o debate sobre o ato de fala como um ato corporal leva aos problemas da identidade.

Regimentos institucionais⁴⁷ As regras institucionais definem recursos importantes nas mãos do Poder Executivo, os quais servem como mecanismo de controle sobre o processo decisório da instituição.

Sexismo⁴⁸: discriminação de pessoas ou de

⁴² Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/transgeneros/> Acesso em 20 nov. 2024.

⁴³ Disponível em: <https://diversidades.fandom.com/pt-br/wiki/Mulheridade> Acesso em 20 nov. 2024.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br> Acesso 30 de dezembro 2024

⁴⁵ Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102->

44502007000100001 Acesso em 20 nov. 2024.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.scielo.br/delta> Acesso em 20 nov. 2024.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.teses.usp.br> Acesso em 20 nov. 2024.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sexismo> Acesso em 20 nov. 2024.

grupos de pessoas de determinado sexo, feita com base em noções de superioridade de um sexo sobre o outro (geralmente do masculino sobre o feminino); tendência para associar determinados comportamentos, capacidades e/ou papéis sociais convencionais a cada um dos sexos

Transexual/Transgênero⁴⁹: - Pessoa que nasce com o sexo biológico diferente do gênero com que se reconhece. Essas pessoas desejam ser reconhecidas pelo gênero com o qual se identificam. Vale lembrar que o que

determina se uma pessoa é transexual é a identidade, independente da realização de qualquer processo cirúrgico. / Termo genérico que engloba qualquer pessoa que se identifique com o gênero diferente do sexo de nascimento.

Travesti⁵⁰: Trata-se de uma construção de gênero feminino oposta ao sexo designado no nascimento, seguida de uma construção física, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal por meio dessa identidade.

⁴⁹Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597276/2/GUIA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20DAS%20PESSOAS%20LGBTQIA%2B.pdf>
Acesso em 20 nov. 2024.

⁵⁰Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597276/2/GUIA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20DAS%20PESSOAS%20LGBTQIA%2B.pdf>
Acesso em 20 nov. 2024.

6 DIÁLOGOS COM AS NARRATIVIDADES

6.1 O PROCESSO, O CONTEXTO E AS PARTICIPANTES

Inicialmente, os dados coletados foram organizados em quadros, na direção da pré-análise, seguindo a ordem: categoria da entrevistada (administrativos, docentes, estudantes regulares, estudantes egressos, estudantes não vinculados ao Neged/IFPE); roteiro de questões, disposto, num questionário, com questões versando sobre: 1) a existência do Neged no *campus*; 2) a importância do Neged na Instituição; 3) como e por que se integrou ao Neged; 4) sobre a existência de atividade especificamente voltadas às mulheres; 5) o que se entende por Empoderamento Feminino; 6) sobre a existência de atividades curriculares ou extracurriculares desenvolvidas na instituição que favoreçam o Empoderamento Feminino; 7) sobre se a participação da pessoa no Neged a fez se sentir mais empoderada; e 8) apontar aspectos da experiência que não foram apontados no trabalho.

Orientada pela técnica da análise narrativa, a organização dos dados nos quadros de pré-análise, facilitou o rito de passagem à fase seguinte, denominada Exploração da matéria, fase esta notabilizada pelas etapas de codificação e categorização do material. Desse modo, fez-se o recorte das unidades de registro e de contexto, regra de contagem e categorização. Optou-se para que as unidades de registro fossem definidas por temáticas, desta forma, derivadas as unidades de contexto, conforme exposição no Quadro 15 a seguir, pensadas a partir dos núcleos de sentido, relacionadas a objetivos propostos. Nos quadros expostos a seguir estão informações que circulam em torno da inserção das entrevistadas no Neged e suas concepções à dinâmica e relevância do Neged no IFPE.

Quadro 15 - Unidades de contexto por categoria: concepção e inserção no Neged (continua)

Unidade de Contexto (técnicas administrativos)	Unidade de Contexto (docentes)	Unidade de Contexto (estudantes regulares, participante do Neged)	Unidade de Contexto (estudantes egressas)
Lugar de Sensibilização para a igualdade.	Ponto de encontro para debates, busca por soluções de problemas, referência para assuntos pertinentes à temática do grupo.	Divulgação feita por um professor, em sala de aula.	Lugar de participação.
Participação no movimento estudantil, aproximação com o feminismo; desenvolvi, no mestrado, estudos sobre a experiência travesti na escola.	Afinidade com a temática por ser lésbica, crença no combate ao machismo, a LGBTfobia e no ambiente escolar.	Através de indicações de professores e aspiração pessoal de debater os assuntos de gênero e diversidade.	Convite formulado pela coordenadora do Núcleo.

Quadro 15 - Unidades de contexto por categoria: concepção e inserção no Neged (conclusão)

Unidade de Contexto (técnicas administrativos)	Unidade de Contexto (docentes)	Unidade de Contexto (estudantes regulares, participante do Neged)	Unidade de Contexto (estudantes egressas)
Inserção no movimento estudantil, aproximação com o feminismo; realização da pesquisa de mestrado sobre a experiência travesti na escola.	Orientação de trabalho acadêmico em torno de mulheres públicas que sofriam Fake News.	Espaço acolhedor e inclusivo, ambiente confortável para discutir questões relacionadas a gênero e diversidade. Fortalecimento da conexão com a comunidade acadêmica, motivação a ser uma agente de mudança dentro e fora da instituição.	Sem resposta.
Aceitou convite de colegas e chefia (TA).	Põe em debate questões sensíveis à comunidade acadêmica, como gênero e diversidade.	Sem resposta.	Sem resposta.
Identifico-me com o trabalho de Empoderamento Feminino.	Identificar-se com o trabalho de Empoderamento Feminino.	Sem resposta	Sem resposta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Atendendo às questões 2 e 3 do segundo questionário, aplicado com todas as categorias participantes do Neged IFPE, no que se refere aos significados atribuídos ao Neged, oferecem-se os seguintes destaques:

Quadro 16 – Unidades de contexto por categoria: dinâmica e relevância do Neged

Unidade de Registro 2 – Entendimentos acerca da dinâmica e relevância do NEGED no IFPE			
Unidade de Contexto (técnicas administrativas)	Unidade de Contexto (docentes)	Unidade de Contexto (estudantes regulares)	Unidade de contexto (estudantes egressas)
Construir uma visão crítica a respeito das questões de gênero e de diversidade sexual.	Apontar à formação da Comissão de combate ao assédio. Criação de um grupo de estudos on line.	Fomentar a democratização de estudos, debates e reflexões sobre gênero e diversidade.	Planejar e executar E promover as ações relacionadas às temáticas de gênero e diversidade.
	Organizar eventos e atividades que focam na temática de gênero.		Proporcionar a formação de uma consciência crítica acerca dessas relações. Contribui para a construção de um ambiente mais inclusivo e igualitário.
Proporcionar visibilidade e organização política para as mulheres e para as pessoas LGBTQIAPN +	Fomentar à elaboração de um programa de combate ao assédio sexual e as violências de gênero.	Discute pautas sociais e relacionadas a Direitos e representatividade diversa, com foco na luta a favor de minorias sociais ou de maiorias minorizadas.	Garantir a ampliação do debate, troca de conhecimentos, de vivências, socialização de preocupações comuns, entre outras ações que são induzidas pela movimentação do Neged.
Fomentar a visão crítica a respeito das questões de gênero e de diversidade sexual; contribuir para a melhoria do ambiente educacional e laboral; favorecer a inclusão.		Aumentar o pensamento crítico dos sobre gênero e diversidade de preconceito. Falar sobre assédio e preconceito sofridos no campus.	Desenvolver a habilidade de análise crítica nos alunos acerca de questões relacionadas as diversidades em geral (gênero, orientação sexual, raça, etc.).

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

As narrativas das mulheres participantes anunciam nas entrelinhas verdades ocultas que agora serão reveladas sobre o Empoderamento Feminino e ações que são realizadas nos

espaços formativos, para que ele possa ir sendo materializado na prática. Por isso, salientando, portanto, que a ação do Empoderamento Feminino é uma ação eminentemente política, bem como, social, econômica, cultural e, sobretudo, emocional. Na maioria das vezes, emerge na sua própria trajetória de vida, na pele rasgada, na dor das violências vividas, assistidas, dissimuladas, silenciadas, quebrar a naturalidade desse processo, imposto pelo patriarcado e pelo fascismo, e desejar se inscrever individual e coletivamente noutra performance. Por isso, nessa ruptura com o estabelecido, pode-se desenhar a essência do empoderamento, está na dimensão existencial de cada ser mulher, mormente quando ela tem autoconfiança, autonomia, consciência de si, de seu lugar no mundo e ainda mais, a consciência de ser mulher, que não é fácil ocupar tantos papéis para poder ser percebida na esfera social. Eis o excerto do que as mulheres participantes destacaram na ocasião das respostas ao questionário, acerca dos sentidos atribuídos ao Empoderamento Feminino, a partir das suas experiências, ilustrado no Quadro 17:

Quadro 17 – Recortes sobre Empoderamento Feminino (continua)

Codinome/categoria representada	Sentido atribuídos ao Empoderamento Feminino
Simone de Beauvoir Categoria: técnicas administrativas - Ent. 1	Fortalecimento da identidade mulher . Muitas vezes apropriado pelas empresas de marketing, sem o questionamento das desigualdades, divisão sexual do trabalho ou modo de produção capitalista.
Nísia Floresta Categoria: técnicas administrativas - Ent. 2	Como organização política de Mulheres pelo reconhecimento das suas necessidades e pela igualdade de direitos e oportunidades, que fortalece as mulheres de forma individual e universal. O empoderamento precisa ultrapassar o âmbito individual e contribuir para a emancipação real de todas as mulheres.
Judith Butler Categoria: técnicas administrativas - Ent. 3	Autoconfiança; reconhecimento da força e poder que uma pessoa tem em busca de sua própria autonomia.
Malala Categoria: docentes - Ent. 1	A tomada de consciência das pessoas subalternizadas pelo machismo e pelo patriarcado que, no seguinte passo, promovem sua "micro-revolução" política e identitária, compreendendo a importância da luta coletiva para a emancipação das diferenças.
bell hooks Categoria: docentes - Ent. 2	Penso que o Empoderamento Feminino envolve uma tomada de consciência sobre os processos e violências pelos quais somos atravessadas como mulheres . Através da racionalização de determinados comportamentos naturalizados, conseguimos compreender porquê e como chegamos aqui (tanto nos aspectos positivos quanto negativos). Deriva disso um fortalecimento de quem somos e uma ressignificação sobre o feminino.
Pagu Categoria: docentes - Ent. 3	A tomada de consciência, por parte das mulheres, de sua capacidade de deixar espaços de submissão e ocupar espaços de poder , e a efetivação dessa capacidade nas práticas sociais.
Djamila Ribeiro Categoria estudante regular não participantes do Neged - Ent. 1	Entendo que é um movimento, iniciado por mulheres, que busca promover a equidade de gênero . Antigamente mulheres eram consideradas inferiores em relação aos homens, não poderia estudar, ler, escrever e nem mesmo votar. Eram designados aos afazeres de casa e o cuidado dos filhos. Então, o Empoderamento Feminino busca uma maior participação da mulher na sociedade.
Angela Davis Categoria: estudantes regulares não participantes do Neged - Ent. 2	Pra mim Empoderamento Feminino é o conhecimento sobre nossa história , nossa luta e nossas ferramentas para uma sociedade com mais equidade. Conhecimento é empoderamento, por que que as mulheres demoraram a poder estudar e ir para a escola? Porque os homens brancos do poder tinham medo do nosso conhecimento, porque com conhecimento, poderíamos entender as nossas ferramentas para lutar pelos nossos direitos e mudar a sociedade, e eles não queriam isso porque estavam confortáveis na sociedade patriarcal. E o conhecimento vem de várias formas, é adquirir conhecimento, para com ele, transformar em um ato político. [...] Empoderamento Feminino é conhecer toda a luta que fizemos para chegarmos até aqui, e tudo que podemos fazer, é não abaixar a cabeça para ninguém, e entender que sem luta nada muda.
Maryelle Franco Categoria: estudantes regulares participantes do Neged - Ent. 1	Na minha concepção, o Empoderamento Feminino se trata de mostrar as mulheres a sua capacidade e seu lugar no mundo , provar que elas são capazes de estarem na posição que quiserem, que suas opiniões e vontades são válidas, que elas não são menos ou merecem menos que os homens, etc. É um conceito bem amplo.

Quadro 17 – Recortes sobre Empoderamento Feminino (conclusão)

Codinome/categoria representada	Sentido atribuídos ao Empoderamento Feminino
Fernanda Montenegro Categoria: estudantes regulares participantes do Neged - Ent. 2	Um termo que foi bastante banalizado e que, dependendo do contexto, pode vir a ter intenções e interpretações diversas . O Empoderamento Feminino está atrelado à luta, é a reivindicação da liberdade. É o direito de uma mulher ir e vir fazer o quiser, mas, além disso, é também a conquista de direitos. Hoje, a ideia de Empoderamento Feminino foi roubada pelo liberalismo, que esvaziou seu conceito e profundidade. É o direito de ter independência financeira, de ter salário e cargos iguais aos homens e à altura, de ter acesso à moradia, segurança, educação e, principalmente, à saúde de qualidade (o direito mais precário quando se fala de liberdade de escolha feminina).
Clarice Lispecto: Categoria: estudantes regulares participante do Neged - Ent. 3	O Empoderamento Feminino está atrelado à luta, é a reivindicação da liberdade. É o direito de uma mulher ir e vir, fazer o quiser, mas, além disso, é também a conquista de direitos. Hoje, a ideia de Empoderamento Feminino foi roubada pelo liberalismo, que esvaziou seu conceito e profundidade. É o direito de ter independência financeira, de ter salário e cargos iguais aos homens e à altura, de ter acesso à moradia, segurança, educação e, principalmente, à saúde de qualidade (o direito mais precário quando se fala de liberdade de escolha feminina).
Suely Carneiro Categoria: estudantes egressas - Ent. 1	O Empoderamento Feminino refere-se ao fortalecimento das mulheres , tanto individual quanto coletivamente, para que possam assumir o controle de suas vidas, tomar decisões autônomas e participar ativamente em diversos aspectos da sociedade. Esse conceito abrange o acesso igualitário a oportunidades, recursos, educação, e o reconhecimento do valor e das habilidades das mulheres. O Empoderamento Feminino vai além da igualdade de gênero e busca desafiar e superar as normas e estereótipos de gênero que historicamente limitaram o papel das mulheres em muitas sociedades. Inclui promoção da autoconfiança, da autoestima e da capacidade de liderança das mulheres. Além disso, envolve o apoio às mulheres em suas escolhas profissionais, sociais e pessoais, sem restrições baseadas no gênero. Esforços para o Empoderamento Feminino visam criar uma sociedade mais justa e equitativa, reconhecendo que o progresso e o desenvolvimento são maximizados quando todas as pessoas, independentemente do gênero, têm igualdade de oportunidades e participação plena na tomada de decisões .
Lilia González Categoria: estudantes egressas - Ent. 2	Entendo o Empoderamento Feminino como um movimento social, político, econômico e cultural . É impossível não envolver todas essas esferas quando tratamos de tal fenômeno, visto que ele, muitas vezes, não é discutido nos mais diversos ambientes. A partir do momento em que se começa a debater sobre o assunto, a buscar referências empoderadas , a refletir sobre os tabus criados que criam entraves no caminho da ascensão desse empoderamento, é possível observar uma transformação de pensamento, de atitudes e de mentalidade.
Leolinda Daltro Categoria: estudantes egressas - Ent. 3	É uma prática que envolve a conscientização de mulheres para que as mesmas compreendam o seu lugar e a importância da sua representação na sociedade. Além disso, é importante que as mesmas reconheçam quando ações ou pessoas desejam diminuir essa autonomia, que foi conquistada por nossas ancestrais a preço de muita violência.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

O desdobramento enunciativo em torno do Empoderamento Feminino revela a sua plurissignificância, ao mesmo tempo que, tal como está posto, é também um posicionamento político.

Vamos situá-lo enquanto um movimento social que promove toda uma revolução na história da humanidade com a presença autêntica da mulher na luta pela condição primeira, a de existir. Isso mesmo, ser mulher, sem ser a filha de seu fulano, sem ser esposa de sicrano ou sem ser a neta de seu beltrano, pois, mormente na história, a figura feminina só era enxergada ancorada ao ser do masculino. Ainda hoje, persiste na nossa sociedade machista, patriarcalista e classista a invisibilidade da mulher, quando ela é apresentada em uma roda social como a esposa de sicrano ou casada com beltrano. Portanto, anunciamos que na história a mulher vem quebrando os grilhões da história única e narrando outras, como protagonistas heroínas de suas próprias vidas, escolhas, decisões, vivências e experiências. Por isso, adentramos a camada da

prática social do discurso, posto pelas mulheres colaboradoras que nos permitiram estratificar o desdobramento enunciativo sobre o Empoderamento Feminino desta forma.

De um conjunto de respostas dadas aos questionários, envolvendo concepções ou significados atribuídos ao tema Empoderamento Feminino, foram destacadas as seguintes unidades semânticas, dispostas no Quadro 18.

Quadro 18 – Unidades semânticas das respostas advindas do questionário

Identidade de mulher
Organização política de mulher
Autoconfiança e autonomia
Luta coletiva
Consciência e fortalecimento de si
Ocupar espaços de poder
Equidade de gênero
Conhecimento da nossa história
Fortalecimento da mulher
Lugar no mundo
Movimento social
Conscientização das mulheres
Banalizado (a depender do contexto, pode vir a ter intenções e interpretações diversas)
Liberdade de escolha feminina

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Conforme podemos constatar nas respostas dadas, o entendimento sobre Empoderamento Feminino acarreta várias concepções, sobre as quais iremos fazer uma abordagem não aprofundada, mas necessária à compreensão sobre os desdobramentos que suscita o enunciado Empoderamento Feminino. Inicialmente, o entendimento sobre a identidade de mulher: na história da humanidade, a identidade da mulher era concebida pelo crivo da masculinidade, pois em “A Identidade da Mulher na Modernidade”, de autoria de Josênia Vieira, está posto que “o sexo masculino é responsável direto pela formação discursiva da identidade da mulher” (Vieira, 2005, p. 235).

Diante do exposto, torna-se importante desconstruir a identidade da mulher pelo olhar masculino, haja vista que não podemos perder de vista a necessidade de refundamentar a identidade feminina pela ótica do movimento feminista, conforme é apontado por Stuart Hall, sobre “A identidade Cultural na pós-modernidade”, sobre a identidade ser constante em seu vir a ser, pois não é algo estático, mas sim em construção, ou seja, a mulher precisa constantemente ir refundamentando a sua identidade (Hall, 2006, p. 15). Neste sentido, a mulher continua constituindo-se em múltiplas facetas, sem perder sua principal fonte de identificação que é a maternidade (Beauvoir, 1949/1960; Rocha-Coutinho, 1994; 2000). Isso é evidente, inclusive,

nos ditos populares. Quando se pergunta: ‘tens filho?’, é como se a legitimidade do ser mulher estivesse impregnada no ato de ser mãe. Por isso, não conseguimos esgotar a essência de ser mulher.

Como já foi tratado sobre o feminismo, vimos que toda a luta da mulher se deu no movimento organizativo da categoria ser mulher, por isso que a organização política da mulher é crucial pela luta dos direitos humanos inerentes ao ser mulher. Assim, destacamos que todo movimento de luta realizado pelas mulheres foi e é em prol da ocupação dos lugares de poder que a sociedade sempre delegou ao homem. Daí, a primeira ação contra-hegemônica das mulheres foi a luta pela conquista ao direito de votar. Ademais, as lutas não pararam por aí, ao longo da história da mulher, muitas pautas foram erguidas em prol dos direitos das mulheres, por isso que é no coletivo que a luta se fortalece. Deste modo, salientamos que:

O II Plano Nacional de Políticas para Mulheres (II PNPM) é resultado da mobilização de quase 200 mil brasileiras que participaram, em todo o País, das Conferências Municipais e Estaduais, e elegeram 2.700 delegadas à II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (II CNPM), realizada em agosto de 2007. O II PNPM expressa a vontade política do Governo Federal em reverter o padrão de desigualdade entre homens e mulheres em nosso País (IPEA, 2024, p. 2).

Neste caso, convém compreender a luta pelos direitos, tal como está preconizado no Plano referendado, em prol do combate das desigualdades sociais entre os homens e a mulheres que ainda hoje se mantém na sociedade. Por isso que ações como Conferências são necessárias para que as mulheres unidas possam lutar pelas causas inerentes a sua condição existencial, inclusive superar todas as desigualdades de gênero que se espraiam historicamente no cenário brasileiro.

É importante salientar que é no coletivo que as mudanças comportamentais vão sendo redefinidas por meio da formação e tomada de consciência do ser mais, por isso que a autoconfiança e a autonomia das mulheres são conquistas também dos processos formativos inerentes aos espaços que fomentam a discussão sobre desigualdades de gênero, pautando, assim, a força da mulher, que não se trata de força física ou bruta, mas da força inerente à resiliência, à persistência e à superação de todos os estigmas e rótulos que a cultura patriarcal por muito tempo impregnou nos arranjos familiares, por isso que há autoconfiança e autonomia da mulher em ser o que ela quiser, sem estar ancorada na figura masculina.

Destaca-se, nesses diálogos entre o campo empírico e o teórico ou literário, que se torna importante que as mulheres sejam suas próprias leis, ou seja, fazer valer o que está posto por Cattani (1997), ao anunciar que a “condição de o sujeito determina-se por si mesmo, segundo suas próprias leis” (2011, p. 27). Deste modo, o comportamento feminino é inerente a

esta posição, reger as leis de sua existência humana. Assim, destaca-se a dimensão distinta ente lei e liberdade que coaduna com a autoconfiança e autonomia de a mulher gerenciar sua própria vida:

Para que lei e liberdade possam estar associadas, é necessário distinguirem-se as boas leis das más. As primeiras são estabelecidas pelos e para os sujeitos livres; as segundas são o meio de opressão dos fortes sobre os fracos. A autonomia aparece, então, não como a capacidade de se agir segundo a lei, mas de se definir a própria lei (Cattani, 1997, p. 27).

Portanto, os movimentos de mulheres devem definir a própria lei para que possam ser contempladas em todas as suas dimensões existenciais, isso legitima a autonomia e a autoconfiança que nós mulheres temos quando, sobretudo, estamos no coletivo. Por isso que comungamos da assertiva de que a autonomia está compreendida como:

[...] a possibilidade de autodeterminação do indivíduo para organizar seu trabalho, definindo os propósitos e agindo em consequência deles, como a capacidade de gerarrenda e de decidir a forma como ela será utilizada, para gastos próprios ou não (Fernandes; Mota, 2014, p. 10).

Neste sentido, a autonomia aqui está acionada com a dimensão econômica das mulheres, pois sabemos que muitas vezes os maiores empecilhos para sua liberdade é justamente a dependência econômica, pois:

Essa repercussão permite antever que a autonomia das mulheres é vista como surgimento de um “fenômeno anormal”, mas, sobretudo revela que o sistema de trocas matrimoniais, em seu conjunto, está sofrendo uma transformação profunda e que é preciso identificar as suas causas essenciais (Cândido, 2009, p. 100).

Desta forma, a dependência econômica priva sua autonomia, autoestima e autoconfiança, por isso que o Empoderamento Feminino faz nos Negeds todo um trabalho de permear o florescer das mulheres, para que elas saiam de determinadas realidades opressoras e castradoras do processo de ser mulher, live, independente e feliz.

Como já fora salientado, a importância da coletividade é para que as mulheres possam ir tomando consciência de si. A luta é coletiva, sim, pois o fortalecimento de si se alinha com a superação da invisibilidade que, historicamente, negou a presença das mulheres, pois o fortalecimento da mulher só pode acontecer quando em movimento a luta vai reposicionando as mulheres em seus papéis sociais. Por isso que o movimento feminista e movimentos da mulher como um todo permeiam a tomada de consciência das mulheres e de seus respectivos papéis, que não são apenas os de ser mãe, casar e ser bela, recatada e do lar, mas é ser mulher livre, independente e autônoma de suas vontades e decisões conscientes, que precisam se posicionar diferentemente do ranço patriarcal.

Sabendo que ser mulher não é apenas assumir os papéis domésticos, é importante destacar que se faz necessário ocupar os espaços de poder, como os políticos, os religiosos, os organizacionais, enfim, todo e qualquer lugar que as mulheres queiram estar, como a reitoria de universidades, a presidência da república, os ministérios, entre outros espaços, tudo isso para que a equidade de gênero se faça presente nas práticas sociais. Portanto, demarcando o seu lugar no mundo, superando inclusive a banalização sobre o enunciado Empoderamento Feminino, pois é por meio dele que as mulheres têm quebrado os grilhões da invisibilidade, da anulação, ocultação e negligência de sua existência.

Desse modo, é por meio da educação que estes fatos acontecerão, isso mesmo, a educação é chave que abre as prisões da invisibilidade que a mulher historicamente sofreu e assim vai se reposicionando no mundo como sujeita narradora de suas próprias histórias.

Neste sentido, vamos adentrar à essência das atividades dos Negeds como corresponsáveis para este processo formativo, de tal forma que como uma das atividades curriculares ou extracurriculares a mais destacada se referiu aos projetos de extensão, como podemos, assim, constatar, no Quadro 19 a seguir:

Quadro 19 – Atividades curriculares envolvendo Empoderamento Feminino (continua)

Atividades curriculares ou extracurriculares desenvolvidas na instituição que favoreçam o Empoderamento Feminino	
Simone de Beauvoir	Projetos de extensão de estímulo a meninas e mulheres nas STEMS ⁵¹
Nísia Floresta	Ações de extensão são um exemplo. Temos alguns projetos no âmbito do Campuscom essa temática.
Judith Butler	Projetos como o de extensão chamado "Mulheres na Mecânica: promovendo seu acesso"
Malala	Projetos e ações pontuais, como uma oficina de tranças no pátio. Penso que é uma ação de empoderamento para meninas de cabelos crespos e cacheados, de fortalecimento da identidade. Na soma de ações pontuais com ações mais sistemáticas/longevas podemos presenciar o discurso de empoderamento se enraizando no campus.
bell hooks	Considero que a maioria das ações são extracurriculares. Neste sentido, pôr o debatesobre gênero e diversidade nos currículos de modo transversal é urgente
Pagu	Palestras, rodas de conversa, oficinas, grupo de estudos.
Djamila Ribeiro	[...] Além do Neged existe o projeto GGEFIF - A geografia do Gênero: Empoderamento feminino no IFPE Recife , sou extensionista do projeto e Onde temos cine debates, rodas de diálogos sobre as relações de gênero, empoderamento feminino para promover relações de gênero mais justa e equitativa entre meninos e meninas da nossa instituição
Angela Davis	Há muitos projetos para mulheres em áreas, infelizmente, dominadas pelo homem, como por exemplo mulheres na mecânica, ou na ciência.

⁵¹ STEM é a sigla, em inglês, usada para designar as disciplinas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (Science, Technology, Engineering and Mathematics).

Quadro 19 – Atividades curriculares envolvendo Empoderamento Feminino (conclusão)

Atividades curriculares ou extracurriculares desenvolvidas na instituição que favoreçam o Empoderamento Feminino	
MariellyFranco	Acredito que sim, por mais que eu não tenha conhecimento de muitas. Um exemplo de uma atividade extracurricular que chegou ao meu conhecimento foi o projeto Mulheres na Mecânica .
Fernanda Montenegro	Sim
Suely Carneiro	Não respondeu
Lilia González	Não consigo afirmar com certeza, pois sou egressa.
Leolinda Daltro	Com a presença do Neged , sim, anteriormente as atividades eram "para as mulheres", mas amplamente pensada e discutida por homens.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Conforme está evidenciado nas narrativas, as mulheres destacam a importância dos projetos de extensão para abordar as questões de gênero. Por isso, o ensino, a pesquisa e a extensão são indissociáveis ao processo formativo, pois não se educa somente em sala de aula, mas, sim, em vários outros espaços formativos, e os projetos de pesquisa e de extensão, além de romper com as fronteiras acadêmicas, permitem espalhar os temas tocantes à questão da desigualdade de gênero, não somente, mas em todas as pautas sobre e com a mulher. Fora do Neged, foram apontadas as seguintes ações que trabalham no sentido da superação da desigualdade de gênero: a) Projeto de extensão Mulheres na Mecânica, por 50% das entrevistadas, e em seguida aparecem; b) palestras, oficinas, rodas de conversas, grupos de estudo; e c) ações pontuais (datas específicas).

Em razão do destaque dado às questões da extensão, entende-se que a extensão na direção do Empoderamento Feminino é indispensável na busca da superação e mitigação das desigualdades de gênero, ajuda a romper com as fronteiras epistêmicas no cenário educativo, favorecendo para que as pessoas possam ampliar seus saberes e fomentar processos formativos coerentes com uma sociedade mais justa e igualitária.

Logo, fica nítido que as ações pontuais em prol do Empoderamento Feminino são importantes, mas não são suficientes para que as mulheres tenham a notoriedade de seus feitos, por isso que são destacadas as datas comemorativas, rodas de diálogo, palestras, oficinas e grupos de estudos, sobretudo os projetos de extensão que favorecem a formação em várias pautas, o que corrobora com Santos Júnior (2013, p. 36), ao mencionar que:

A extensão universitária é produtora de um conhecimento resultante das experiências nas quais os sujeitos se revezam nos papéis de autores e coautores de autonomia e interdependência e, quando são construídas numa relação dialógica, outros conhecimentos nascem a partir do entrelaçamento de visões de mundo semelhantes ou diferentes.

Deste modo, a questão de gênero favorece para que seja trabalhada mediante as ações

de extensão para propiciar a ampliação do conhecimento por meio de práticas extensionistas que permeiam a formação de professores. Assim sendo, entende-se como crucial que as ações pontuais, como datas comemorativas, palestras, grupos de estudos e rodas de conversas sejam fortalecidas pelas ações do Negeds que permeiam a tomada de consciência das mulheres, de elas serem quem são e ocuparem quaisquer papéis sociais.

6.2 O MANEJO COM A ENTREVISTA NARRATIVA (EN)

Concluída a etapa referente à aplicação dos questionários, assim como o movimento referente ao tratamento dos dados coletados (a pré-análise, a organização do material e a análise), foram adotadas as providências referentes à vivência da Entrevista Narrativa (EN). As narradoras integraram o grupo que respondeu ao segundo questionário, com representação de todas as categorias participantes (docentes, técnicas administrativas e estudantes).

A intensidade e densidade marcaram as respostas, sobretudo no que se refere à temática de estudo pautada neste trabalho e à participação dessas mulheres no Neged e em outros espaços de discussão e ação envolvendo gênero, sexualidade e diversidade. Participaram dessa etapa: 01 professora, 01 Técnica administrativa, 01 estudante regular vinculada ao Neged e 02 estudantes egressas. A este grupo também foram incluídas 02 estudantes regulares não vinculadas ao Neged, não participantes do grupo anterior (respondentes dos questionários). Essa escolha emergiu do próprio campo, que foi sinalizando a existência de outros espaços e pessoas que se envolviam em discussões análogas àquelas estudadas nos espaços do Neged. Em razão disso, resolveu-se trazer para este trabalho narrativas que envolvem essa dinâmica institucional, externa ao núcleo.

Após contatos feitos, via *WhatsApp*, *e-mail* e conversas pessoais, os encontros foram agendados, bem como as condições discutidas e os termos apresentados e assinados pelas novas participantes. O fato de a maioria ter participado do primeiro processo da pesquisa deu maior tranquilidade e celeridade à tomada das falas. Em seguida, os espaços para a realização das entrevistas foram analisados, considerando o isolamento acústico e condições de ser disponibilizado naquele dia e horário, sem nenhuma interrupção, a fim de que se preservassem as narradoras, não interrompendo-se a estrutura e organização das narrativas apresentadas.

As entrevistas aconteceram e foram gravadas em um ambiente tranquilo, sendo que para a realização da primeira, recebemos a assistência do professor Ricardo Tenório, em razão da sua experiência com essa técnica de coleta e com o processo de gravação. Houve também

entrevistas realizadas no laboratório do Projeto Malungo Lab⁵², localizado na biblioteca do IFPE *Campus* Recife, administrado pelo Professor Dimas Veras Brasileiro. Atendendo à comodidade e disponibilidade das entrevistadas, uma entrevista ocorreu no *Campus* Pesqueira; outra ocorreu na casa da entrevistada, e em ambas as situações, manteve-se o zelo e observações disponibilizados pela técnica da EN, tais como ambiente silencioso, respeito ao tempo da entrevistada, observar como a entrevistada está lidando com suas emoções, não interromper a narração de nenhuma forma.

Uma das entrevistadas não permitiu que sua fala fosse gravada, mesmo tendo sido pactuada essa decisão antes. Entendemos e respeitamos essa decisão, conforme prevê este trabalho no tocante à protetividade das entrevistadas, respeitando-se o atendimento as suas condições de participação, conforme seu conforto e tranquilidade. Nesse caso, a entrevista foi respondida de modo escrito, na presença da entrevistadora, sem maiores prejuízos para nenhuma das partes envolvidas. Para esse caso, obviamente, fora dispensada a transcrição.

O roteiro da entrevista foi definido, a princípio, a partir das seguintes orientações: a) identificação da entrevistada; b) narrar sobre sua história de vida como mulher; c) se após a sua inserção no Neged do seu *campus*, você se percebe diferente como mulher, mais corajosa, mais consciente dos seus direitos, mais empoderada? Conte-me um pouco sobre essa percepção sua, sobre você mesma.

Durante a realização da entrevista, após esse procedimento ser entendido pela participante, procedeu-se com anotações para a realização das questões imanentes que foram transformadas em exmanentes⁵³, sendo apresentadas em momento e formato adequados.

Após a realização das entrevistas, foram providenciadas suas transcrições detalhadas; em seguida, essas transcrições foram tabuladas em quadros estruturados para essa finalidade, a fim de dar melhor visualização dos fatos narrados, separados por questão e por categorias/segmentos, destacando-se o antes e o depois do Neged (passado, presente e futuro), como indicadores analíticos. Os procedimentos seguintes atenderam à seguinte ordenação: pré-análise e organização do material coletado, ordenamento e análise das histórias de experiências de vida narradas pelas entrevistadas; comparação das trajetórias individuais; destaque às

⁵² O Malungo Lab: laboratório de humanidades digitais e inovação social do IFPE, colabora com comunidades quilombolas e agências de turismo em trabalhos de marketing digital e inovação. Disponível em: <https://portal.ifpe.edu.br/recife/noticias/malungo-lab-presta-assessoria-a-quilombo-voltada-ao-desenvolvimento-do-turismo-de-base-comunitaria/>

⁵³ Questões imanentes são os temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração, trazidos pelo narrador participante da pesquisa. (Sousa et al); Segundo Lima Júnior (2020), o adensamento da visão sobre Entrevistas Narrativas (EN) corroboram com o entendimento de que quando a narração chega a um fim “natural”, questões exmanentes se traduzirão em questões imanentes, a partir do emprego da linguagem do informante, para completar as lacunas da história.

semelhanças apresentadas.

6.3 A ANÁLISE DE NARRATIVA

Estudos voltados à análise de narrativa apontam às dimensões da pesquisa narrativa, sendo uma holística em oposição à categorial e a de conteúdo em oposição à da forma. Jovchelovitch e Bauer (2008) se debruçam sobre os procedimentos que orientam e validam a análise temática, e a partir desse processo de análise hermenêutica se garante a codificação do texto da narrativa e posterior categorização, conforme os métodos de análise de conteúdo clássicos, assim como suas variantes (Souza *et al.*, 2022). Nessa direção, aponta-se a unidade de análise como opção, ou seja, são analisados excertos, na dinâmica da análise categorial, podendo, a depender de como a temática é narrada, fazer-se o destaque ao núcleo narrativo.

Torna-se importante entender que na concepção da pesquisa narrativa, a estruturação da fala pertence ao narrador e não ao entrevistado, o corte temporal numa narrativa, fazendo o movimento entre o passado articulado ao presente e ao futuro, apresenta rupturas e continuidade em que o sujeito ressignifica o passado, a fim de projetar o futuro. Esse movimento coloca o sujeito diante da memória individual ou coletiva, podendo, assim, incorporar elementos paralinguísticos à narrativa, a exemplo de alterações na entonação de voz, uso de pausas, o gestual e outras expressões e linguagens corporais que se colocam como texto não falado, mas presente na entrega da história narrada (Muylaert *et al.*, 2014). Nessa direção, Jovchelovitch e Bauer (2008 *apud* Sousa, 2022, p.12) consideram relevante que se possa estudar a narrativa não apenas quanto ao seu conteúdo, mas também quanto à forma retórica.

Na experiência de campo, destaca-se um elemento paralinguístico deflagrado por uma das estudantes entrevistadas, ao lembrar o assassinato da sua mãe, ocorrido na sua infância, sendo seu pai o acusado. A lembrança trouxe choro e outras marcas de desconforto, houve uma interrupção por cerca de seis minutos, sendo retomada depois que a entrevistada se acalmou e optou por continuar sua narração. Ao narrar um pouco sua história como mulher (trajetória de vida), nos apresentou o seguinte texto:

[...] É pra falar a verdade, lutar pelos direitos das mulheres sempre foi, desde a minha infância, uma coisa... algo muito importante pra mim, né? Porque desde muito criança eu compreendi a luta das mulheres da minha família, tipo, eu cresci com a minha avó, minha mãe foi vítima de feminicídio quando eu tinha 7 anos, eu, infelizmente, acabei presenciando tudo. É... e a situação da minha mãe, mais a situação das minhas avós, que tiveram que criar seus filhos sozinhas, foram mães-solo... mães-solo, no caso, minha avó, é... justamente porque os maridos faleceram, tiveram questões de violência doméstica também, mas, justamente vendo a história das minhas avós, a história de vida

de violência das minhas avós, a história da minha mãe, né, que eu presenciei, eu, por muito tempo, por exemplo, eu quis seguir na área do direito, justamente porque eu queria trabalhar voltado pelos direitos das mulheres, na questão do judiciário. Então, ser mulher, pra mim, é... eu sempre tive essa noção (chora, o corpo se dobra à tristeza) ...

Prossegue:

Eu não tive a noção do que seria ser mulher em si, do gênero, mas eu sempre tive a noção das violências que eu, enquanto mulher, poderia sofrer. Então, é uma coisa do tipo, desde criança, eu prometi que eu não vou ser a próxima, eu não vou permitir que aconteça o mesmo comigo, e também eu vou tentar o máximo que eu puder que isso não ocorra com outras mulheres também. Então, lutar pelos direitos das mulheres, o direito de ir e vir de uma mulher, lutar pelos seus estudos, por tudo mais, é uma coisa muito importante pra mim, principalmente, por exemplo, minha avó, minha avó criou as duas filhas dela sozinha, minha avó materna, que foi quem me criou, né, depois do falecimento da minha mãe... ela é professora, e ela, sendo professora, ela conseguiu criar as duas filhas dela, criou a mim e aos meus irmãos. Então, minha avó é o maior motivo de inspiração pra mim, porque desde sempre, minha avó sempre me estimulou a estudar, “em primeiro lugar, seja independente, não dependa de ninguém pra fazer nada da sua vida, seja uma mulher empoderada, não conheço as palavras, mas seja uma mulher empoderada, seja uma mulher dona de si e que saiba impor os seus limites”. Então, adoro conversar com a minha avó sobre essas pautas, assim, ela me ensinou muito.

Eu aprendi muito com as mulheres da minha família, como tentar fazer diferente, né, e é uma história de luta muito importante. Então, eu, hoje, eu tô no começo na minha fase inicial enquanto mulher, né, sou uma jovem mulher, mas eu posso dizer que eu já tenho uma carga muito grande do que seria ser mulher, e todo dia eu descubro que eu posso sofrer uma violência a mais, mas euvou lutar eternamente pra que eu não sofra essas violências, nem outras mulheres sofram essas violências, entende? Então, isso é muito importante pra mim, enquanto uma jovem mulher (Clarice Lispector).

A palavra empoderamento surge como um instrumento tanto de proteção quanto de enfrentamento, à medida que traz as palavras de sua vó ao destacar a independência e o estudo como ferramenta de fortalecimento para lutar por sobrevivência. Outro fator que se destaca é a evolução do processo de conscientização do perigo em ser mulher numa sociedade machista, retrógrada, em que prevalecem, essencialmente, a visão do masculino, um processo consciencial deflagrado, sobretudo pelo medo da morte, do apagamento das suas vidas, dos seus desejos e sonhos, das suas escolhas. No contexto geral, pode-se afirmar que às mulheres lhes são negadas de serem o que quiser e ao gesto de opor-se são agredidas e mortas.

A necessidade de superar as profundas desigualdades que instituem o apagamento físico, social, econômico, cultural e psicológico das mulheres regulam a premente urgência de pensar medidas de empoderamento que garantam o direito à vida. O assassinato da mãe, diante da filha criança, tendo seu pai como autor, fala da cruelíssima realidade do feminicídio na cozinha das casas. Traduz a insegurança das mulheres nos espaços públicos e privados, na sua

cotidianidade, nas sutilezas da existência feminina, de uma existência ameaçada o tempo todo.

A narrativa supracitada traz o marco temporal passado, marcado pela etapa infância/meninice, como sendo o regulador do amanhã, ao narrar:

Eu não tive a noção do que seria ser mulher em si, do gênero, mas eu sempre tive a noção das violências que eu, enquanto mulher, poderia sofrer. Então, é uma coisa do tipo, desde criança, euprometi que eu não vou ser a próxima, eu não vou permitir que aconteça o mesmo comigo, e também eu vou tentar o máximo que eu puder que isso não ocorra com outras mulheres também (Clarice Lispector).

O agrupamento das mulheres no espaço familiar, constituído, majoritariamente, pelas avós, tias e primas, parece funcionar como uma (imaginária) muralha de proteção as suas vidas, o afeto parece o chão, onde o medo e a coragem, a revolta e sede de justiça, vão estar em conflito entre aquilo que foi, o que poderia ter sido e o devir, que precisa estar sendo semeado, agora, em caráter excepcional, sobretudo nas escolas, por meio do que empodera, conscientiza. O estado democrático de direito não alcançou a subjetividade daquela experiência, ter o feminicida preso era apenas uma parte do reparo àquelas trajetórias. Sobre sua inserção no IFPE e no Neged, trazemos da mesma entrevistada a seguinte narração:

[...] desde que eu entrei no *campus*, ainda eu entrei no período da pandemia, em 2021. Nós tínhamos aulas remotas, mas desde então eu descobri que existia o Núcleo de Estudos de Gêneros e Diversidade, o Neged, e eu, automaticamente, me interessei, porque eu pensei, é uma coisa que eu adoro estudar, eu adoro conversar sobre... que é sobre os direitos das mulheres e afins, então eu me inscrevi para participar dos debates. [...], no período on-line, eu acredito que eu participei de todos os debates que tínhamos, as palestras que tiveram aqui após, eu participei da maioria, [...] que para mim é muito importante, porque eu tenho noção, né? **A minha família me deu, digamos, que é o repertório, as vivências, mas é muito interessante quando a gente contextualiza isso e compreende que não aconteceu só na minha família, nem acontecerá somente na minha família, acontecem todos os dias**, é importante debater quais são os movimentos que lutam pelos direitos que eu quero, quais são os tipos de feminismo, qual eu me englobo mais, digamos assim, porque no final todos os movimentos feministas eles têm uma pauta em comum, que é defender os direitos das mulheres, mas as mulheres variam, quais são as mulheres, e assim vai, né? (grifo nosso) [...]. Então, o Neged foi muito importante para conhecer essas novas vivências, assim como também conscientizar. Eu lembro que teve uma palestra sobre questões de assédio, de violência doméstica, assédio sexual, moral, como posso dizer, pensada pelo Neged, **então fez eu me sentir sim uma mulher mais empoderada**, porque eu acredito **que o que vai me tornar ainda mais empoderada é o meu conhecimento, porque o meu conhecimento ninguém vai conseguir derrubá-lo, então quanto mais conhecimento eu tenho, mais empoderada eu serei**, mais corajosa eu serei, e mais consciente dos meus próprios direitos eu serei, então eu vou conseguir me posicionar, vou conseguir debater a respeito dos meus direitos e dizer, não, hoje não é assim, poderia ser assim há 50, 60, 70 anos atrás, ou 100, 200 anos, poderia ser assim coma minha mãe, com as minhas avós, mas comigo não será dessa forma, então o Neged é muito

importante, principalmente para isso, para nos ajudar a nos conhecer (Clarice Lispector).

Sua confirmação sobre a importância do Neged em sua vida destaca-se na afirmação da aquisição do conhecimento como estratégia para manter-se empoderada. Nesta fala, a relação conhecimento e empoderamento aproxima a narratividade de um posicionamento frente às injustiças, por estar de posse do conhecimento de seus direitos e reconhecer-se enquanto Mulher. A entonação da fala ao dizer MULHERES, na observação do acontecimento paralinguístico, fez-nos compreender que sua sonoridade correspondia à escrita em caixa alta, era palavra gritada! Era a necessidade de se inscrever noutra interpretação. No movimento exmanente, a entrevistada destaca:

Então, eu tive que aprender a lidar com essa perda [...], eu até falava nas minhas terapias que o maior problema que eu tive não foi de ter presenciado, de ter visto a minha mãe morta, tentado ajudar e eu não ter conseguido. Mas foi o que veio depois. A carga que me veio depois. A consciência do que me veio depois [...] (Clarice Lispector).

Diante dos fatos narrados por essa entrevistada, oferecemos o seguinte destaque analítico, apresentado no Quadro 20 a seguir:

Quadro 20 - Destaque analítico das entrevistas

Núcleo Narrativo	Aproximações possíveis	Unidade semântica ou de significados
“A minha família me deu, digamos que é o repertório, as vivências , mas é muito interessante quando a gente contextualiza isso e compreender que não aconteceu só na minha família, acontecem todos os dias ”.	A família como lócus de produção, oferece o repertório das vivências de dor e superação. A consciência pela experiência com a dor (a morte da mãe). A consciência pela experiência com o afeto (a guarda e cuidado da avó materna).	1- Escola, Neged e família; 2- O privado e o público (eu e a outra); 3- A dor, o medo, o afeto, a coragem. 4- O ressignificado do ser mulher e do tornar-se mulher (a consciência que veio no depois).
[...] que o que vai me tornar ainda mais empoderada é o meu conhecimento, porque o meu conhecimento ninguém vai conseguir derrubá-lo, então quanto mais conhecimento eu tenho, mais empoderada eu serei.	A instituição escolar, por meio do Neged, pela oferta do conhecimento é o lócus de produção de uma superação advinda do encontro com experiências semelhantes e com empoderamento com vistas à libertação pelo conhecimento crítico. A consciência pela experiência com o conhecimento	1- O empoderamento pelo conhecimento. 2- O ressignificado do ser mulher no presente e no futuro (a consciência que vem depois do conhecimento de si e das outras).

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Referente ao grupo-classe pesquisado, destacamos, a seguir, trechos apresentados nas narrativas que corroboram aos entendimentos sobre a atribuição de significados, trazidos pelas participantes, acerca dos seus envolvimento com o Negede ou com a temática estudada neste

trabalho.

[...] E aí, depois, já aqui no campus Y, comecei a ver o movimento do Neged era mais atuante, tinha mais pessoas, um campo maior, enfim. E aí, com o meu envolvimento nas atividades de formação feminista, entrei no Neged, pensando e refletindo uma possibilidade de poder contribuir no grupo de estudos. Porque desde 2021, eu participo dos clubes de leitura da Manuela D'Ávila, uma política do Rio Grande do Sul[...]. “[...]E o que foi possível me dar o empoderamento, a percepção, o entendimento, foi o sindicato, na convivência com os pares[...]. [...] E questão da violência nas ruas, do assédio, da importunação, da desigualdade das tarefas domésticas, em casa, enfim, essas questões são atravessadas na minha experiência de vida enquanto adolescente, enquanto criança, enquanto adulta, fiz parte, durante a faculdade, do movimento estudantil [...] (Judith Butler).

[...] relação à inserção do Neged, eu me sinto, mais encorajada, mais consciente dos direitos [...] (Simone de Beauvoir).

[...] E também fiz parte, durante a faculdade, do movimento estudantil, o que foi muito importante na minha formação profissional, política, e quando eu tive contato mais profundo, mais de perto, com as discussões do movimento feminista. E comecei a me considerar feminista desde a faculdade [...] (Simone de Beauvoir).

[...] não vejo tanta diferença, no sentido de me sentir mais empoderada, porque eu acho que eu já tinha um acúmulo anterior, de discussão do movimento estudantil [...] (Judith Butler, entrevistada grupo técnica-administrativa).

[...] Minha mãe sempre me incentivou muito a lutar pelas coisas que eu acredito [...] [...] ser mulher pra mim sempre foi uma luta desde pequena. Então, eu sempre tive essa vontade de lutar pra questões de equidade de gênero, que é muito mais igualdade, sim, de equidade, porque mulheres têm, muitas vezes, questões, precisam de coisas, ou pessoas com útero, que pessoas sem útero não precisam, por exemplo. Na questão da gravidez, da menstruação, então não dá pra gente falar de igualdade se as pessoas não são iguais[...] [...] Então, nós temos que falar de equidade.[...] quando eu era pequena, eu estudei na Escola Arco-Íris do Recife, sempre, desde que eu aprendi esse conceito na aula de Filosofia, sempre foi algo que veio muito junto comigo. De um tempo pra cá, sim, eu venho percebendo, cada vez mais, eu sinto medo de andar na rua, como mulher eu sinto medo de andar na rua, sim, eu fico insegura, eu fico, enfim, não só de andar na rua, de estar em lugares e ambientes, de falar, muitas vezes, porque a mulher é botada num lugar de que a gente não pode falar, de que se a gente falar tá errado, se a gente falar, em uma mulher jovem ainda, é mais ainda nesse lugar de que, ah, tá certo, tá bom, tá, sua opinião não importa aqui, sabe? Então, é, acho que vem, assim, muito desse lugar que eu venho sentindo há um tempo, assim, de falta de oportunidades, também, pra mulher, é, a gente vive num mundo muito machista, muito, é, eu acho que, eu sempre senti isso, que toda mulher sente que ela é obrigada a amadurecer mais cedo, que dizem que: a mulher amadurece mais rápido, não sei o que lá, não, é porque a gente é obrigada a amadurecer mais rápido, a tomar decisões mais rápido, a entender sobre o nosso corpo mais rápido que os homens, então, é, a vida foi, não sei, é, me puxando, assim, pra isso, é, ...eu ouço muito, assim, é uma luta que me move muito, a luta pela equidade, a luta do feminismo, enfim, são lutas que me movem muito, porque eu fico imaginando se, eu tiver filha de mulher, e se algum dia elas vão conseguir sair na rua e se sentir confortáveis em sair na rua, não se sentir assediadas o tempo todo, e inseguras o tempo todo [...] (Angela Davis, estudante regular não participante do Neged).

[...] Eu tive a sorte de ter o acesso a uma rede de apoio, desde muito nova e eu agradeço muito por isso, porque, eu sou muito engajada em questões sociais e tenho noção de como é difícil ser mulher na sociedade, também sei do meu privilégio de ter tido essa rede de apoio tão forte desde sempre. Então, assim, meus pais sempre acataram muito as minhas vontades e, assim, desde robótica, balé popular, futsal, eu consegui ter acesso a essas escolinhas. E aí, assim, criar uma personalidade que não fosse tão regida pela sociedade. Que é como acontece muitas vezes com as mulheres, infelizmente[...]. [...] Eu tenho acesso a figuras femininas que são muito importantes na sociedade brasileira. Sou muito fã de Elsa Soares, que é uma mulher extraordinária, uma cantora, uma mulher forte, que tem uma história de vida muito importante, impactante. Sempre gostei de pesquisar muito sobre mulheres na área da ciência e me inspirar muito nelas [...] (Conceição Evaristo, estudante regular vinculada ao Neged).

O medo e a insegurança são unidades de sentido muito presentes na vida das entrevistadas, independentemente da categoria ou a geração à qual estejam vinculadas. Há sempre uma mulher ou um grupo de afetos, um grupo de militância política, há ainda os espaços escolares e acadêmicos que oferecem elementos aos enfrentamentos coletivos e individuais, advindos das práticas sexistas e das regulações heteronormativas. Acerca do Neged como espaço de formação política, na direção de uma construção de um Empoderamento Feminino crítico, encontramos os seguintes destaques:

[...] Eu sempre fugia um pouco dessa temática de gênero, por ter medo de enfrentar, e de enfrentaraquilo que era tão normal, assim, na minha vivência, que era já tão difícil, eu já luto tanto, já é tão difícil aqui, ainda vou ter que me debruçar academicamente sobre isso, eu acabei deixando delado, mas quando surgiu o convite para participar do Neged, precisei encarar essas questões, vivenciar, saber, conhecer outras histórias, fora as que eu já conhecia de amigas, familiares, precisei me debruçar um pouco mais, e foi bom porque conhecendo um teoricamente sobre essas questões e tendo contato com outras narrativas, saindo da minha bolha, mas que eu vi que era comum a muitas pessoas, e isso acaba encorajando você a querer falar, para partilhar também das suas experiências com outras pessoas, a perceber que você não está sozinha, assim, ouvir outras pessoas ajuda você até a ressignificar coisas que você já viveu, e também a lidar ideias para lidar com certas coisas, lançar um monte de estratégias, porque você ouvindo outro, amplia-se um pouco mais a sua mente, assim, para certas coisas, e isso empodera você, porque **eu acho que a pior coisa é você se sentir meio sozinha e sem direção, e aí quando você tem esse contato mais incisivo dentro da prática do Neged, porque ele faz você, primeiro, obviamente, ler mais sobre isso, estudar mais sobre a temática, mas também faz você olhar um pouco melhor, com um olhar mais atento para as demandas dos e das estudantes, servidores, e servidoras**, assim, que trazem essas questões, então você sai um pouco de si, enxerga essa diferença, que não é tão indiferente, e isso lhe fortalece, porque se cria uma rede, essa ideia da rede é muito boa, porque quando você se sente sozinha, para qualquer coisa, vem o medo, e você não saber lidar com determinadas situações, mas quando você está inserido num grupo que traz essa ideia de rede, de contato, de conhecer outras pessoas e outras histórias, e você também pode ajudar, você se sente mais forte, assim, mais empoderada [...] (Pagu, docente).

A ideia da consolidação de redes e dos espaços coletivos de construção de

entendimentos críticos sobre a realidade e as possibilidades de sua mitigação ou superação têm aparecido fortemente nas trajetórias de vida narradas, entregues com extrema autenticidade a esta pesquisa. Destaca-se ainda o entendimento de uma construção, nas experiências do Neged, como sendo o aparecimento das demandas institucionais acerca dos elementos que marcam a história das estudantes e servidoras na sua cotidianidade, no experimentado nos espaços públicos e privados. O ato de narrar as experiências como mulheres tem funcionado como campo de forças para uma percepção de si e das outras. Sobre não ser Neged, ainda, trouxemos o seguinte fragmento:

[...] Eu não sou do Neged ainda, mas eu acho que só de saber que tem um núcleo no *campus* que luta pelas questões da equidade de gênero, pelas questões, já me deixa, mais confortável como mulher, de saber que existe alguém que luta, que, se acontecer alguma questão aqui no campus de assédio, eu vou poder recorrer, isso me deixa mais segura e mais empoderada também... eu aqui no *campus* eu já tive, vai ser que o meu nome é isso, não, não sei, já tive, teve uma, um colega de classe que, enfim, me aprovou, e já me deixou muito insegura, e aí, eu não conhecia o Neged na época, mas falei com as coordenadoras de cursos, não chegou a ser um assédio, mas foi um assédio moral, ele falou do meu sutiã que eu tava usando, sabe? Na frente da professora, a professora não fez nada, não sei se ela não ouviu, mas não fez nada, é, enfim, e aí eu lembro que aquilo me deixou muito mal, mesmo que se falasse pra alguém, ia ser, a pessoa ia dizer, ah, não, mas isso é besteira, só comentário, falou, é, a blusa do IF não é uma blusa transparente, era o primeiro dia que eu tinha ganhado a blusa, e eu venho com um sutiã, em vez de um top, que é o que eu normalmente venho, e aí ele fez, tem que usar um sutiã, viu? Tem que usar um top, viu? Não pode usar sutiã, não, tipo, olhando pro meu peito, assim, né? Então, pra mim, isso foi um tipo de assédio, eu fiquei bem mal com essa história, assim, e outras coisas, e professores, já teve professores que falaram da roupa que eu tava, eu tava com uma calça igual essa e um, mostrando isso daqui da minha barriga, por exemplo, sei lá, tem gente que vem de maneiras, tipo, muito mais... E aí o professor falou, inclusive, minha mãe ficou muito pouco de vir denunciar essa pessoa aqui na escola, só não denunciou, porque era final do período, enfim, é, mas sim, me deixou mais corajosa, mais empoderada, saber que tem uma Neged aqui, que eu posso contar, por acaso eu queira, não sei, fazer um evento, pra promover isso, é, saber que tem alguém que eu, tem um núcleo que eu posso contar aqui, como mulher. É, então acho que deixa segura, quanto mais mulheres souberem disso, acho que mais mulheres vão sentir seguras aqui no IF[...] (Ângela Davis, estudante não participante do Neged).

[...] Eu vi esse outro lado, que é estar à frente de projetos e estar à frente de, assim, lutar realmente por recursos, sabe? No espaço federal, que é tão importante, que tem tanto peso aí fora. [...] Então, assim, eu me vi muito crescida, sabe? Com tudo isso, é uma, assim, com todas as dificuldades e as dificuldades foram importantes também para que esse crescimento fosse se mostrando cada vez mais presente na minha vida como estudante, como pessoa. E sobre contar um pouco mais sobre minha percepção de mim mesma, acho que eu já falei um bocadinho aqui sobre o que eu acho, sobre como eu enxergo, mas eu me enxergo muitas vezes, assim, voltando, né? Sobre a questão dos privilégios que eu tive, eu me enxergo muitas vezes, assim, sortuda por ter pessoas para abrirem essas portas para mim, sabe? E aí, assim, conseguir

estabelecer minhas defesas sobre os preconceitos diários, né? E, assim, tentar fazer com que essas mesmas portas que foram abertas para mim sejam abertas para outras mulheres também aqui dentro, sabe? Para as estudantes e, assim, sempre tentando chamar minhas colegas para debates na sala, para debates fora da sala, para, assim, momentos em que a gente junta, sabe? No pátio, no auditório e, enfim, tentar chamar essas mulheres e dizer, gente, a gente tá conversando sobre vocês, sabe? A gente tá falando sobre vocês, a gente tá falando sobre a gente, bora? Bora ver como é que é o nosso espaço aqui dentro, os espaços que a gente pode ocupar, o que a gente deve, o que a gente pode fazer, sabe? Então, assim, eu acho que a questão do empoderamento, ela precisa ser comum a todas nós, sabe? Não pode ser algo vindo de uma pessoa só, de uma mulher só, se a gente viu nisso em todas as causas sociais, né? A gente precisa ter uma base muito forte e a gente precisa fortalecer. Eu acho que o Neged, ele vem como ferramenta de fortalecimento também dessas mulheres, né? Que estão se formando na vida, não só como técnicas, mas como pessoas também. (Clarice Lispector).

As narrativas supracitadas corroboram com o entendimento de que o Neged também é significado como espaço de registro das ocorrências de violência generificada, sexista, dada no intracampo, sendo assim, esse espaço toma o lugar de escudamento ao assédio e a outras práticas invasivas e violentas, dadas na cotidianidade de uma instituição que se aprende democrática, no esforço de enfrentar suas adversidades, ambivalências e tensões que separam seus entendimentos entre o que aponta a perspectiva do empoderamento crítico e o que se coloca na desconstrução desse mesmo processo. Dialogando com outra pesquisa que contempla estudos acerca do Neged, no tocante à inclusão da população LGBTQIA+, citada por Sousa *et al.* (2022, p. 178), destacou-se a seguinte contribuição:

[...] compreendeu-se que o Neged é parte integrante da Política Inclusiva institucional; observou-se que sua atuação se dá por meio de rodas de diálogos, oficinas de colagem, encontros de formação, entre outros; também foi possível observar que a equipe busca atender demandas dos discentes, responsabilizando-se por um trabalho de orientação que contempla também os pais e a comunidade externa; notou-se a existência de movimentos contrários à realização das atividades, tratando-se de um ambiente permeado por tensões. A partir do material analisado, construiu-se, ainda, os seguintes entendimentos: a) o Neged é uma peça fundamental para a consolidação de uma escola democrática, na concepção da formação humana integral; b) o núcleo é um espaço de inclusão, acolhimento e luta pela permanência das pessoas LGBTQIA+

As narrativas têm nos conduzido a pensar/sonhar que na estrutura do IFPE, o Neged é uma célula de construção de conhecimentos, saberes e práticas que conduzem à resistência, à ressignificação e à possibilidade de construção de outras participações e intervenções no mundo e sobre o mundo. Assim sendo, ajuda-nos a esperar!

Há diversas ações sistematizadas no IFPE, além das que ocorrem a partir do Neged, que garantem e consolidam relevantes discussões acerca das relações sexistas e generificada, conforme citadas anteriormente neste trabalho, com notável destaque às ações e projetos de

extensão. Fragmentos da fala de uma estudante envolvida nessa dinâmica colaboram com a compreensão desse fato, conforme citado a seguir:

[...] Cresci sendo criada pela minha mãe, ela me teve muito jovem e foi mãe solo desde o início. Não tive o apoio do meu pai por 19 anos, só em agosto de 2024 que nos aproximamos. Quando mais nova via meu tio bater na minha mãe e por não conseguir fazer nada isso me deixava muito frustrada, então tomei para mim que precisava defender os direitos das mulheres, então me tornei uma ativista pela igualdade de gênero e entrei para o projeto Mulherando o Mundo. Não participei do Neged, mas fiz parte do projeto de extensão GGEFIF, o qual participei de rodas de diálogo na disciplina de Educação e Relação de Gênero no curso superior de Licenciatura em Geografia; o projeto também realizou rodas de diálogos com as estudantes do IFPE – Participar do GGEFIF foi muito enriquecedor pra mim, me tornei mais corajosa e empoderada e aprendi mais sobre meus direitos e a luta das mulheres (Djamila Ribeiro - aluna regular, mas não pertencente ao Neged).

Sobre o reconhecimento de outros corpos de mulheres que forçam, na luta, sua institucionalidade no IFPE, trazemos trechos da trajetória de vida de uma estudante transgênero, negra, ativista moradora de uma periferia e integrante do Neged, que narra:

[...] atualmente tenho 24 anos de idade, eu sou uma jovem travesti negra periférica que é ativista pelos direitos humanos, e atua principalmente com pautas voltadas para a juventude periférica, LGBTQIA+, e governança da internet. Eu sou também empreendedora social desde os meus 17 anos de idade, eu atuo com empreendedorismo social, desenvolvendo tecnologias sociais que podem estar ali [...] E aí, diante da minha trajetória, eu estava nesse processo de afirmação de gênero, nesse processo mesmo, como as pessoas dizem, transição de gênero, mas eu não gosto de usar transição de gênero, sempre utilizo afirmação de gênero, porque eu acho que eu sempre fui uma pessoa trans, sendo que eu só identifiquei isso, tive esse conhecimento do que é ser uma pessoatrans ao longo do tempo da minha trajetória. Mas isso não significa que eu já desde pequena já sofri várias violências, em todos os ambientes, familiar, educacional, principalmente, mas essas violências nunca foram o motivo para o qual eu desisti de estar buscando conhecimento, acesso à informação, e uma coisa é, quando eu fui chegar e falar para minha mãe, no meu processo de afirmação de gênero, e aí ela perguntou se eu ia para a prostituição, e infelizmente é uma realidade das mulheres trans e travestis, no contexto de que a pessoa trans é colocada em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, e termina ali e isso acontece principalmente pelo processo de exclusão familiar. [...] eu não queria ser mais uma pessoa trans travesti dentro da Prostituição, eu queria e sou uma travesti que burlou todo esse sistema para poder conseguir alcançar outros acessos, então eu sempre fui uma pessoa muito inquieta das várias violências que a gente sofria dentro da comunidade, e não só ser por uma pessoa trans, mas pelo contexto que eu também, o meu corpo ocupa no território, então a minha trajetória nasce muito também, a partir disso, então eu sempre busquei conhecimento, informação, e pude estar construindo, contribuindo com a construção de coletivos que visam proporcionar conhecimento para dentro da periferia [...] então em 2019 eu fiz a prova do IFPE e fui aprovada em terceiro lugar, e acredito que eu seja a primeira pessoa trans no curso técnico de saneamento [...] mas a pessoa que eu sou provoca inquietações nas pessoas, e sobretudo como a gente tem um sistema que não é pensado para corpos como os nossos, e aí eu lembro que no processo de

inscrição eu solicitei o nome social, e aí o nome social, por exemplo, não foi um campo que foi captado pelo sistema, e isso foi já um problema, porque eu tive que fazer prova com o nome antigo, e isso eu não solicitei também, porque ainda estava no processo de retificação, eu não tinha o documento ainda com o meu nome, e aí diante desse processo eu passo, como eu falei, na instituição, em terceiro lugar, venho fazer a minha matrícula, e aí as pessoas do departamento, e quando eu falo no contexto da engenharia, da área da STEM, de forma geral, que são essas áreas de engenharia, tecnologia, e aí essas pessoas geralmente são homens cis, homens cis, branco, heteronormativo, que muitas vezes não buscam até mesmo conhecimento, até mesmo conhecer a própria política institucional da própria instituição que trabalha, e aí eu lembro que quando eu vim fazer a minha inscrição, eu já vim com o nome identificado na minha documentação, e isso foi um problema para ele, porque o nome não batia, o CPF batia, mas o nome batia, e aí como é que fica? E aí eu lembro que a pessoa não soube como lidar com essa situação, mas que ele solicitou que eu viesse com um documento com o nome antigo para poder afirmar que eu sou aquela pessoa mesmo, é como se eu estivesse querendo fraudar o acesso de alguém, e aí ele vinha me pedindo alvará, alguma coisa assim. Mas hoje no Brasil o acesso à retificação mudou, hoje o movimento trans conquistou isso através de muita luta, uma luta histórica do movimento LGBTQIA+, de forma geral, sobretudo de travestis, a ser reconhecida **o nome na qual a gente se reconhece é muito importante para que a gente se mantenha em lugares**, e eu cheguei para fazer minha inscrição e já cheguei com esse processo de enfrentamento, para mim foi encorajador, mas também não foi tão acolhido, e principalmente pela falta da informação das pessoas, e aí eu lembro que por ser uma pessoa muito já articulada, eu busquei a OAB da Universidade de Pernambuco, e aí a OAB da Universidade veio aqui para instruir a pessoa de que aquilo que ela estava falando não vai de acordo com as leis que a gente tem. Então, a partir disso, dessa incidência política, dessa incidência de vozes, vamos dizer assim, eu pude fazer a minha inscrição, mas aquilo para mim foi também um momento de **entender que a instituição não estava preparada para lidar com o meu corpo**, não só a instituição em si, mas a maioria das instituições do Brasil não está preparada para as pessoas trans. Hoje, em 2024, a gente tem cada vez mais avançado com a pauta, mas eu vejo que a gente tem avançado e conquistado bastante coisa, mas eu vejo que não é a mesma coisa como era, por exemplo, em 2019, sabe? E é muito, enfim, meio louco falar sobre isso, porque **2019 foi agora pouco para mim, mas para mim já é muito tempo, porque a gente conseguiu avançar em muita coisa**, e aí consigo fazer a minha inscrição, sendo que eu fiz esse momento também precisa... **Sim, eu vejo aquele momento ali como um momento** que foi muito constrangedor para mim, porque eu tive que lidar com toda aquela situação e vi que não era exatamente a forma na qual eu e outras pessoas trans merecem ser recepcionadas (Suely Carneiro - estudante egressa participante do Neged).

Os novos corpos que ensinam a instituição sobre os novos lugares e uma reedição da discursividade jurídica, a fim de que possa romper com os parâmetros da heteronormatividade. Um corpo forçando seu lugar no espaço público, um corpo sabido pela luta de inserir-se em contextos “do não lugar”. Inscrever-se com o nome social significa ocupar seu lugar. Os marcos temporais 2019 (como passado) e 2024 (como presente), na vida institucional, apresentam significativas rupturas, o corpo também tem nome, o nome escolhido e o nome que o representa. O processo democrático vai se consolidando, sendo aprendido, saindo a fórceps, erupcionado

pela força do desejo de quem quer o lugar, o nome, a voz, o banheiro. Colaborando com essa discussão Lima Júnior (2020, p.75) afirma:

A instituição escolar busca produzir corpos que estejam preparados para aceitar suas regras e convenções sociais. Nessa direção, os corpos de pessoas LGBTQIA+ são inseridos em uma minuciosa produção discursiva para que sejam usados como exemplo a não ser seguido. Tal movimento é caracterizado por uma dualidade que se dá através da hipervisualização ou de um intenso silenciamento, que fazem com que esses corpos estejam sempre marcados. Essas formas de vigilância muitas vezes operam de modo imperceptível dentro da escola. [...] Numa via contrária, o Núcleo de Gênero e Diversidade atua na busca pela desconstrução da ideia de que a sexualidade só pode ser vivida entre pessoas do sexo oposto, de que o sujeito LGBTQIA+ tem algum problema, alguma doença ou até mesmo falta de Deus. Segundo Guerch e Conto (2017), a organização de núcleos configura um meio eficaz e sistematizado no sentido de orientar e desenvolver ações que contribuam para a desconstrução de preconceitos e estereótipos impostos pela sociedade. Em outras palavras, são estratégias que visam à produção da igualdade e das afirmações sociais.

Assim, a paisagem institucional vai se fazendo multicampi, cumprindo sua missão de ser de todas as pessoas e para todas elas, reconhecendo e vencendo seu arsenal de violência simbólica, institucionalizada pelos ditames do passado é pela força hegemônica de querer reeditar-se.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos grandes contribuições nas discussões sobre a mulher, gênero, o Empoderamento Feminino, o patriarcado e os Negeds dos institutos federais, sua importância, organização e funcionamento dentro da instituição, como forma de garantir aos questionamentos que nortearam a realização desta pesquisa, bem como de apresentar os seus resultados.

Foi uma valiosa descoberta perceber a importância desse núcleo para todas as pessoas e que a partir dele, possam surgir novas discussões em prol da coletividade institucional. Foi surpreendente, também, encontrar movimentos sistematizados, voltados a práticas educativas que refletem sobre as desigualdades e violências generificada. Os projetos de extensão têm contemplado, de forma significativa, discussões e ações contemplativas da perspectiva de empoderamento. Essa questão foi constatada não apenas nas falas presentes no questionário, nas narrativas, mas a partir de alguns eventos vivenciados no chão institucional, como por exemplo: o evento de Direitos Humanos, em que o Empoderamento Feminino foi bastante discutido, e As Mulheres nas Ciências, que foram apresentados, um com as docentes e outro com as estudantes, todas do IFPE. Assim, esse diálogo, foi fortalecendo o trabalho, na medida em que resultaram em inúmeras reflexões sobre a temáticas envolvida.

Na direção do Neged, podemos situar alguns achados que potencializam esse núcleo na instituição, ei-los: a) verifica-se que a análise na parte da documentação apontou significativos avanços nas políticas afirmativas de gênero no IFPE; b) o Neged tem favorecido e fomentado políticas e ações na direção da superação da desigualdade de gênero e na construção de uma perspectiva crítica do Empoderamento Feminino; c) que tem se configurado como o lócus de acolhimento das demandas institucionais acerca dos elementos que marcam a história das estudantes e servidoras na sua cotidianidade, sobretudo no tocante aos assédios e abusos estruturais.

Percebeu-se que nas narrativas das entrevistadas nos foram confiadas suas histórias de vida, em que cada uma trouxe fortes experiências de dor, de medo, de angústias, de tristezas, de dúvidas, pelo fato de serem mulheres. Todavia, a vontade de lutar pela liberdade das mulheres e pela igualdade de gênero foi facilmente percebida, além de referirem-se a mulheres forte em suas famílias e em outros ciclos de convivência, naquilo que se pode entender como “rede de apoio ou fortalecimento”. Outro destaque trazido pelo núcleo temático analisado se referiu aos recortes temporais, sinalizando o passado e o presente, no contexto das experiências vividas no núcleo familiar, funcionando como reguladores à construção de novos sentidos do

ser mulher e do tornar-se mulher.

No momento das narrativas, foi muito forte ouvir as histórias dessas mulheres nos enfrentamentos ocorridos nos espaços das casas e das ruas, na luta diária, na individualidade e na coletividade, performando-se assim, sozinhas ou juntas. Muitos momentos difíceis marcaram essa escuta, considerando que, enquanto pesquisadora, fui me deparando com histórias de dor e sofrimento, e foi difícil não me emocionar naquele momento de sensibilidade. A mulher-pesquisadora estava misturada com a mulher-mãe, mulher-trabalhadora, havia tantos pedaços meus, naquelas narrativas. A técnica demanda um silêncio cuidadoso para que a narratividade não seja “desestruturada” interrompida... (Não falei, mas chorei em alguns momentos, fiz isso com cuidado para não fazer barulho. O assunto demandava outro gestual, “outra performance de escuta”, foi tudo que consegui. Ainda ouvi: “não chore, essa história é minha”. Pensei, talvez fosse de todas nós!).

Por saber que vivemos ainda em um sistema opressor, patriarcal intenso, misógeno, entende-se que é urgente que essa pauta seja assumida pelas escolas e outros contextos educativos não escolares, na perspectiva da totalidade e integralidade humana, e que a luta não deve ser só das mulheres, mas dos homens também, pois a liberdade, a igualdade, o empoderamento crítico não tem cor e nem sexo.

Quanto ao Produto Educacional do *podcast*, O Empoderamento Feminino em Discussão, vale observar que as pessoas participantes se comprometeram e fizeram uma avaliação consciente e cuidadosa, que, além de mostrar os avanços e fragilidades, ainda teceram contribuições para sua melhoria, o que nos faz acreditar na importância do nosso trabalho de pesquisa, enquanto um Produto Educacional.

Assim sendo, estima-se que este trabalho de conclusão de curso (Dissertação e Produto Educacional) corrobore com os estudos e práticas que impulsionam às políticas afirmativas de gênero, sobretudo na direção do Empoderamento Feminino, que se inscreva na perspectiva crítico-reflexiva

Ainda somos massivamente regidas por um sistema patriarcal e colonial que, ao longo dos anos, foi responsável por desenvolver as mais sofisticadas tecnologias de precarização e subalternização das mulheres. Compreendemos várias outras lutas em relação ao gênero, como por exemplo, as mulheres trans, que sequer eram reconhecidas como humanas e até hoje lutam bravamente para que o seu gênero e humanidade sejam validados. Isso é possível verificar nas narrativas trazidas ao longo da pesquisa, a partir das histórias de vida e de lutas de mulheres lésbicas e mulheres trans. Também foi possível verificar nas narrativas: a) que os corpos de mulheres transgênero, vinculadas ao Neged, têm forçado seus lugares no espaço da

institucionalidade do IFPE; b) que consideráveis aspectos dos *campi* analisados, apesar de estarem em diferentes contextos geográficos, apresentam notáveis semelhanças no que se refere às questões que envolvem a temática de estudo.

Ademais, os pontos que por si só dialogam entre eles como se fossem algo orquestrado na dimensão que a pesquisa crescia com a leitura do *corpus* documental, dos resultados dos questionários e, principalmente, com as narrativas das mulheres participantes da pesquisa.

Dada a escassez, evidenciou a necessidade de buscar novas pesquisas na área tanto do Neged quanto do Empoderamento Feminino na perspectiva crítica, no contexto da educação profissional e tecnológica, pois a pesquisa se fez perceber da importância do cuidado e de um olhar mais atento para esses núcleos, palco de discussão, de diálogo e de respeito à diversidade, algo tão presente nos espaços dos institutos federais.

Recomendamos que o Neged seja, de fato, um espaço de discussões da diversidade, tão bem percebida em sua importância nesta pesquisa, bem como sugerimos que novas políticas institucionais sejam voltadas para esse núcleo, com o objetivo de dar vez e voz não só às mulheres, mas a toda e qualquer pessoa que possa, de fato, ser fortalecida, acolhida e, sobretudo, respeitada.

REFERÊNCIAS

- ALDAY-MONDACA, Carolina; LAY-LISBOA, Siu. Política, orgulho y rebeldía: tácticas para disputar derechos. Diversidades sexuales y parentalidad. **Quaderns de Psicologia, Barcelona**, v. 23, n. 1, p. e-1671, 2021. DOI: 10.5565/rev/qpsicologia.1671. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v23-n1-alday-lay/1671-pdf-es>. Acesso em: 02 jan. 2024.
- ANDREOLA, Balduino Antônio. Paulo Freire e a condição da mulher. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n.03, p. 609-828, set/dez. 2016.
- ANTAS, Raquel Costa. Núcleos de estudos de gênero e enfrentamento da violência contra mulher: a experiência do Instituto Federal de Pernambuco. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS, Anais Eletrônicos...* Florianópolis, 2017.
- ANTAS, Raquel Costa. **Perspectiva de gênero na escola**: vivências a partir de uma política pública do Estado de Pernambuco. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, 2018.
- ANTAS, Raquel Costa; ARANTES, Adlene Silva. Funcionamento e efetividade dos núcleos de estudos de gênero e enfrentamento da violência contra mulher em Pernambuco. **Revista Panorâmica**, v. 34, set./dez. 2021.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. Entrevista Michelle Perrot. **Porj. História**, São Paulo, 10, nov, 1992.
- ÁVILA, Rebeca Contrera. **Minha história das mulheres**. Michelle Perrot. São Paulo: Contexto, 2007, 190 p. História Social, n. 16, primeiro semestre de 2009.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan./abr. 2012.
- BEZERRA, Daniella de S; ALMEIDA, Mônica Angélica B. de; OLIVEIRA, Thaisa L. de F. Narrativas: uma via epistemológica para as pesquisas em EPT. *In: SILVA, Cláudio Nei N. da; ROSA, Daniele dos S; FERREIRA, Marcos Ramon G. (Orgs). A Metodologia da pesquisa em EPT* [livro eletrônico], Brasília: Grupo Nova Paideia, 2022. Disponível em <http://ojs.novapaideia.org/index.php/editoranovapaideia/issue/view/16/4>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- BRASIL. CNDC/LGBT. **Resolução nº 12**, de 16 de janeiro de 2015. Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/legis/sdh/resolucao_cndc_lgbt_n12_2015_parecer_ref_identidade_de_genero_na_educacao.pdf. Acesso em: 17 mai. 2023.
- BRASIL. Controladoria-Geral da União. **Guia Lilás**. Orientações para prevenção e tratamento ao assédio moral e sexual e à discriminação no Governo Federal 2023. Disponível em: https://repositorio.cgu.gov.br/bitstream/1/16385/4/Guia_para_prevencao_assedio.pdf. Acesso em: 17 mai. 2023.
- BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos

metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Disponível em:

<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2023.

BRASIL, IPEA. **Atlas da Violência 2016**. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/41/atlas-da-violencia-2016> Acesso em: 17 mai. 2023.

BRASIL. **Constituição Federal**, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf Acesso em: 06 abril, 2023

BRASIL, 2015. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 13.104**, de 9 de março de 2015.

Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Planalto. Brasília-DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm Acesso em: 30 abr.2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.612**, de novembro de 2011. Assegura às pessoas transexuais e travestis odireito à escolha de tratamento nominal nos atos e procedimentos promovidos no âmbito do Ministério da Educação. Disponível em:

http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civil/acoes_afirmativas/inc_social_lgbtt/Legislacao_LGBTT/PortariaMEC16122011NomeSocial.pdf. Acesso em: 07 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1**, de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/docman/julho2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file> Acesso em: 08 maio. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016 – Comitê de Ética. Disponível em <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso, em 10 de maio de 2023.

BRASIL. **Decreto nº 1.973**, de 1º de agosto de 1996. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994.

BRASIL. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014.

BRASIL, CAPES. Documento de Área - Ensino, 46 Brasília, 2019.

BRASIL. Senado. **Projeto de lei 1085/2023**. Sancionada a paridade salarial entre homens e mulheres. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/05/30/cae-adia-para-quarta-a-votacao-sobre-igualdade-salarial-entre-homem-e>

[mulher#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Assuntos%20Econ%C3%B4micos,e%20homens%20na%20mesma%20fun%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 08 maio. 2023.](#)

CATTANI, Antonio David. Autonomia. In: CATTANI, Antonio David. (Org). **Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia**. 3 Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CÂNDIDO, Maria Henrique. **Dinâmicas sociais de gênero a partir da concessão do crédito pecuário a mulheres rurais do Posto Administrativo de Chagalane em Maputo-Moçambique**. 2009. 202 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história napesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história empesquisa qualitativa**. 2. ed. rev. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DENÍVEL SUPERIOR. **Plano nacional de pós-graduação [PNPG] 2011-2020**. Brasília: Capes, v. 1. 2010.

COR-DE-ROSA choque. Intérprete: Rita Lee. Compositores: R. Lee e R. de Carvalho. In. Rita Lee e Roberto de Carvalho. Intérprete: Rita Lee. [S. l.]: Som Livre/Emi-Odeon Brasil, 1982. LP, faixa 8.

DE SOUSA, Marcos Gomes. A importância da extensão universitária para o processo de formação inicial em geografia. **Revista Form@ re-Parfor/UFPI**, v. 8, n. 1, 2020.

EUGÊNIO, Benedito; TRINDADE, Lucas B. A entrevista narrativa e suas contribuições para apesquisa em Educação. **Pedagogia em Foco**, Iturama, v. 12, n. 7, p. 117-132, jan./jun. 2017.

FAZENDA. Ivani CA. (Org). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 1998.

FERNANDES, Thiara.; MOTA, Dalva Mota. É sempre bom ter o nosso dinheirinho: sobre a autonomia damulher no extrativismo da mangaba no Pará. **RESR**. Piracicaba, São Paulo, v. 52, n. 01, p. 09-24, jan./mar., 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda. Schimidit. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 35, n. 3, p. 20–29, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/38200>. Acesso em: 21 jun. 2024.

GONZALEZ, Carolina Gonçalves. **Identidade de gênero no espaço escolar: o empoderamento feminino através do discurso**. 2013, 173f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Letras(IL) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2013. Acesso em: 7 mar. 2024. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/15262/1/2013_CarolinaGoncalvesGonzalez.pdf f Acesso em: 21 jun. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**. Panorama do município de Recife. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama_. Acesso em: 12 out. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **O II Plano Nacional de Políticas para Mulheres**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Mulheres_III/texto_base_3_coferencia_mulheres.pdf Acesso em: 04 out. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Fórum brasileiro de segurança pública (Org.). Atlas da violência 2018. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Brasil em desenvolvimento: Estado, planejamento e políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO. **Resolução nº 65**, de 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.ifpe.edu.br/o-ifpe/extensao/politicas-inclusivas/resolucao-65-2021-aprova-o-regulamento-dos-nucleos-de-estudos-de-genero-e-diversidade-Negeds-do-ifpe-1-1.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO. **Plano de desenvolvimento institucional 2022^a 2026**. Recife: IFPE. Disponível em: <https://portal.ifpe.edu.br/o-ifpe/desenvolvimento-institucional/pdi/>

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO. **Plano de desenvolvimento institucional 2014–2018**. Recife: IFPE, 2015a. Disponível em: <http://www.ifpe.edu.br/o-ifpe/desenvolvimento-institucional/pdi/pdi-completo-2014-2018.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO. **Resolução IFPE/CONSUP nº 39/2015**. Recife: IFPE, 2015c. Disponível em: <https://www.ifpe.edu.br/o-ifpe/conselho-superior/resolucoes/resolucoes-2015/resolucao39-2015-aprova-politica-de-utilizacao-do-nome-social>. Acesso em: 31 jul. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO. **Projeto Político Pedagógico Institucional do IFPE**. Recife: IFPE, 2012. Disponível em: https://www.ifpe.edu.br/o-ifpe/ensino/documentos-norteadores/projeto-politico-pedagogico-institucional-pppi-_2009-2013.pdf. Acesso em: 07 jan. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO. **Resolução IFPE/CONSUP nº 82 de 12 de novembro de 2012**. Aprova o Edital de Seleção Pública do Iº PRÊMIO DE GÊNERO DO IFPE: CRISTINA BUARQUE. Disponível em: <https://www.ifpe.edu.br/o-ifpe/conselho-superior/resolucoes/resolucao-2012/res-082-2012-aprova-edital-do-primeiro-premio-de-genero-do-ifpe.pdf> Acesso em 17 de maio de 2023.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin W; GASKELL, George. (Org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA JÚNIOR, Ivanildo Alves. **O Núcleo de Gênero e Diversidade e a população LGBTQIA+**: rupturas, avanços e tensões no cotidiano de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e

Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco IFPE, Campus Olinda, Olinda, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Porj. História**, São Paulo, n. 11, nov., 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Conhecer, pesquisar, escrever**. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: 10 jan.2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

MARIA, Maria. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: F. Brant e M. Nascimento. *In.* CLUBE da Esquina 2. Intérprete: Milton Nascimento. [S. l.]: Emi-Odeon Brasil, 1978. LP, faixa 8.

MAGESTE, Gizelle de Souza. **#EMPODERAD@S: um estudo sobre construções identitárias de mulheres que discutem empoderamento feminino na Internet**. 2018, 258f. Tese (Doutorado em Administração) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BA8FEN/1/gizelle_de_souza_mageste.pdf Acesso em: 16 jan. 2024.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação I**. Obra em prosa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

MORAIS, Johana de Angelis Cavalcante de Morais. **Gênero e Diversidade Sexual: as experiências de estudantes LGBTI+ na Educação Profissional e os desafios no mundo do trabalho**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Pernambuco, 2020.

PERNAMBUCO. Secretaria da Mulher. **Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra as Mulheres de Pernambuco**. Recife: A Secretaria, 2014.

PERNAMBUCO. Secretaria da Mulher. **Gênero e Educação: Caderno da Igualdade nas Escolas**. Recife: A Secretaria, 2014.

PERNAMBUCO, Secretaria da Mulher. **Anuário da Secretaria da Mulher, Revista 8 de Março**, ano 10, Pernambuco. Disponível em: http://www2.secmulher.pe.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=5ba311fd-4e01-4b35-9d2f-b0bc6db81825&groupId=30863. Acesso em: 03 fev. 2023.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu** (4) 1995: p. 9-28.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.09. n. 18, 1998, p.9-18.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Política**. Curitiba, v. 18, n.36, p. 15-23, jun. 2010.

PRINCÍPIOS de Yogyakarta: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Tradução Jones de Freitas. jul. 2007. Disponível em:

http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios_de_yogyakarta.pdf. Acesso em: 16 mai. 2023.

RAMOS, Marise. **História e Política da Educação Profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014b. E-book. (Coleção formação pedagógica; v. 5).

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA, Andrea P; MATTOS, Francisco.; RÔÇAS, Giselle; SILVA, Marcos André B Vaz da; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de S.; OLIVEIRA, Rosemary R.de. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657/7658>. Acesso em: 20 set. 2024.

SANTOS JÚNIOR, A. L. **A extensão Universitária e os entre-laços dos saberes**. 2013. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **O choque teórico da politecnia**. Trabalho, educação e saúde, v. 1, n. 1, p.131-153, 2003.

SILVA, Thiago de F; BARBOSA, Xênia de C. Reflexões sobre as memórias da EPT: apontamentos teóricos-metodológicos e panorama das pesquisas desenvolvidas no ProfEPT (2019-2021). In: SILVA, Cláudio Nei N. da; ROSA, Daniele dos S; FERREIRA Marcos Ramon G (Orgs). **A Metodologia da pesquisa em EPT** [livro eletrônico]. Brasília, DF: Grupo Nova Paideia, 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 20(2). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. 2017. Acesso em: 16 fev. 2023.

SCOTT, Joan. Fantasias do Milênio: o futuro do gênero no século XXI. **Cad. Gên. Tecnológico**. Curitiba, v.12, n. 39, p. 319-339, jan./jun. 2019.

SCOTT, Joan. **O enigma da igualdade**. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 11-30, jan./abr.,2005.

SOUSA, Bernardina S. Araújo et. *al.* A Abordagem Teórico-Metodológica da Narrativa: potencialidades e limites nas Pesquisas sobre a Educação Profissional e Tecnológica. In: SILVA, Cláudio Nei N. da; ROSA, Daniele dos S; FERREIRA Marcos Ramon G (Orgs). Brasília, DF: Grupo Nova Paideia, 2022. Disponível em: <http://ojs.novapaideia.org/index.php/editoranovapaideia/issue/view/16/4>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SOUSA, Bernardina S. Araújo. **As relações de gênero nas políticas públicas de educação no município de Belo Jardim-PE: Silêncio ou Desvelamento?** 2006, 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2006.

TRIGUEIRO, Nathalya Cristina Ribeiro. **"Não tem como a gente entrar numa graduação e sair uma mesma pessoa, não"**: a construção da identidade profissional das discentes do curso de agroecologia (IFPB/Campus Picuí). 2018, 155f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, 2018. Disponível em:

<https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3576?mode=full> Acesso em: 12 nov. 2023.

TRAVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

VIANNA, Claudia. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 34, n. 121, p. 77-104, 2004.

VIEIRA, Josenia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. In: MAGALHÃES, Isabel; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Orgs.). **Delta**. São Paulo, v. 21, especial, 2005.

ZAIDAN, S.; REIS, D. A. F.; KAWASAKI, T. F. Produto educacional: desafio do mestrado profissional em educação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 16, n. 35, p. 1–12, 2020. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1707>. Acesso em: 12 out. 2024.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DESTINADOS ÀS COORDENAÇÕES DOS
NEGEDS**

Questionários às coordenações dos Negeds – IFPE Responsável pela pesquisa: Maria Aparecida Cruz

Campus: _____ **Coordenador(a)**
 _____ **Contato:** _____

1. O tempo histórico
2. Coordenação
3. Objetivos do núcleo
4. Conjunto de atividades realizadas
5. Pessoas atingidas – dados dos participantes
6. Empoderamento das mulheres
7. Documentos legais
8. O tempo do Neged no Campus
9. Breve apresentação situando a memória do Neged
10. A política no instituto sobre os NEGEDS
11. Como os eventos acontecem no Neged, no *campus*?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DESTINADOS ÀS MULHERES PARTICIPANTES DO NEGED

Dados de identificação:

Nome completo (Não será divulgado):

Número de telefone para possíveis contatos:

Reside em qual cidade:

Idade:

- 16-18 anos 18-22 anos 22-24 anos
 acima de 25 anos

Curso: _____

- 1- Como você soube da existência do NEGED no *campus*? (Assinalar mais de uma resposta, caso queira) nas redes sociais
 avisos em sala de aula
 através das palestras, minicursos e oficinas
 Através de colegas e professores/professoras através do movimento estudantil
 outra forma. Qual?
- 2- Qual é a importância do NEGED na instituição?
- 3- Como e por que você se tornou uma integrante NEGED?
- 4- Quais são as ações principais desenvolvidas pelo NEGED do seu campus?
- 5- Há atividades especificamente voltadas às mulheres? Se a resposta for positiva, responda quais.
- 6- O que você entende por Empoderamento Feminino?
- 7- Há atividades curriculares ou extracurriculares desenvolvidas na instituição que favoreçam o Empoderamento Feminino
- 8- Sua participação no NEGED fez você se sentir mais empoderada, enquanto mulher?
 Sim Não
- 9- Se a resposta acima for SIM, diga de que modo você percebeu essa mudança.
- 10- Nas considerações finais o que você acha relevante que não foi perguntado neste momento, destacar

APÊNDICE C – ENTREVISTA PARA MULHERES, PARTICIPANTES DO NEGED

Dados de identificação:

Nome completo:

Curso:

Você é vinculada ao NEGED? () SIM () Não

1- Perfil da estudante, identifique-se, por favor

2- Narre um pouco da sua história de vida como mulher-estudante.

3- Após a sua inserção no NEGED do seu *campus*, você se percebe diferente como mulher, mais corajosa, mais consciente dos seus direitos, mais empoderada? Conte-me um pouco **sobre essa percepção sua, sobre você mesma.**

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, ___ abaixo assinado, responsável pelo menor, autorizo o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE *Campus* Pesqueira /Recife por intermédio da aluna, Maria Aparecida Cruz, devidamente assistido pela sua orientadora Bernardina Santos Araújo de Sousa, a desenvolver a pesquisa abaixo descrita:

Título da pesquisa: EXPERIÊNCIAS EM NÚCLEOS DE ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE NUM INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA: QUAIS AS PEREPCÇÕES DAS ESTUDANTE SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO?

Objetivo Geral

Compreender, a partir das percepções de mulheres-estudantes, quais as contribuições dos Negeds para a superação das desigualdades de gênero, dada, sobretudo, na direção do Empoderamento Feminino.

Objetivos Específicos

- I- Visualizar os diversos entendimentos orientações que envolvem e regulam a dinâmica dos Negeds na estrutura do IFPE, a evidência a partir de um corpus documental;
- II- Analisar se *modus operandi* dos Negeds se a importância de práticas didático-pedagógicas que visam a formação com vistas à emancipação da mulher;
- III- Analisar experiências narradas por mulheres-estudantes, a fim de identificar os possíveis impactos causados em suas trajetórias de vida como mulheres;
- IV- Construir entendimentos sobre a percepção de si, narradas pelas mulheres-estudantes, na direção de se conceberem como sujeitas empoderadas
- V- Construir um *podcast* para ser apresentado e discutido na comunidade escolar, envolvendo recortes das experiências narradas, a fim de aprofundar entendimentos sobre o Empoderamento Feminino.

Descrição de procedimentos:

A pesquisa, de natureza qualitativa, se dará por meio da análise bibliográfica e documental e de entrevistas narrativas com mulheres/estudantes integrantes de Negeds do IFPE *Campus* Pesqueira/Recife. O movimento de pesquisa resultará em Produto Educacional, que será de fácil acesso para as participantes e também para a comunidade escolar através da construção de um *podcast*.

Justificativa para a realização da pesquisa:

Este trabalho investigativo pretende se debruçar sobre experiências construídas por mulheres, integrantes dos NEGEDS, acerca do empoderamento, como categoria de libertação no entendimento da Formação Humana Integral.

Nessa concepção de uma formação humana integral, baseada no pensamento de formação que busca o desenvolvimento das e dos estudantes em todas as prismas e dimensões da vida humana,

conforme preconiza Ramos (2014), compreende-se que o Núcleo de Estudos de Gênero está no horizonte dessa formação, contribuindo de forma significativa na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, por isso, capaz de incluir na sua proposta educativa a autonomia, o empoderamento dessas mulheres-estudantes.

Como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) é uma instituição que se compromete com a formação humana integral, e busca uma melhor condição de vida para os seus e suas estudantes, considerando que a formação integral passa por vários processos de legitimidade através das várias expressões entre elas, a construção de uma identidade livre, autônoma e justa frente à sociedade. Assim, percebe-se essa materialidade a partir da política de inclusão entre outras ações, por meio da criação dos Núcleos de Estudos em Gênero e Diversidade (NEGED). Vinculados à Pró-Reitoria de Extensão do IFPE (PROEXT), e com atuação em todos os *campi* da instituição, os Negeds constituem uma importante ferramenta para a produção do conhecimento e promover a inclusão dessas estudantes, conduzindo o processo de apropriação da comunidade escolar acerca da existência de inúmeras possibilidades de manifestações da necessidade do respeito, autonomia e seu empoderamento.

Diante do exposto, essa pesquisa, busca compreender como esses núcleos, frente ao compromisso da formação humana integral, defendida como horizonte das ações pedagógicas realizadas no IFPE, e da promoção da cultura de paz entre os diversos atores do processo de ensino e aprendizagem, no âmbito da instituição, promove o Empoderamento Feminino das mulheres estudantes.

Desconfortos e riscos esperados:

Esta pesquisa não acarreta riscos à saúde física ou psíquica dos participantes, tendo em vista sua proposta unicamente pedagógica de investigação. A participação dos sujeitos se dará, conforme exposto nos procedimentos metodológicos, por meio das entrevistas e da realização dos grupos focais. Assim sendo, não há risco algum para as mulheres entrevistadas.

Benefícios esperados:

Espera-se que os esforços empreendidos no contexto dessa pesquisa promovam reflexões acerca da diversidade do Empoderamento Feminino a fim de que se consolide a proposta institucional de formar o ser humano omnilateral. Por fim, espera-se que esse momento da pesquisa proporcione às mulheres-estudantes do IFPE uma oportunidade de se verem importantes e que possa contribuir para uma sociedade justa e igualitária e que sejam multiplicadoras para que novas mulheres se tornem empoderadas e que estimulem a sua libertação e de tantas outras mulheres que se encontram ainda presas em questões de dependência do homem seja no lado financeiro, sentimentos, patriarcal entre outros. Que elas possam de fato, serem protagonistas de sua liberdade e para que elas possam ser o que quiserem e lutarem por novas oportunidades de vida, de trabalho e justiça.

Os participantes têm a garantia de que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. O pesquisador supracitado assume o compromisso de proporcionar informações atualizadas obtidas durante a realização do estudo.

Retirada do consentimento:

A voluntária tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, não acarretando nenhum dano.

Aspecto Legal:

Elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos, atende à Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde - Brasília – DF.

Confiabilidade:

As voluntárias terão direito à privacidade. A identidade (nomes e sobrenomes) da participante não será divulgada. Porém, as voluntárias assinarão o termo de consentimento para que os resultados obtidos possam ser apresentados em congressos e publicações.

Quanto à indenização:

Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa.

Os participantes receberão uma via deste Termo assinada por todos os envolvidos (participante e pesquisador).

Dados da pesquisadora responsável:

Nome: Maria Aparecida Cruz

Endereço profissional: Avenida Professor Luís Freire, 500 Cidade Universitária- Recife PE.

Telefones: (81) 2125-1714 ou (81) 98771-5701

e-mail: cidavitor2003@yahoo.com.br e cidacruz@reitoria.ifpe.edu.br

ATENÇÃO: A participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em casos de dúvida quanto aos seus direitos, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da

Recife, _____ de _____ de 2023

Assinatura do Voluntário

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu **Maria Aparecida Cruz** CPF426.064.204/97, RG 2.895.928 SDS/PE, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras (Maria Aparecida Cruz e Bernardina Santos Araújo de Sousa do projeto de pesquisa intitulado **“EXPERIÊNCIAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: É POSSÍVEL SE FALAR SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO** “ a realizar as fotos/filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos/imagens (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Recife, de 20224

Entrevistada

Responsável Legal CPF e IDT (Caso o entrevistado seja menor - incapaz)

Pesquisadora responsável pela entrevista

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA PARA PESQUISA COM SERES HUMANOS

CENTRO UNIVERSITÁRIO
BRASILEIRO - UNIBRA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MULHERES INTEGRANTES DE NÚCLEOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: NARRATIVAS SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO

Pesquisador: MARIA APARECIDA CRUZ

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 74930723.8.0000.0130

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.437.810

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, documental e empírica que esta vinculada à Linha de Pesquisa Macroprojeto 6 - Organização e Memória dos Espaços em Educação Profissional e Tecnológica do Mestrado Profissional em Educação Profissional Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco e resultará um Produto Educacional, que será de fácil acesso para as participantes como também para a comunidade escolar através da construção de um podcast.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral –

Compreender, as contribuições dos NEGEDs para a superação das desigualdades de gênero, dada, sobretudo, na direção do Empoderamento Feminino, a partir das percepções de mulheres integrantes desses núcleos

Objetivos específicos –

Endereço: R. Padre Inglês, 356, Campus III, 1º andar

Bairro: BOA VISTA

CEP: 50.050-230

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)3036-0001

E-mail: comitedeetica@grupountbra.com

CENTRO UNIVERSITÁRIO
BRASILEIRO - UNIBRA



Continuação do Parecer: 6.437.810

Analisar os diversos entendimentos e orientações que envolvem e regulam a dinâmica dos NEGEDs na estrutura do IFPE, a partir de um corpus documental;

Analisar experiências narradas por mulheres, a fim de identificar possíveis impactos em suas trajetórias de vida como integrantes de um NEGED

Construir entendimentos sobre a percepção de si, narradas pelas mulheres entrevistadas na direção de se conceberem empoderadas

Construir uma série de podcast envolvendo recortes das experiências narradas e miniconferências, a fim de aprofundar entendimentos sobre o Empoderamento Feminino.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o projeto proposto, a pesquisa não acarreta riscos à saúde física ou psíquica dos participantes, visto que sua proposta é apenas pedagógica de investigação. A participação dos sujeitos se dará, conforme exposto nos procedimentos metodológicos, por meio das entrevistas e da realização dos grupos focais. Vale ressaltar que os participantes têm a garantia de que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. A pesquisa se dará na compreensão, a partir das percepções de mulheres quais as contribuições do NEGED para a superação das desigualdades de gênero, dada, sobretudo, na direção do Empoderamento Feminino, também irão compor esse produto miniconferências sobre o Empoderamento Feminino.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Diante do compromisso com a formação humana integral, há a necessidade de se discutir o Empoderamento Feminino nos espaços de formação para o trabalho. Buscando formação das pessoas deve corroborar com o desenvolvimento da humanidade, onde a existência é atravessada por modos de produção, e conseqüentemente, pelo consumo. Tomando essa concepção como direcionamento para a formação de trabalhadores e trabalhadoras, abordando questões referentes as relações de gênero no espaço da formação profissional, científica e tecnológica. Assim sendo, este trabalho investigativo pretende se debruçar sobre experiências construídas por mulheres integrantes desses núcleos, acerca do empoderamento, como categoria de libertação na perspectiva da Formação Humana Integral. Vê-se como indispensável que estudantes pertencentes à população LGBTQUIA+ e as mulheres e meninas possam, nos seus processos formativos construir e reconstruir conhecimentos sobre seus direitos, enfim, que, possam compreender a si mesmo e mesmas como sujeitos de direito. Portanto, este trabalho se torna relevante por considerar os saberes e práticas experienciadas e narradas por mulheres participantes dos

Endereço: R. Padre Inglês, 356, Campus III, 1º andar

Bairro: BOA VISTA

CEP: 50.050-230

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)3036-0001

E-mail: comitedeetica@grupountbra.com

CENTRO UNIVERSITÁRIO
BRASILEIRO - UNIBRA



Continuação do Parecer: 6.437.810

NEGEDs. Favorecendo para que a categoria Empoderamento Feminino reafirmando o lugar de presença da mulher na sociedade como protagonista e não como seres invisíveis que podem facilmente serem manipuladas, abusadas e assediadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes termos de apresentação obrigatória:

- Projeto de Pesquisa;
- Carta de anuência assinada dos campus onde a pesquisa será realizada;
- Folha de rosto;
- Termos de consentimento livre e esclarecido - TCLE
- Termos de Assentimento
- Justificativa de Ausência;
- Declaração de concordância;

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Incluir Termo de Uso de Imagem e Voz já que será feito Podcast.

Considerações Finais a critério do CEP:

Incluir Termo de Uso de Imagem e Voz já que será feito Podcast.

O protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO desde que inclua o termo solicitado para iniciar a coleta de dados. Informamos que a APROVAÇÃO DEFINITIVA do projeto só será dada após o envio da notificação com o relatório final da pesquisa.

O pesquisador deverá fazer o download do modelo de relatório final para enviá-lo via "Notificação", pela Plataforma Brasil. Após apreciação deste relatório o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos ainda que o (a)pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao voluntário participante (item V.3;da resolução CNS/MS N°466/12).

Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto,

Endereço: R. Padre Inglês, 356, Campus III, 1º andar
Bairro: BOA VISTA **CEP:** 50.050-230
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3036-0001 **E-mail:** comitedeetica@grupounibra.com

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BRASILEIRO - UNIBRA**



Continuação do Parecer: 6.437.810

identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES BASICAS_DO_PROJETO_2175345.pdf	12/09/2023 17:14:02		Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Termo_Confidencialidade_CEO_preenchido_assinado.pdf	12/09/2023 17:12:17	MARIA APARECIDA CRUZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALADO.docx	18/07/2023 18:17:01	MARIA APARECIDA CRUZ	Aceito
Brochura Pesquisa	CAMPUS_PESQUEIRA.pdf	18/07/2023 17:53:01	MARIA APARECIDA CRUZ	Aceito
Brochura Pesquisa	CAMPUS_RECIFE.pdf	18/07/2023 17:51:59	MARIA APARECIDA CRUZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/07/2023 17:46:55	MARIA APARECIDA CRUZ	Aceito
Declaração de concordância	Termo_de_Anuencia.pdf	18/07/2023 17:23:49	MARIA APARECIDA CRUZ	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	18/07/2023 17:15:27	MARIA APARECIDA CRUZ	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 20 de Outubro de 2023

Assinado por:
Elyda Gonçalves de Lima
(Coordenador(a))

Endereço: R. Padre Inglês, 356, Campus III, 1º andar
Bairro: BOA VISTA **CEP:** 50.050-230
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3036-0001 **E-mail:** comitedeetica@grupounibra.com

ANEXO B – PRODUTO EDUCACIONAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO - IFPE | CAMPUS OLINDA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - PROFEPT

O EMPODERAMENTO FEMININO EM DISCUSSÃO



Podcast

MARIA APARECIDA CRUZ
BERNARDINA SANTOS ARAÚJO DE SOUSA



Copyright © by 2024 **Maria Aparecida Cruz e Bernardina Santos de Araújo de Sousa**

Diagramação:

- Márcia Girleene e Silva
Egressa do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, campus Olinda.

Revisão:

- Maria Aparecida Cruz
Bernardina Santos de Araújo de Sousa

Texto e Roteiro:

- Maria Aparecida Cruz
Bernardina Santos de Araújo de Sousa

Produção, Edição, Voz e Sonoplastia:

- Yuri Gabryel Cabral da Silva
Júlio Henrique Silva dos Santos
Maycha Avelino de Araújo
Nielson Sales de Santana
Samuel Clemente de Oliveira Santos
Sofia Barros Pinheiro de Oliveira
Tamyres Soares Silva de Lira

Professor Coordenador:

- Professor Coordenador: Dilmas Brasileiro Veras

O Malungo Lab: laboratório de humanidades digitais e inovação social do IFPE, colabora com comunidades quilombolas e agências de turismo em trabalhos de marketing digital e inovação. <https://portal.ifpe.edu.br/recife/noticias/malungo-lab-presta-assessoria-a-quilombo-voltada-ao-desenvolvimento-do-turismo-de-base-comunitaria/>

S237v Santos, Ana Maria Gomes.
Violência contra a mulher idosa: conhecer, prevenir, combater, notificar e denunciar. / Santos, Ana Maria Gomes. – Olinda, PE: O autor, 2024.
37 f.: il., color. ; 30 cm.

Produto Educacional: Cartilha Informativa. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, Campus Olinda, Coordenação Local ProfEPT/IFPE - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, 2024.

Inclui Referências.

1. Educação – Idosos. 2. Mulheres idosas – Aspectos sociais. 3. Idosos – Violência. 4. Idosos – Direitos. 5. Envelhecimento - Mulheres. 6. Curso Método Casa Inclusiva. I. Sousa, Bernardina Santos Araújo de (Orientadora). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE. III. Título.

374.008

CDD (22 Ed.)

Catálogo na fonte
Bibliotecária Andréa Cardoso Castro - CRB4 1789

FICHA TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

ORIGEM: Trabalho de dissertação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, *campus* Olinda, intitulado “O Empoderamento Feminino Em Discussão”¹.

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ensino.

PÚBLICO-ALVO: Mulheres, docentes, discentes, servidores e público em geral.

CATEGORIA: *Podcast*.

FINALIDADE: Tem como objetivo fazer com que as mulheres possam retratar sua história de vida, com imagens, fragmentos de suas narrativas percepções de si para que, pela lembrança, possam fazer a travessia do que eram e do que são, em seu meio sócio-histórico, bem como do empoderamento apreendido ao longo de sua trajetória no Neged.

ESTRUTURAÇÃO: A produção do *podcast* envolveu mulheres integrantes dos Negeds do IFPE, cujos temas abordados foram o Empoderamento feminino, experiências nos Negeds e narrativas pessoais. O formato adotado foi de Miniconferências e narrativas, com o objetivo de criar um diálogo entre teoria e experiência. A série foi dividida em três seções, cada uma contemplando a fala de cada uma das participantes, tendo a série três episódios.

REGISTRO: Biblioteca Carolina Maria de Jesus do IFPE - *Campus* Olinda.

AVALIAÇÃO: Para a realização da testagem do Produto Educacional (*Podcast*), foram enviados, para o contato de *WhatsApp*, os episódios gravados, em anexo um *link* para acesso ao questionário de avaliação. Um total de cinquenta (50) pessoas participaram entre estudantes, docentes, técnicas(os) administrativas(os). No que se refere à identidade de gênero, 76% participantes se identificaram como Mulher, 24% como Homem, as opções Outro e Prefiro não dizer não foram assinaladas.

DISPONIBILIDADE: *Links* do *Google Drive*.

DIVULGAÇÃO: Disponível em formato digital no Repositório do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE).

IDIOMA: Português.

INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA: Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – *Campus* Olinda.

CIDADE: Olinda – PE.

PAÍS: Brasil.

¹ Este Produto Educacional está depositado no seguinte endereço eletrônico: <https://obsprofep.midi.upt.ifpe.edu.br/Egressos>

SUMÁRIO

Apresentação.....	04
A Tecitura do Produto Educacional/Podcast	05
Episódio 01.....	07
Episódio 02	11
Episódio 03	15
Considerações Finais	18
Autores	19
Referências	20
Glossário.....	21

Apresentação

A finalidade do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) para conceder o título de mestre requer a elaboração de um produto educacional. Sendo assim, estamos propondo o *podcast* "O Empoderamento Feminino em Discussão", a fim de fazer jus às mulheres participantes dos Negeds do IFPE, dos *Campi* Recife e Pesqueira. Este produto educacional tem como objetivo fazer com que as mulheres possam retratar sua história de vida, com imagens, fragmentos de suas narrativas, percepções de si para que, pela lembrança, possam fazer a travessia do que eram e do que são, em seu meio sócio-histórico, bem como do empoderamento apreendido ao longo de sua trajetória no Neged.

Morais (2020) afirma que "o produto educacional deve ser um material educativo que facilite o desenvolvimento de uma experiência de aprendizagem, propiciando a construção de novos saberes por meio da reflexão e da ressignificação de conhecimentos outros". Deste modo, a série de *podcast* será intitulada: "O Empoderamento em Discussão", e, certamente, irá corroborar com o processo formativo de outras mulheres para que, sabendo das transformações alheias, possam fazer a travessia necessária e se empoderar, se posicionando diferente do padrão da história que enquadra as mulheres na invisibilidade.

O Produto Educacional é uma prerrogativa para a conclusão do ProfEPT, previsto no regulamento do Programa, seguindo as diretrizes estabelecidas para a área de Ensino, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O referido produto deverá ser elaborado, testado por possíveis usuários, apresentado à banca de defesa, como material encartado ao texto dissertativo, para fins de sua validação. Em seguida deverá ser disponibilizado em repositórios institucionais, para consolidar sua socialização. Para Zaidan *et al.* (2020, p. 12),

A realização da pesquisa e a elaboração do produto educacional se intercambiam e se mostram como parte de um processo de formação docente, proporcionando que o(a) mestrando(a)-professor(a) tenha consciência de sua experiência profissional, das possibilidades e dificuldades de sua prática, um caminho profícuo de fortalecimento de seu desenvolvimento profissional -uma das metas do MPE.

Dentro do estabelecido pela Capes no Documento de Área, considerando ainda a possibilidade de existência de outros tipos de materiais, a tipologia referente aos Produtos educacionais, de acordo com Rizzatti *et al.* (2020), atende à seguinte categorização: Material didático/instrucional; Curso de Formação Profissional; Tecnologia Social; Software/aplicativo; Evento organizado; Relatório Técnico; Acervo; Produto de comunicação; Manual/Protocolo; Carta; mapa ou similar.

A Tecitura do Produto Educacional /Podcast

Neste trabalho, a opção pelo tipo de Produto Educacional apontou na direção da categoria audiodocumentário, sendo composto por uma série de *podcasts*, vinculado à categoria Produto de Comunicação. Nessa direção, o produto educacional proposto e exposto neste trabalho final de curso, contemplando miniconferências e narrativas sobre o tema em estudo, tem finalidade didática, recomenda-se o seu uso em situações didático-pedagógicas, em espaços de formação escolar e não escolar, apresenta-se como uma possibilidade de ampliar as discussões sobre gênero, diversidade e sexualidade na perspectiva do empoderamento feminino dentro e fora dos espaços dos Negeds.

O referido produto educacional, envolve miniconferências e narratividade, contemplativas de breves discussões e experiências acerca das seguintes temáticas: a) categoria empoderamento feminino; b) o Neged no IFPE; c) narrativas sobre si. As discussões (a e b) receberam contribuições de duas professoras do IFPE, estudiosas das Relações de Gênero, Sexualidade e Diversidade, coordenadora e ex-coordenadora de Negeds. As referidas exposições dialogaram com a temática do empoderamento no prisma da autonomia feminina, em todas as suas dimensões e na direção dos espaços coletivos.

A narrativa sobre si, na compreensão do contexto exposto, envolveu a participação de uma estudante, integrante do Neged. Neste contexto, também, evocou-se o aprofundamento de entendimentos e experiências acerca do Empoderamento Feminino. As exposições expostas nos diferentes episódios traduzem, sobretudo, uma percepção de e sobre si, enquanto mulheres que estão vinculadas ao IFPE e ou ao Neged. Nesse cenário, entende-se que essa técnica permite a libertação, à medida que as pessoas se renovam e refazem a própria vida por meio da reelaboração e ressignificação das experiências vividas. Pois,

A memória não é, absolutamente, o exercício de uma fuga do presente, nem tão pouco a tentativa genealógica de resgatar um passado que não mais existe, mas sim um movimento que se busca mergulhar na fluidez do tempo, com vistas a compreender seus múltiplos (e muitas vezes interrompidos) itinerários (Cambi, 2001, p.56).

A série foi dividida em três seções, contemplando a fala de cada uma das participantes, desse modo, com três episódios. A sua apresentação e o encerramento foram feitos pela mestranda, autora deste trabalho. Introduzindo e encerrando as seções, foram escolhidos os seguintes textos musicais: Maria, Maria (Milton Nascimento) e Cor de Rosa Choque (Rita Lee e Roberto de Carvalho). O quadro a seguir traz informações gerais e técnicas sobre o referido em pauta.

Quadro: Participantes do *podcast*

Episódios	Duração	Perfil das Participantes	Principal abordagem
1 ²	12 min e 19 seg.	Estudiosa das relações de gênero, professora e Atual coordenadora de um Neged do IFPE	Discussões do campo teórico envolvendo a temática de estudo
2 ³	15 min e 53 seg.	Estudiosa das relações de gênero, professora e Ex-coordenadora de um Neged do IFPE	Discussões do campo teórico-prático envolvendo a temática de estudo, destacando-se as experiências da instituição com o Neged, bem como a construção do corpus documental que oferece sustentação à criação e manutenção deste núcleo
3 ⁴	08 min e 26 seg.	Estudante vinculada a um Neged do IFPE	Experiências sobre si com a temática de estudo, dentro e fora do IFPE.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A abordagem com as participantes do *podcast* foi feita por meio de contatos telefônicos, por *WhatsApp*, conversas e outros. O procedimento foi agendado e orientado, um roteiro foi distribuído contendo informações referentes ao objetivo do *podcast*, duração, abordagem, objetividade, finalidade, dentre outras. As gravações foram feitas nos celulares das participantes, repassadas à pesquisadora, após analisadas foram entregues ao grupo de editores que integram o Projeto Malungo Lab.

Os eventos envolvendo a gravação, a abertura e o encerramento dos três episódios foram gravados no laboratório que abriga os trabalhos desse projeto, assim como todos os procedimentos técnicos que envolveram a feitura e a testagem interna do material. O acesso a todos os episódios sequenciados, sem interrupção, encontra-se disponível em único link.⁵

² https://drive.google.com/file/d/1BLoWM5NcRzInsojP1VB3ollw1g_NyEO/view?usp=drivesdk

³ <https://drive.google.com/file/d/1BVLe-O7pJxdIvJPu0G7JvGBURKQgKY4L/view?usp=drivesdk>

⁴ <https://drive.google.com/file/d/1BRK7cbNKSXV14rGmHVLm0RBLU0Paf0nL/view?usp=drivesdk>

⁵ <https://drive.google.com/file/d/1BXIRhXEIDaspD-xCvLYeGQRcw7TQ5Jw3/view?usp=drivesdk>



EPISÓDIO 1 – Podcast com a Professora Sandra Gomes: IFPE Campus Belo Jardim

Podcast

O Empoderamento
Feminino em Discussão

Autoras:
Maria Aparecida Cruz
Bernardina Santos Araújo de Sousa



https://drive.google.com/file/d/1BLoWM5NCrZInsoCjPIVBJollw1g_NvEO/view?usp=drivesdk

Transcrição da série de *podcast*⁶

Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta [...] (Nascimento, 1978).

Olá, boas-vindas a todos, todas e todes que nesse momento nos escutam. Sou Maria Aparecida Cruz, mestranda do programa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ProfEPT e IFPE *Campus* Olinda. Junto a minha orientadora, a professora doutora Bernardina Santos Araújo de Sousa, apresentamos o *podcast*: Empoderamento Feminino em Discussão.

E, nesse momento, iniciamos e agradecemos a colaboração da professora Sandra Gomes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), *Campus* Belo Jardim. A professora Sandra Gomes é graduada em Letras, com Licenciatura em Português e Inglês, pela UPE, e Mestre em Educação e Culturas e Identidades, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Atuou como professora efetiva da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) *Campus* Belo Jardim. Tem experiência e prática no debate sobre gênero e diversidade sexual e é coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade (Neged), do *Campus* Belo Jardim.

Bom dia a todas e todos. Primeiramente, gostaria de agradecer à professora Bernardina Araújo e à Aparecida Cruz por esse convite e, ao mesmo tempo, parabenizar pela bela iniciativa de compor esse material tão importante e tão necessário. Bem, mas como eu fui convidada a falar sobre Empoderamento Feminino, gostaria de iniciar nossas reflexões pela noção construída em torno da palavra empoderamento.

A palavra empoderamento é um neologismo que se formou a partir da palavra *empowerment*, do inglês, está geralmente muito ligada ao meio empresarial e à ideia de descentralização de poderes. Consultando o Aurélio, com palavras já dicionarizadas, encontrei duas definições. A ação de se tornar poderoso e de passar a possuir poder, é a primeira, e a segunda, passar a ter domínio sobre sua própria vida, ser capaz de tomar decisões sobre o que diz respeito.

⁶ WhatsApp Audio 2024-10-14 at 15.17.31 (1). Transcrito por TurboScribe.ai. Atualize para ilimitado

Depois dessa consulta, fui buscar o que tinha na internet sobre Empoderamento Feminino. Encontrei uma noção bem resumida que dizia o seguinte: conceder poder individual, social e político às mulheres. E aí a gente pensa: quem concede? Quem diz que vai conceder mais poder às mulheres assume que tem o poder.

Então o conceito de empoderamento, para além de trazer essa noção, esse domínio sobre a própria vida da mulher, também questiona ou interpela as estruturas de poder. Eu gostaria de trazer, ainda sobre empoderamento, as noções que traz Joyce Berth⁷, no livro Empoderamento, da Coleção Feminismos Plurais. Segundo Joyce Berth, o empoderamento se constrói a partir de quatro pilares. O primeiro deles é a consciência cognitiva, a necessidade de estudar, de se apropriar de conceitos que tratam das questões que pesam sobre a nossa vida. O segundo deles é o fortalecimento.

É um reconhecimento da nossa condição enquanto ator econômico e financeiro.

O que você produz ou o que nós produzimos? Ou o que ainda podemos produzir? Onde poderíamos estar produzindo? O terceiro pilar é o pilar da dimensão psicológica. Reconhecer o quanto as operações sociais podem fragilizar o psicológico das pessoas ou o nosso psicológico nessa interação social. O quarto pilar seria o da conscientização política. Não uma político-partidária ou institucional, mas de ações que podem ser realizadas no cotidiano, no dia a dia.

Um exemplo disso é uma reunião comunitária de mulheres para discutir ou reivindicar o direito a mais creche naquela comunidade, por exemplo. Segundo Joyce, esses pilares ocorrem dentro de uma dimensão individual e coletiva.

Há uma simbiose entre o empoderamento individual e o empoderamento do grupo. Ninguém se empodera individualmente se o grupo não estiver empoderado. Ao mesmo tempo em que, para que esse grupo seja empoderado, ele precisa também da ação individual.

Então, é um processo de simbiose. Para que a gente possa perceber ou vislumbrar isso melhor, vamos imaginar uma mulher num cargo de liderança de uma grande empresa internacional. Vamos questionar: quem é essa mulher? Geralmente, é uma mulher branca que, pelo caminho ou na sua trajetória, encontrou privilégios e condições favoráveis para alcançar aquela posição, aquela condição.

O que é que fica mais presente ou o que é que fica mais latente para nós, aí? A ideia de meritocracia. Essa ideia de meritocracia não interpela as estruturas de poder, porque ela se caracteriza a partir de uma conquista individual daquela mulher. A gente até pode dizer que ela é uma mulher empoderada, mas se for pensar o conceito de empoderamento dentro da sua construção, você vê que aquele benefício é um benefício conquistado individualmente.

Então, se você consegue um benefício individual e esse benefício não é revertido para um grupo minoritário ou para o grupo minoritário em que você está inserido, não se está aplicando o conceito de empoderamento, porque não está modificando a vida de outras pessoas ou de outras mulheres. Então, o Empoderamento Feminino está ligado a uma consciência coletiva por parte das mulheres e é construído de ações tomadas por mulheres que não se deixam ser inferiorizadas pelo seu gênero e tomam atitudes que vão contra o machismo e o sexismo imposto pela sociedade. Essa luta contra o sexismo presente em toda a nossa estrutura social, ela demanda o empoderamento das mulheres.

O movimento feminista trouxe muitas conquistas, mas a estrutura que ainda nos governa nos diz o quanto ainda precisamos lutar, estudar para mover essas estruturas de poder que estão aí. Então, falar de empoderamento é discutir as relações de poder a partir, inclusive, de questionamentos de situações muito simples no nosso cotidiano, mas que pesam sobre nossa vida. Quem pode andar ou não andar à noite na cidade? Como a família divide o trabalho doméstico? Essa segunda questão é uma questão que mexe com o cotidiano das pessoas.

Tanto a primeira quanto a segunda, a gente fazer uma reflexão sobre ela e tentar modificar algumas questões relacionadas a ela traz mudanças significativas sobre a vida das pessoas. Só

⁷ Joyce Berth formou-se em arquitetura e urbanismo, é escritora e feminista, curadora e psicanalista. Cria conteúdo para as redes sociais e plataformas como a Revista "Elle Brasil" e o "Portal Terra", sobre temas de conscientização de questões sociais, desigualdades e saúde mental. feminista negra.

essas duas questões muito simples já podem trazer uma mudança significativa para a vida das pessoas. E, aí cabe refletir, e eu trago aqui o que nos diz bell hooks.

"A noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a lógica de que a dominação masculina está intacta. Seja o homem presente em casa ou não" (Hooks, 2018, p. 18)⁸. Se a gente for observar isso que a bell hooks diz, na maioria das famílias em que a gente tem mãe-solo, a gente ainda consegue perceber isso.

É a lógica patriarcal que ainda está no pensamento e nas ações dessas mulheres sozinhas, quando educam suas filhas e filhos. A gente sabe que isso tem modificado, tem se modificado, mas ainda está presente essa lógica e essa noção patriarcal em muitas famílias. A informação é um dos processos mais importantes do empoderamento.

E aí, nesse sentido, a atuação dos núcleos de gênero e diversidade dentro dos institutos federais emergem como espaços de empoderamento para as novas gerações, porque são nesses espaços que acontecem esses debates, na verdade, que precisam acontecer nas instituições de ensino como parte da formação das estudantes e dos estudantes. Nessa sociedade em que a gente tem ainda muito sexismo e ainda muitos discursos engendrados, discursos midiáticos, engendrados pela lógica patriarcal, é importante a gente estar bem atento para o esvaziamento do conceito de empoderamento.

Não é o fato de você ter uma pessoa, de uma mulher ser bem-sucedida financeiramente ou usar um batom vermelho que vai tornar essa mulher empoderada. Essa mulher pode ter uma lógica dentro da sua casa em que ela é prejudicada ou pode sofrer violência doméstica. Então, a mídia constrói alguns símbolos e as redes sociais os distribuem de forma tão capilarizada que terminam embaçando a ideia de Empoderamento Feminino e passando a discutir algumas questões, ou as principais questões que nos pesam de forma superficial.

Nós precisamos sair dessa superfície e aprofundar o processo de empoderamento das mulheres em todos os espaços. E a escola é um dos lugares em que esse processo pode se constituir de forma mais consistente, porque o empoderamento feminino é um processo contínuo, individual e coletivo, com muitas idas e vindas, uma vez que a luta pela equidade de direitos está muito, muito longe de cessar e ainda há muitos espaços em disputa. Nesse sentido, para finalizar, eu gostaria de fechar com as palavras de Audre Lorde (2019, n.p.)⁹: "Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas". Então, é isso, gente. Muito obrigada pela oportunidade e espero ter contribuído.

Um abraço. Muito obrigada, professora Sandra Gomes, pela sua excelente contribuição e participação em nosso podcast.



⁸ HOOKS, Bell. Políticas feministas: em que ponto estamos. *In: O feminismo é para todo mundo*. Políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

⁹ LORDE, Audre. *Irmã outsider*: ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019.

EPISÓDIO 2 – Podcast com a Professora Nathalia da Mata: IFPE, Campus Recife/DAE Reitoria

Podcast

O Empoderamento
Feminino em Discussão

Autoras:
Maria Aparecida Cruz
Bernardina Santos Araújo de Sousa



<https://drive.google.com/file/d/1BVLe-O7pJxdIvJPu0G7JvGBURKQGY4L/view?usp=drivesdk>

Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta [...] (Nascimento, 1978).

A vida institucional, das diferenças que estão ali transitando nessa vida institucional.

E nesse momento, para darmos continuidade ao nosso podcast Empoderamento Feminino em Discussão, apresentamos e agradecemos a colaboração da professora Natália da Mata, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Campus Recife. A professora Natália da Mata é socióloga, mestra e professora de Sociologia do IFPE Campus Recife. Atuou como coordenadora do Neged (Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade) do Campus Belo Jardim e do Campus Recife. Atualmente ela é diretora da DAE-Reitoria, Diretoria de Assistência ao Estudante.

Olá, sou Natália da Mata, professora de Sociologia do Instituto Federal de Pernambuco e comento um pouco sobre a minha experiência como coordenadora dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade dos campi Belo Jardim e Recife. Os Negeds, como são conhecidos os Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade, são espaços de pesquisa, de extensão, de produção de atividades cotidianas na instituição que criam a possibilidade de novas imaginações a respeito dos corpos que compõem a forma de ventilar ideias, uma nova forma de fazer circular afetos na vida institucional.

É preciso a gente perceber, a gente capturar uma nova imagem educativa quando a gente olha para os Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade dentro do Instituto Federal de Pernambuco. Esse é um ponto que eu gostaria de destacar, antes mesmo de falar desse espaço como um espaço gerador de... como eu poderia dizer... de possibilidades para a tomada de consciência ou para o exercício da reflexão crítica das mulheridades, das diversas pessoas que ali transitam, habitam, debatem e trazem as suas reflexões. Que as instituições educacionais são espaços de produção e reprodução de corpos, sabemos.

Especialmente se a gente fizer uma leitura um tanto quanto foucaultiana de como as abordagens educacionais inclinam uma capacidade de adequação desses corpos, dos pensamentos e dos seus comportamentos na instituição. É algo que se impõe, se a gente pensar nas relações de poder. Neste âmbito o poder é identificado como algo que está ali

imposto àquele corpo que transita na instituição. Pode ser considerado, inclusive, uma angústia, se a gente pensar junto com a Judith Butler.

Há uma obediência cotidiana, um respeito às leis, um impacto efetivo das formas de repressão que existem, inclusive dentro dos ambientes educacionais. Então espaços como os núcleos de gênero e diversidade, que permitem o debate, que permitem a reflexão, que abrem margem, que abrem frestas para a reflexão, são importantes lugares de autodeterminação política.

Neste sentido, à medida que nós vamos, enquanto profissionais da educação, na minha condição de professora, de coordenadora, conduzindo trabalhos acadêmicos, trabalhos extensionistas, articulados com outras pessoas da instituição, dentro de um núcleo que predispõe condições para que a gente repense um pouco as medidas, as formas de fazer uma pedagogia, as formas de fazer e criar conhecimento e as formas de estar, existir, expressar-se, performar dentro da instituição, é muito importante.

Eu considero que os Negeds, de fato, criam uma nova forma de ventilar ideias, uma nova forma de fazer circular afetos na vida institucional. E isso é extremamente salutar, saudável, pertinente, especialmente quando a gente pensa nas várias dificuldades e obstáculos que as populações consideradas minoritárias, que são chamadas minorias políticas, estão conseguindo ingressar cada vez mais por conta das políticas públicas nos espaços educacionais.

Então pensar a frequência das mulheres, a frequência das mulheres trans, a frequência dos corpos da diferença nas instituições educacionais, é extremamente importante para o funcionamento do Neged, e o Neged é extremamente importante para a continuidade desse trânsito, para a reflexão em relação a esse trânsito de corpos da diferença e para a permanência desse trânsito de corpos da diferença na instituição educacional.

Então eu acredito que o Neged na minha experiência pedagógica e acadêmica seja um espaço de extrema felicidade, no sentido de que ele de fato nos faz respirar novos ares para imaginar novas formas de pedagogia.

Eu acredito que fique claro que o empoderamento, a potencialização de aspectos políticos para a diversidade, para as pessoas subalternizadas ao longo do tempo histórico, condiciona, inclusive, transformações nos aspectos institucionais mais estruturados. Então os regramentos institucionais começam a ser questionados, criticados, repensados.

De certo modo, os núcleos nos permitem uma potencialidade política de transformação institucional. É superinteressante pensar, por exemplo, quando falamos de políticas inclusivas, que apesar da noção de inclusão, não estamos falando somente de assistência. Não estamos falando somente de apoio e de cuidado.

Estamos falando, sim, de apoio, de cuidado, de assistência, mas também de dispositivos que podem engendrar transformações significativas na vida institucional. Modificar, de fato, a instituição de ensino para que ela comporte cada vez mais a presença das diferenças e seja cada vez mais salutar na transformação dessas vidas.

Em outras palavras, os Negeds são espaços que propõem a formulação de políticas de inclusão numa chave, de fato, emancipatória, porque além de garantir acolhimento, de levantar temáticas que são plurais e têm como princípio norteador os princípios e diretrizes democráticos e dos direitos humanos, também se trata de um espaço que precisa necessariamente colocar, acionar como princípio a crítica como fonte geradora de novas diretrizes.

Então os propósitos da política são necessariamente agonísticos nos núcleos de gênero e diversidade. Necessariamente eles são insolentes com a sua própria permanência, com a sua própria necessidade de mudança constante.

Quando converso, dialogo sobre os núcleos de gênero e diversidade, sempre gosto de propor uma observação a partir de dois aspectos fenomenológicos e intersubjetivos relacionados a esses movimentos corpóreos, ao movimento de corpos que percorre, que performa na arquitetura institucional educativa e como esses corpos produzem efeitos e significados diversos dos que estão pré-estabelecidos pelo senso disciplinador, aquele senso disciplinador ancorado na cis heteronormatividade.

Então, especialmente a experiência do corpo como território, como historicidade, materialidade, é importante da gente observar essa dinâmica, esse fenômeno, a partir dos espaços gerados pelos núcleos de gênero e diversidade, das experiências geradas, pensadas, construídas, elaboradas dentro dos núcleos de gênero e diversidade, como também, por outro lado, a reprodução da estrutura normativa que vai disciplinar a dinâmica educativa. Ao reproduzir uma dinâmica educativa, a instituição da educação está ali, vamos dizer assim, tentando manter a norma geradora. Quando acontece um encontro dessa dinâmica com uma nova experiência de novos corpos, corpos pensados como território, como historicidade, como materialidade, quando esse confronto acontece, a gente tem aí uma dinâmica de conflito.

Muito interessante de se observar e de perceber como é importante essa complexidade na vida institucional educativa para produzir novas fontes discursivas, novas expressões de performatividade.

O outro na instituição, seja ele a travesti, a pessoa transgênero, não binária, LGBT, sejam as diversas mulheridades, eles, elas, eles estão colocados na instituição também como pontos de decisão, também como pontos que criam frestas, brechas, para se ventilar, como disse inicialmente, novas ideias.

Em outras palavras, a revelação da presença desses corpos marcados, identificados, tensiona certa normalidade, entre aspas, essa normalidade institucional, e ao mesmo tempo aciona as forças inculcadas na sociedade a partir dos estigmas, propõe novas leituras sobre esses modos de existência, de experiência, e, conseqüentemente, sobre a realidade.

Então, necessariamente, a gente tem a produção de um espaço crítico. Eu penso que a experiência de potencialidade política proporcionada pelos Negeds, ela é consequência desse espaço crítico, desse espaço também de conflito, desse espaço necessariamente questionador.

Uma das observações que eu consegui realizar ao longo do tempo de experiência como coordenadora, especialmente do Núcleo de Gênero e Diversidade de Belo Jardim, foram os atritos entre os corpos dissidentes e a própria norma educativa.

Então, por isso que eu gosto de destacar essa temática, que, para mim, ela é extremamente fortalecida pela existência dos núcleos. Esse atrito entre os corpos dissidentes e a norma educativa gera a possibilidade da crítica e de uma inovação dentro do campo pedagógico. Isso eu noto como uma experiência muito importante para se pensar uma nova arquitetura institucional, uma nova arquitetura educativa.

Trata-se de um movimento que produz uma necessária desestabilização e leva a mudanças institucionais. Penso que leva também a mudanças particulares, que leva também a experiências particulares, subjetivas, individuais, por que não, muito significativas. Então, há,

sim, uma potência muito significativa para que as pessoas se encontrem e, em reunião, estabeleçam novos movimentos políticos.

Por fim, a experiência de estar, performar, contribuir com a elaboração dos núcleos de gênero me fazem pensar em como as instituições educacionais muitas vezes retroalimentam ficções somáticas.

E como é importante espaços como os núcleos de gênero-diversidade, como é importante a reunião de pessoas das mais diversas dentro de um espaço educativo com essas características para a gente conseguir, de fato, construir uma novidade pedagógica, construir uma novidade educacional, uma novidade institucional.

Não há como a gente esgotar, numa conversa rápida, todos os elementos que estão ali produzindo novas identidades a partir desse espaço pedagógico, que é o núcleo de gênero-diversidade.

Mas é muito importante a gente ter esse espaço formativo sempre sendo colocado em questão, em debate, para a gente ter em mente e ter uma maior facilidade de perceber as suas contribuições para gerar potencialidades políticas inovadoras, emancipação, em novas formas de imaginação pedagógica.

Agradeço a oportunidade. Um abraço a todos, todas e todes.

Muito obrigada, professora Natália da Mata, pela excelente contribuição e participação nesse nosso podcast. Eu e a minha orientadora agradecemos imensamente. Um grande abraço.

Nas duas faces de Eva A Bela e a Fera (Lee, 1982).

EPISÓDIO 3 – Podcast com a estudante Mariá Holanda Lima: IFPE, Campus Recife

Podcast

**O Empoderamento
Feminino em Discussão**

Autoras:
Maria Aparecida Cruz
Bernardina Santos Araújo de Sousa



<https://drive.google.com/file/d/1BRK7cbNKSXV14rGmHVLMoRBLi0Paf0nL/view>

Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta [...] (Nascimento, 1978).

E nesse momento apresentamos e desde já agradecemos a participação da estudante Mariá Lima, do quarto período do curso de Ensino Médio Integrado em Segurança do Trabalho do Campus Recife, que desde o seu primeiro período está vinculada e participa dos projetos e outras atividades ligadas ao Neged. Ela também é uma das participantes da nossa pesquisa e quem vem colaborar com a sua experiência no Neged. É com você, Mariá.

Olá, me chamo Mariá de Holanda, sou estudante do Instituto Federal e faço o curso Técnico Integrado em Segurança do Trabalho.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer esse convite especial à mestranda Aparecida Cruz e a sua orientadora, Professora Dra. Bernardina Sousa, do IFPE, para que eu possa participar um pouquinho nesse podcast, chamado Empoderamento Feminino em Discussão. Empoderamento feminino sempre foi um termo presente na minha vida. As discussões começaram a ficar muito mais fortes para mim quando eu era do Fundamental 1 até o Fundamental 2, onde eu criei uma base muito forte sobre esse tema.

Eu tive o privilégio de ser estudante de um colégio construtivista, onde desde o princípio nós, alunos, éramos orientados a sempre pensar criticamente sobre a sociedade. Então, a gente não só sabia resolver as questões de matemática, mas a gente também sabia questioná-las, a gente também sabia levantar discussões sobre diversos temas que são presentes na nossa sociedade, e entre eles, de racismo, xenofobia, estava o empoderamento feminino. Eu tive a sorte de ter conhecimento ao longo do meu Fundamental sobre diversas cientistas mulheres e de pensar e entender que eu também poderia ser cientista se eu quisesse.

Coincidentemente, eu me tornei aluna do Instituto Federal, que é conhecido por ser um colégio técnico e científico. Então, eu adentrei o Instituto Federal no primeiro semestre como aluna de edificações, mas ao passo que eu fui conhecendo um pouquinho das matérias técnicas, eu me vi bastante em segurança do trabalho. Como eu faço curso integrado, eu também tive contato com professores de história, de português, de sociologia e

principalmente de filosofia.

Eu gostaria de mencionar a minha professora, chamada Fernanda Celle, que no meu primeiro período me fez um convite muito especial. Esse convite veio a mim e a mais duas colegas, onde ela chamava a gente para a gente fazer parte de um núcleo de estudos de diversidade de gênero que estava sendo reativado lá no Instituto Federal. O Neged, ela explicou para a gente lá no primeiro período, que tinha dado uma baixa no número de estudantes que eram participantes desse núcleo de estudos.

E ela explicou que a pandemia dificultou muito, né? O modelo virtual realmente prejudicou o encontro, onde faziam diversas discussões sobre livros e artigos, enfim. O grupo de estudos era realmente um grupo bastante ativo no Instituto Federal e que por causa da pandemia isso tinha ficado um pouco de segundo plano. Quando ela chamou a gente, a gente se animou logo, né? Eu principalmente, porque eu tive o prazer de poder finalmente voltar a ter essa veia ativa na voz das mulheres.

E aí a gente mexeu no Instagram, a gente fomentou diversas discussões e eu lembro que a gente falou um pouco sobre interseccionalidade. É um termo muito novo no estudo sociológico, né? Mas é um termo muito interessante para a gente entender questões como empoderamento feminino também. A interseccionalidade, ela explica para a gente que as coisas não são divididas nas caixinhas, né? Então, por exemplo, uma mulher preta, pobre, periférica, ela não vai estar na mesma caixa de discussão de uma mulher branca com seus privilégios.

Então, assim, eu pude ampliar muito mais a minha ideia de empoderamento feminino e todas as teorias que eu já tinha dentro de mim. Pude também discutir isso, por exemplo, num jantar de família. Eu tenho a sorte também de ter uma família de mulheres muito fortes e de mulheres que por toda a sua história lutaram bastante.

Minha mãe, por exemplo, foi uma das pioneiras na ideia de colocar a mim e a minha irmã num colégio construtivista, onde a gente poderia ter esse contato que ela teve a partir da minha avó, com esse tipo de discussão. Então, minha mãe sempre participou muito dos projetos que a gente fazia no Neged. Ela sempre via e sempre participava de alguns debates que eu levantava aqui no jantar de casa sobre o grupo de estudos, sobre os livros e artigos que a gente estava lendo.

E, com muita sorte, mas trabalho e dedicação, nós, discentes e docentes que fazemos parte do Neged, a gente conseguiu alcançar muitos estudantes. A SNCT, por exemplo, ela agora não era só mais uma feira científica, onde os professores de história, de, enfim, as ciências da natureza, as ciências exatas iriam colocar seus trabalhos, mas também um momento onde o Neged se fez muito presente. E a gente conseguiu atingir diversos estudantes e poder falar sobre empoderamento feminino.

Eu sei que a grande maioria das pessoas que levantam essas discussões importantíssimas no Neged são mulheres e são mulheres científicas... cientistas, desculpa, são mulheres que sempre passaram por dificuldade, por exemplo, na área que escolheram. Então, a gente sabe que a mecânica é majoritariamente uma área masculina e essas mulheres estão lá e estão, pelo fato de estarem presentes nesse curso, que é um curso majoritariamente masculino, elas já se mostram bastante fortes. E o Neged pode vir como esse apoio a essas mulheres, a essas mulheres científicas que, assim como eu, entraram no IFPE com o sonho.

Então, eu espero que... agora eu estou um pouco afastada do Neged, mas eu espero que a gente consiga políticas públicas, aí, pela frente que possam fazer com que a gente fomenta

cada vez mais esse projeto e nunca deixe ele ser apagado, porque ele é importantíssimo para a história do IFPE e para a atualidade das mulheres cientistas que estudam nesse Instituto Federal.



Considerações finais

Este *podcast* sobre empoderamento feminino nos conduz por um caminho de descobertas, reflexões e aprendizagens. Ao longo dos episódios, fomos apresentados a diversas perspectivas e histórias de vida que enriquecem e ampliam nossa compreensão sobre o tema.

Como resultados da avaliação do Podcast, destacamos a satisfação com a indicação de que os avaliadores do Produto Educacional, de fato, escutaram o *podcast* e responderam com segurança às questões observadas, o que nos faz acreditar na importância do nosso trabalho de pesquisa.

Este *podcast* não só oferece explicações importantes sobre as diversas formas de empoderamento, como também destaca a relevância de unir conhecimento acadêmico e vivências pessoais para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

O engajamento com os Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade (Negeds) do IFPE amplia ainda mais o impacto do conteúdo, alcançando e inspirando mais mulheres dentro e fora do instituto.

Ao proporcionar um espaço para diálogos abertos e inclusivos, este *podcast* se posiciona como uma ferramenta poderosa para fomentar a conscientização e promover a igualdade de gênero, refletindo o compromisso com a transformação social. Continuemos a ouvir, aprender e agir, sempre juntos nessa caminhada pelo empoderamento feminino e a diversidade.

AUTORAS



Mestra do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Possui graduação em Pedagogia com Orientação Educacional pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE) (1993). Pós-Graduação em Supervisão Escolar pela Univero Em Psicopedagogia pela UPE e Especialização em PROEJA pelo IFPE. Foi Professora Coordenadora Pedagógica bolsista do PRONATEC do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de PE - IFPE. Professora Tutora e bolsista pela Universidade Aberta do Brasil nos Cursos de Licenciatura em Matemática, Geografia e Tecnólogo em Educação Ambiental. Professora Tutora Virtual no Curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática pela UAB -UFRPE Pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora e Técnica Pedagógica da Secretaria de Educação do Estado de PE. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, Educação de Jovens e Adultos, Direitos Humanos, Inclusão Social, Paulo Freire, Empoderamento Feminino.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0715933285305483>
E-mail: cidacruz@reitoria.ifpe.edu.br



Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1988), especialista em Sociologia (1988) especialista em História do Brasil (1990), mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2006) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2013). Atualmente é docente do Instituto Federal de Pernambuco, professora do curso de Licenciatura em Música do Campus Belo Jardim; membro do Núcleo Docente Estruturante desse mesmo curso; Professora e membro da Comissão Acadêmica Local do Mestrado Profissional em Educação Profissional PROFEPT- IFPE; Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Música. Membro do Comitê Científico do IFPE; Pesquisadora na área de Currículo e Cultura; Práticas Pedagógicas em Espaços educacionais Formais e não formais; Relações de Gênero e Educação; Inclusão e Diversidade em espaços formais e não formais de ensino em EPT. Membro do Grupo de Pesquisa DIPEM - Diálogos Intercontextuais: Psicologia Cultural, Educação e Educação Musical; Membro do Grupo de Pesquisa: Trabalho, Formação e Educação Superior (UFPB PPGAES) e do grupo de pesquisa: Organização, memórias e práticas educativas na Educação Profissional e Tecnológica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4929110097621126>
E-mail: bernardina.araujo@belojardim.ifpe.edu.br

Referências

ZAIDAN, S.; REIS, D. A. F.; KAWASAKI, T. F. Produto educacional: desafio do mestrado profissional em educação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 16, n. 35, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1707>. Acesso em: 12 out. 2024.

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA, Andrea P; MATTOS, Francisco.; RÔÇAS, Giselle; SILVA, Marcos André B Vaz da; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de S.; OLIVEIRA, Rosemary R. de. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores**. ACTIO, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657/7658>. Acesso em: 20 set 2024.

MORAIS, Johana de Angelis Cavalcante de Moraes. **Gênero e Diversidade Sexual: as experiências de estudantes LGBTI+ na Educação Profissional e os desafios no mundo do trabalho**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Pernambuco, 2020.

GLOSSÁRIO

Nesta seção, apresentamos um glossário dos termos elencados por nossas entrevistadas durante as nossas conversas no *podcast*.

Autodeterminação política¹⁰: O princípio da autodeterminação dos povos é um princípio de Direito Internacional que procura assegurar a independência, a liberdade e o direito de organização própria dos povos. Visa proteger o direito dos povos de determinar o seu sistema de governo, organização económica e sociocultural.

Cis heteronormatividade¹¹: A cis heteronormatividade prevê uma sociedade em que predomina a norma de que os corpos são cis género e heterossexuais, colaborando para manutenção de violências que são nossas velhas conhecidas como machismo, sexismo e patriarcado.

Corpo como historicidade¹²: A história da nossa sociedade está no nosso corpo, nos comportamentos, símbolos corporais, na nossa saúde, na forma como nosso Corpo se expressa, ele traz representações de aspectos

estruturais da nossa vida coletiva, é muito importante entender o corpo na sua totalidade.

Corpo como território¹³: práticas sociais densas de espacialidade, isto é, as práticas espaciais destes sujeitos, revela o medo contido a partir de diferentes imposições, ocupam, disputam e produzem o campo e a cidade a partir das relações dialógicas estabelecidas por meio de suas práticas sexuais e comportamentais.

Empoderamento a potencialização de aspectos políticos para a diversidade¹⁴: Trata-se de abordagem histórica e conceitual do processo de empoderamento, tomando-o como elemento relevante à compreensão das possibilidades e dos limites na promoção da participação social e política. Termo multifacetado que se apresenta como um processo dinâmico, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e condutuais.

Empoderamento Feminino¹⁵: no

¹⁰ Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/principio-autodeterminacao>. Acesso em 20 nov. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://manamiga.pt/comunidade/o-que-e-cisgeneridade-e-heteronormatividade/> Acesso em 20 nov. 2024.

¹² Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br> Acesso em 20 nov. 2024.

¹³ Disponível em: <https://editorarealize.com.br/analisananpege> Acesso em 20 nov. 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000400016> Acesso em 20 nov. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://www.politize.com.br/empoderamento-feminismo> Acesso em 20 nov. 2024.

contexto dos movimentos feministas, refere-se ao processo de conquistar poder, autonomia e controle sobre a própria vida e decisões, especialmente para mulheres que historicamente foram marginalizadas, oprimidas ou subjugadas. Esse conceito é multifacetado e envolve tanto uma transformação individual quanto coletiva, abordando questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

Estrutura normativa¹⁶: consiste em uma prática social que estabelece que as normas que satisfaçam certas condições são válidas. Cada sistema normativo tem sua própria regra de reconhecimento, seu conteúdo varia e é uma questão empírica.

Feminismo¹⁷: O feminismo é um movimento que luta pela igualdade social de direitos para as mulheres e busca combater o modelo social baseado no patriarcado e os abusos e a violência contra as mulheres.

Foucaultiana¹⁸ Foucault nos situa no contexto de uma sociedade marcada pela constituição de múltiplos discursos sobre o sexo e acerca de elementos e categorias que a ele se entrelaçam. O filósofo afirma que, diante das contínuas transformações ocorridas durante os últimos séculos, a humanidade presenciou uma verdadeira explosão discursiva em torno do sexo, caracterizada pela decomposição de uma

relativa unidade, que deu lugar a discursividades distintas.

LGBT¹⁹: O movimento político e social de luta pelos direitos das pessoas de orientação sexual ou identidade de gênero não prestigiadas socialmente sofreu inúmeras transformações ao longo do tempo. A antiga sigla GLS (que englobava gays, lésbicas e simpatizantes) deixou de ser utilizada, sendo substituída pela expressão LGBT. E com a posterior inclusão de outras representações, a sigla cresceu e hoje incorpora novas letras carregadas de significado e importância para o movimento.

LGBTQIAPN+²⁰: Ultimamente a sigla mais usada para se referir à comunidade é que contempla boa parte da diversidade de gêneros, identidades e orientações sexuais que compõem o grupo — entre eles: há lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais. Para cada letra, há histórias de lutas.

Lógica Patriarcal²¹: Refere-se a um sistema de pensamento e organização social baseado em uma estrutura de poder desigual, onde os homens, especialmente os homens cisgêneros e brancos, detêm o poder e a autoridade, enquanto as mulheres e outras identidades de gênero marginalizadas são subordinadas ou

¹⁶Disponível em: <https://www.cidp.pt/revistas/ridb>
Acesso em 20 nov. 2024.

¹⁷Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo/>
Acesso em 20 nov. 2024.

¹⁸Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/262>
Acesso em 20 nov. 2024.

¹⁹Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597276/2/GUIA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20DAS%20PESSOAS%20LGBTQIA%2B.pdf>
Acesso em 20 nov. 2024.

²⁰Disponível em: <https://oglobo.globo.com/>
Acesso em 20 nov. 2024.

²¹Disponível em: <https://chatgpt.com/>
Acesso em 20 nov. 2024.

oprimidas. Essa lógica patriarcal não se manifesta apenas em ações ou comportamentos explícitos de dominação, mas também está enraizada em normas sociais, culturais e políticas que perpetuam desigualdades de gênero.

Meritocracia²²: É um sistema social no qual a hierarquia é baseada no merecimento e esforço, em que a mobilidade e ascensão está diretamente relacionada ao desempenho individual, invisibilizando e negando os esforços coletivos (grifo nosso)

Mulheres trans²³: Transexuais, a mais popular entre elas, são pessoas que possuem o gênero oposto ao designado pelo seu sexo biológico. Pessoas do sexo masculino que se identificam, experimentam e vivenciam o gênero feminino, são denominadas mulheres trans. O oposto são os homens trans.

Mulheridade²⁴: descreve a qualidade de gênero mulher. Podendo ser cis, trans ou pertencente a outra modalidade de gênero. O sexo ou a corporeidade de uma mulher pode ser muleriane ou não (no caso de intersexo ou wolffiane). Wolffian ou wolfian é um termo alternativo às categorias "sexo masculino", "homem biológico" e "macho" como sexo fenotípico (alternativamente genotípico/gené ...).

Não binária²⁵: Basicamente, se refere

a pessoas que não se identificam nem 100% como homem, nem 100% como mulher. Nesse debate, o processo de empoderamento é apresentado a partir de dimensões da vida social em três níveis: psicológica ou individual; grupal ou organizacional; e estrutural ou política. O empoderamento pessoal possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e da liberdade. O nível grupal desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade. O empoderamento estrutural favorece e viabiliza o engajamento, a corresponsabilização e a participação social na perspectiva da cidadania.

Performatividade²⁶: é o que permite e obriga o sujeito a se constituir enquanto tal. A partir deste ponto, o debate sobre o ato de fala como um ato corporal leva aos problemas da identidade.

Performatividade²⁷: é o que permite e obriga o sujeito a se constituir enquanto tal. A partir deste ponto, o debate sobre o ato de fala como um ato corporal leva aos problemas da identidade.

Regamentos institucionais²⁸ As regras institucionais definem recursos importantes nas mãos do Poder Executivo,

²² Disponível em: <https://www.politize.com.br/meritocracia/> Acesso em 20 nov. 2024.

²³ Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/transgeneros/> Acesso em 20 nov. 2024.

²⁴ Disponível em: <https://diversidades.fandom.com/pt-br/wiki/Mulheridade> Acesso em 20 nov. 2024.

²⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br> Acesso 30 de dezembro 2024

²⁶ Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502007000100001> Acesso em 20 nov. 2024.

²⁷ Disponível em: <https://www.scielo.br/delta> Acesso em 20 nov. 2024.

²⁸ Disponível em: <https://www.teses.usp.br> Acesso em 20 nov. 2024.

os quais servem como mecanismo de controle sobre o processo decisório da instituição.

Sexismo²⁹: discriminação de pessoas ou de grupos de pessoas de determinado sexo, feita com base em noções de superioridade de um sexo sobre o outro (geralmente do masculino sobre o feminino); tendência para associar determinados comportamentos, capacidades e/ou papéis sociais convencionais a cada um dos sexos

Transexual/Transgênero³⁰: - Pessoa que nasce com o sexo biológico diferente do gênero com que se reconhece. Essas

pessoas desejam ser reconhecidas pelo gênero com o qual se identificam. Vale lembrar que o que determina se uma pessoa é transexual é a identidade, independente da realização de qualquer processo cirúrgico. / Termo genérico que engloba qualquer pessoa que se identifique com o gênero diferente do sexo de nascimento.

Travesti³¹: Trata-se de uma construção de gênero feminino oposta ao sexo designado no nascimento, seguida de uma construção física, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal por meio dessa identidade.

²⁹ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sexismo> Acesso em 20 nov. 2024.

³⁰ Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597276/2/GUIA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20DA%20PESSOAS%20LGBTQIA%2B.pdf> Acesso em 20

nov. 2024. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597276/2/GUIA%20DE%20INCLUS%C3%83O%20DA%20PESSOAS%20LGBTQIA%2B.pdf> Acesso em 20 nov. 2024.

